

REVISTA DA ACADEMIA  
NORTE-RIO-GRANDENSE  
DE LETRAS



REVISTA DA ACADEMIA  
NORTE-RIO-GRANDENSE  
DE LETRAS



Nº 46  
Natal, Janeiro/Março – 2016

## REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: Manoel Onofre Jr.

Editor: Thiago Gonzaga

Diagramação e capa: Diolene Machado/ CJA Edições

---

Catálogo na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

---

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – n.46  
(mar. 1951 - ). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Irregular.

Número atual: 46, jan./mar.2016.

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-Rio-Grandense de  
Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

---

Offset Editora

Rua General Gustavo Cordeiro de Faria, 160 - Ribeira - Natal/RN - 59012-570

(84) 3344.3990 - editora@offsetgrafica.com.br

# Sumário

## ARTIGOS E ENSAIOS

### **Academia no feminino**

Diva Cunha.....13

### **Macbeth Nordestino**

*Diógenes da Cunha Lima*..... 34

**Zila Mamede e José Mindlin, breve relato da correspondência e de amizades (e como se prepararam os originais da bibliografia de João Cabral de Melo Neto) (1)**

*Gustavo Sobral*.....36

### **Sobre um romance premiado de Estevão Azevedo**

*Nelson Patriota*..... 51

### **Livro de louvor de Paulo de Tarso Correia de Melo**

*Maria do Sameiro Barroso*..... 54

### **Algumas impressões sobre a imprensa humorística em Natal na belle époque**

*Cellina Rodrigues Muniz*..... 59

### **Os acadêmicos e o modernismo**

*Antonio Carlos Sechin*..... 77

### **Não há motivo: Musicalidade e estranhamento - os aspectos lírico-contemporâneos da poesia de João Andrade**

*Leocy Saraiva*..... 81

### **José de Anchieta Ferreira: visão aguçada para fatos históricos-**

*David de Medeiros Leite*..... 94

### **Ao mestre Américo, com carinho**

*Carlos Roberto de Miranda Gomes*..... 98

### **Poesia sem palavras**

*Thiago Gonzaga*..... 104

### **“Sacerdos in aeternum” (sacerdote para sempre)**

*Padre João Medeiros Filho*..... 107

### **Está escrito nas estrelas**

*Valério Mesquita*..... 109

### **A Praia da Pipa na cartografia do século XVI - 1. De João de Lisboa a Theodoro de Bry**

*Françisco Fernandes Marinho*..... 112

7-  
LÍ  
R/

8-  
CO

9-  
D.

10

11  
M

12

13  
BO

14

15  
LC

16  
D

C

<b>Que fizeram do nosso rádio?</b>	
<i>Eider Furtado</i> .....	120
<b>A parede de fósseis de Vingt-un Rosado</b>	
<i>Benedito Vasconcelos Mendes</i> .....	123
<b>O tenentismo e os ataques da Coluna Prestes no Rio Grande do Norte (2)</b>	
<i>Tomislav R. Femenick</i> .....	129

## CRÔNICAS

<b>Chico Doido</b>	
<i>Sônia Faustino</i> .....	142
<b>Quem danado é Ticiano?</b>	
<i>Armando Negreiros</i> .....	143
<b>Lembrando uma cirurgia não realizada</b>	
<i>Jahyr Navarro</i> .....	146
<b>Meu pai na memória</b>	
<i>Lívio Oliveira</i> .....	148
<b>Sobre um pé de jasmim-laranja</b>	
<i>Paulo Bezerra</i> .....	151

## POEMAS

<b>No nascimento do meu neto - Nano, Nenê</b>	
<i>Jarbas Martins</i> .....	154
<b>Confiteor</b>	
<i>Jarbas Martins</i> .....	155
<b>Aquilo que não foi</b>	
<i>Elder Heronildes</i> .....	156
<b>Poema pra Andrea Dore</b>	
<i>José Delfino</i> .....	177
<b>Camanáu</b>	
<i>Olga Savary</i> .....	163
<b>Cinco haicais de Sânzio de Azevedo</b> .....	164

## NOVOS ACADÊMICOS

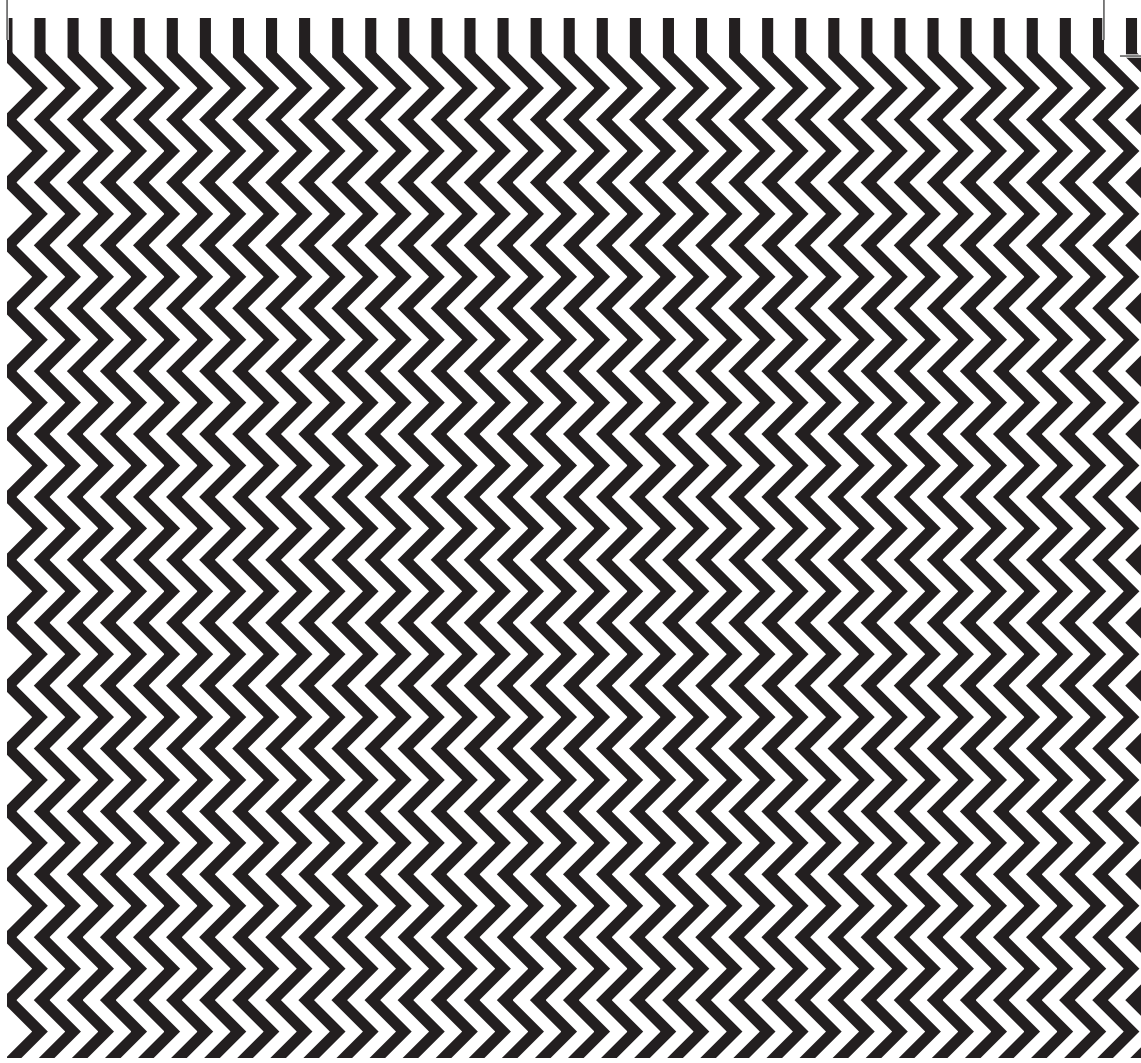
<b>Saudação ao Acadêmico Marcelo Navarro Ribeiro Dantas pelo Acadêmico Jurandyr Navarro.....</b>	<b>166</b>
<b>Discurso de posse do Acadêmico Marcelo Navarro Ribeiro Dantas.....</b>	<b>173</b>

## NECROLÓGIOS

<b>Professor Hermógenes</b>	
<i>Manoel Onofre Jr.....</i>	<i>182</i>
<b>Agnelo Alves</b>	
<i>Pe. João Medeiros Filho.....</i>	<i>188</i>







# ARTIGOS E ENSAIOS



# ACADEMIA NO FEMININO

*Diva Cunha*

A Academia Norte-rio-grandense de Letras foi fundada em 1936, por iniciativa de um grupo de intelectuais, tendo à frente Luís da Câmara Cascudo. O primeiro presidente dessa instituição foi Henrique Castriciano, que escolheu como patrona de sua cadeira a escritora Nísia Floresta. A Academia começou com vinte e cinco cadeiras e seus respectivos patronos e acadêmicos; em 1943, esse número foi elevado para trinta cadeiras e, depois para quarenta, o que atesta o desenvolvimento intelectual do estado. Pioneiramente, entre os patronos escolhidos, estavam três mulheres:

Nísia Floresta – cadeira número 2 -;

Isabel Gondim – cadeira número 8 -;

Auta de Souza – cadeira número 20.

Registra Veríssimo de Melo<sup>1</sup>, quando da eleição de Maria Eugênia Montenegro, que “A presença do sexo feminino em nosso cenáculo de letras é norma estatutária desde a fundação e já duas acadêmicas, Palmyra e Carolina Wanderley honram a nossa casa de cultura”.

A Academia Brasileira de Letras demorou a render-se à importância do talento intelectual das mulheres. Apenas em 1977 essa lacuna foi preenchida, com a eleição de Rachel de Queiróz (1910--2003). E a Academia Francesa (1635), inspiradora das nossas, elegeu sua primeira acadêmica a escritora belga-francesa Marguerite Yourcenar (1903--1987) apenas em 1980.

Considero uma atitude louvável da Academia Norte-rio-grandense de Letras ter reconhecido, já em sua fundação, o valor da atividade intelectual da mulher potiguar, registrando que, entre seus fundadores, estava Juvenal Lamartine<sup>2</sup>, homem esclarecido e defensor dos direitos das mulheres. Creio que a influência de Lamartine foi fundamental para o pioneirismo da ANRGL.

patronas

## NÍSIA FLORESTA

*“Educai o coração da mulher, esclarecei seu intelecto com o estudo de coisas úteis e com a prática dos deveres, inspirando nela o deleite que se experimenta ao cumpri-los; purgai a sua alma de tantas nocivas frivolidades pueris de que se acha rodeada mal abre os olhos à luz.*

*Cessai aqueles tolos discursos com os quais atordoais sua razão, fazendo-a crer que é rainha, quando nada mais é que a escrava dos vossos caprichos”*

“A mulher”<sup>3</sup>

Essas palavras, tão atuais, ainda, foram escritas por uma norte-rio-grandense, Nísia Floresta, em meados do século XIX, época em que a maioria das mulheres era mantida analfabeta, ou semianalfabetas -- no caso das mulheres da elite -- e vivia trancafiada em casa, vítima dos preconceitos, e submetida à autoridade paterna.

O nome dessa extraordinária figura era Dionísia Gonçalves Pinto, que adotou, na maior parte de seus escritos, o pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta. Com esse nome, ela homenageava o local onde nascera, a fazenda Floresta, situada em Papary, interior do estado hoje chamado de Nísia Floresta, seu país, o Brasil, e o companheiro de coração, pai de seus dois filhos, Manuel Augusto de Farias Rocha.

A militância nisiana em defesa dos direitos das mulheres começou bem cedo, no Recife, Pernambuco, e tinha como viga mestra a luta sem tréguas por uma educação de qualidade, que estimulasse e desenvolvesse a capacidade intelectual da mulher e a tornasse apta a assumir o papel de sujeito de sua história. Esse trabalho de conscientização foi exercido em duas frentes: em numerosos artigos publicados na imprensa, questionando as razões de manter-se a mulher alienada e limitada às funções domésticas, e no magistério particular das meninas. A publicação, em 1832, do livro *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*, numa tradução livre, adaptada ao caso brasi-

leiro, do livro *Vindications of the right of woman*, da escritora inglesa Mary Wollstonecraft, foi o ápice da ação desse momento.

Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, para onde segue Nísia com a família, acompanhando o marido, foi sua próxima parada. Lá nasce seu segundo filho e morre Manuel Augusto, com apenas 26 anos. Apesar do sofrimento, a escritora não desiste de seus ideais e continua o trabalho de questionamento da sociedade patriarcal, por intermédio dos jornais e revistas, ressaltando a imensa contradição de não se levar em conta o potencial feminino e relegarem-se as mulheres aos afazeres domésticos ou, no caso da elite, à ociosidade. A segunda edição do livro *Direitos das mulheres e injustiças dos homens* foi lançada, em 1933, naquela cidade.

No Rio de Janeiro, centro político do Brasil na época, para onde se transferiu, Nísia Floresta põe em prática as teorias que vinha desenvolvendo sobre a educação feminina e funda o Colégio Augusto, para moças, no qual propõe um novo currículo, que privilegia as disciplinas intelectuais. Por outro lado, continua a ofensiva pela imprensa, polemizando com setores mais conservadores da sociedade. Nísia Floresta sabia que a polêmica é fundamental para a evolução das mentalidades e não se intimidava.

Em 1849, movida pelo desejo de aprender e viver novas experiências e, talvez, desejosa de escapar do ambiente limitado da cidade, Nísia cruza o Atlântico com os filhos para passar uma temporada na Europa. Em Paris, frequenta as Conferências do mestre do Positivismo, Augusto Comte, com quem faz amizade e passa a manter correspondência. Quase três anos depois, volta ao Rio e retoma suas atividades, acrescentando a sua obra, além dos livros empenhados na educação feminina, ensaios, contos e também relatos de viagem, em que reflete sobre a vida em outros países.

A morte da mãe, companheira e incentivadora, parece assinalar, simbolicamente, o desligamento de Nísia Floresta do país, ela encerra então as atividades do Colégio Augusto e volta para a Europa, acompanhada da filha Lívia. Viajam por várias cidades e países. A escritora relaciona-se com intelectuais e publica obras em francês e italiano, tendo, inclusive, um livro adotado como leitura obrigatória nas escolas italianas. Um texto nisiano é traduzido para o inglês por sua filha

e, com o título “Woman”, é publicado em Londres. A revista *Mundo Novo* de Nova York publica uma nota biográfica sobre a autora.

Voltou ainda ao Brasil, para rever a família, mas estabeleceu residência em Rouen ( França), onde faleceu em 1885.

Erudita, revolucionária e pioneira, Nísia Floresta Brasileira Augusta abençoa a cadeira nº 2 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

### **Obra publicada.**

*Direitos das mulheres e injustiças dos homens* ( Recife, 1932; Porto Alegre, 1833; Rio de Janeiro; 1839).

*Conselhos à minha filha* (Rio de Janeiro, 1842; Rio de Janeiro, 1845, Firenze, 1858; Mandovi, 1859; Paris, 1859).

*Fanny ou modelo das donzelas* (novela; Rio de Janeiro, 1847).

*Daciz, ou a jovem incompleta* (Novela; Rio de Janeiro, 1847).

*Discurso às suas educandas dirigido Nísia Floresta* (Rio de Janeiro, 1847).

*Pensamentos*. (Poemas, Rio de Janeiro, 1850).

*A Lágrima de um Caeté* (Poema, Rio de Janeiro, 1849; Florença, 1860).

*Dedicação de uma amiga* (Romance, dois volumes; Niterói, 1850)

*Opúsculo Humanitário* (Ensaio sobre educação; Rio de Janeiro, 1853).

*Itineraire d’um Voyage em Allemagne* (Paris, 1857).

*Scintille d’ un anima brasiliana* (Ensaio; Florença, 1859).

*Trois ans em Italie, suivis d’um Voyage em Grece* ( Paris, 2 vol. 1864 e 1867).

*Woman* (Ensaio, Londres, 1865).

*Le Brésil* (Ensaio, Paris, 1871).

*Fragments d’ un ouvrage inédit – Notes biographiques* (Biografia; Paris, 1878)

### **Publicações póstumas**

*Fanny ou O modelo das donzelas*. In OSÓRIO, Fernando. *Mulheres Farrroupilhas*. Porto Alegre: Globo , 1935).

*A lágrima de um Caeté*. In *Revista das Academias de Letras*. Apresenta-

ção de Modesto de Abreu. Rio de Janeiro: Janeiro de 1938.

*Itinerário de uma viagem à Alemanha.* Trad. Francisco das Chagas Pereira. Natal: Editora Universitária da UFRN, 1982.

*Direito das mulheres e injustiça dos homens.* 4 ed. Apresentação, notas e posfácio de Constância Lima Duarte. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

*Opúsculo Humanitário.* 2 ed. Introdução e notas de Peggy Sharpe – Valadares. Posfácio de Constância Lima Duarte. São Paulo : Cortez Editora, 1989.

*A lágrima de um Caeté.* Estudo e notas de Constância Lima Duarte. Natal : Fundação José Augusto, 1997.

*Cintilações de uma brasileira.* Edição bilíngue Trad. Michelle Vartulli. Apresentação e notas biográficas de Constância Lima Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997.

*Itinerário de uma viagem à Alemanha.* 2 Ed. tradução Francisco das Chagas Pereira. Estudo e notas biográficas de Constância Lima Duarte. Natal: Editora da UFRN, 1999.

*Fragmentos de uma obra inédita.* Notas Biográficas. Trad. Nathalie Bernardo da Câmara. Apresentação de Constância Lima Duarte. Brasília: Editora da UnB, 2001.

*Cartas de Nísia Floresta & Augusto Comte.* Trad. Miguel Lemos e Paula Berinson. Organização e notas Constância Lima Duarte. Florianópolis : Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

*Inéditos e dispersos de Nísia Floresta.* Org. Constância Lima Duarte. Natal : Editora da UFRN, 2009.

## ISABEL GONDIM

A segunda patrona da Academia Norte-rio-grandense de Letras é Isabel Gondim, nascida em 1839 e natural de Papary, hoje chamado de Nísia Floresta.

Em 1886, Isabel Gondin prestou concurso para professora do ensino primário. Ensinou a gerações de norte-rio-grandenses e contribuiu para a formação de uma mentalidade cidadã. Escreveu, sem repercussão e sem reconhecimento, sobre os temas que lhe eram caros: educação feminina, aspectos da história pátria, etc. Foi tam-

bém a tutora responsável de seus irmãos e soube, com pertinácia, construir um patrimônio para os seus.

O autorretrato poético a seguir atesta o talento dessa mulher, que manteve, em Natal, um salão, onde reunia grupos para tertúlias literárias, animando a vida provinciana:

O meu retrato aos 24 anos de idade

Morena. rósea tez macia e fina;  
Estatura mean, busto delgado;  
O corrido cabelo acastanhado  
Com as sobrancelhas e os olhos se combina.

(...)

Aos preconceitos do tempo pouco afeita:  
Eis esboçada aqui minha figura  
Não sei se verdadeira ou contrafeita.<sup>4</sup>

Sócia do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e sócia correspondente do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, sua atividade preenche uma lacuna, afirmando a presença intelectual feminina na vida potiguar.

**ISABEL GONDIM** faleceu, em Natal, a 10 de junho de 1933.

### **Obras publicadas**

*Reflexões às minhas alunas.* (Rio de Janeiro, 1874; 2 ed. Natal, 1879; 3 ed. Natal, 1910).

*O Brasil – poema histórico do País.* (Natal, 1903; 2 ed. Rio de Janeiro, 1913).

*Sedição de 1817 na Capitania, ora Estado do Rio Grande do Norte.* (Natal, 1908).

*O Sacrifício do amor – Drama Histórico em 5 atos.* (Rio de Janeiro, 1909).

*A lyra singela – Composições Metrificadas.* (Natal, 1933).

*O Preceptor- Poesia.* (Recife, 1923).



## AUTA DE SOUZA

A terceira patrona da Academia Norte-rio-grandense é a poeta Auta de Souza, cuja voz, lá de longe, ecoa dolorosa:

### Agonia do coração

Estrelas fulgem da noite em meio  
Lembrando círios louros a arder...  
E eu tenho a treva dentro do seio...  
Astrosvelai-vos, que eu vou morrer!

Ao longo cantam. São almas puras  
Cantando à hora do adormecer...  
E o eco triste sobe às alturas...  
Moças! Não cantem, que eu vou morrer!

Pássaros tremem no ninho santo  
Pedindo a graça do alvorecer...  
Enquanto eu parto desfeita em pranto...  
Aves! suspirem que eu vou morrer!

De lá do campo cheio de rosas  
Vem um perfume de entontecer...  
Meu Deus! que mágoas tão dolorosas  
Flores! fechai-vos que eu vou morrer!<sup>5</sup>

Auta nasceu em Macaíba, em 1876, e faleceu em Natal, fevereiro de 1901, com apenas 24 anos, vítima da tuberculose, doença que a fizera órfã na mais tenra infância. A morte prematura não lhe permitiu amadurer completamente a técnica de sua arte. Deixou um único livro, *Horto*, conjunto de poemas que dramatizam os passos de sua paixão—alegres, nos breves momentos “saúde”, porém em geral melancólicos, quando não profundamente tristes, os quais tematizam a morte.

A religião oferece-lhe o exemplo do sacrifício divino pela humanidade e ensina-lhe a sublimar o impulso vital, transferindo para o céu as expectativas abortadas na terra. Por esse traço marcante de sua produção, Auta foi caracterizada como poetisa mística, e seus poemas divulgados nos colégios católicos. O povo cantava suas poesias como benditos, e ela desfrutava de uma popularidade que, na verdade, merecia não apenas pela religiosidade, mas pelas virtudes literárias de sua poética,— espontânea, simples e sentida, calcada na dor imensa de viver sitiada pela morte, sem trégua e sem paz.

Os irmãos, Eloy de Souza e Henrique Castriciano, pertencentes à elite político-cultural do estado, foram os principais divulgadores da obra de Auta de Souza em todo o Brasil.

A poetisa colaborou também para diversos jornais e revistas de seu tempo e mereceu de Câmara Cascudo uma emocionada biografia — *Vida breve de Auta de Souza*--que necessita ser reeditada.

Auta de Souza foi adotada pela doutrina espírita e teve livros psicografados. <sup>7</sup> Mas essa é outra história, que não cabe aqui.

### **Obra Publicada**

*Horto*. Prefácio de Olavo Bilac. Rio de Janeiro : 1900.

*Horto*. Ilustração e capa de D.O. Widhopff. 2 ed. Paris: Typographie Aillaud, Alves & Cia. Boulevard Montparnasse,96, 1910.

*Horto*. Prefácio de Alceu Amoroso Lima. 3 ed. Rio de Janeiro: Tip. Batista de Sousa, 1936.

*Horto*. 4 ed. Natal: Fundação José Augusto, 1964.

*Horto*. 5 ed. Natal: EDUFRN, 2011.

*Horto*, outros poemas e ressonâncias. Obras reunidas. Inclui CD-ROM Noite Auta Céu Risonho – Documentário sobre Auta de Souza. Natal : EDUFRN, 2009.

## ACADÊMICAS

### **CAROLINA WANDERLEY**

Carolina Wanderley foi a primeira ocupante da cadeira nº 6, cujo patrono era seu pai, Luís Carlos Lins Wanderley, e tomou posse

em 1949. Nasceu em Assú, em 1891, e faleceu em Natal, em 1975. Professora e colaboradora atuante da imprensa, fundou, com sua prima Palmyra, a revista *Via-Láctea*, projeto que foi sustentado pelo dinamismo da dupla Wanderley e teve ampla repercussão entre as moças do tempo.

Carolina participou ativamente das lutas femininas do estado pelo direito do voto e empenhou-se na defesa da educação da mulher, escrevendo muitos artigos sobre esse tema. Publicou dois livros de poema: *Alma em Versos* (1919) e *Rimário Infantil* (1926), este último dedicado a seus alunos.

Os poemas, contidos e irônicos, de Carolina iluminam alguns aspectos da vida feminina e revelam a sensibilidade apurada da poetisa:

Ao meu espelho

Meu velho companheiro  
Amigo verdadeiro,  
Por que és assim exato  
Quando, ao fitar-te, mostras-me o retrato?  
Tua sinceridade  
Que tristeza me traz!  
Olha, entre nós, humanos a verdade  
Hoje não se usa mais.  
Imita os corações  
Que nos enchem de sonho, de ilusões  
E de quimeras mansas,  
Engrinaldando a vida de esperanças  
É ocultam a glacial indiferença  
Que apenas sentem que se mostrassem,  
Se não nos enganassem,  
Haviam de nos dar tanto desgosto,  
Causar tanto descrença,  
Como sinto se em ti vejo o meu rosto!  
(...)  
(Alma em Versos)<sup>8</sup>

### Obras publicadas

*Alma em versos*. Natal: 1919.

## PALMYRA WANDERLEY

A primeira ocupante da cadeira de Auta de Souza, número 20, foi Palmyra Wanderley, “a voz feminina mais sensível e constante da imprensa natalense na primeira metade do século XX”, segundo Veríssimo de Melo.<sup>8</sup> A poetisa tomou posse em 1937, quando da instalação definitiva da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Além das frequentes colaborações nos jornais e revistas, a poeta fundou, juntamente com sua prima Carolina Wanderley e outras sócias, a revista *Via-Láctea*, que circulou no estado entre os anos de 1914 e 1915.

Em 1918, Palmyra publica o livro de poesia *Esmeralda* e, em 1929, *Roseira Brava*, que recebeu menção honrosa da Academia Brasileira de Letras. Escreveu também crônicas, peças teatrais e contos, material inédito e talvez já definitivamente perdido.

O volume *Roseira Brava* reúne o melhor da produção poética palmyriana, entre sonetos e versos livres à moda modernista. A paisagem da cidade provinciana, que se estirava vagarosamente entre o rio e o mar, é o *leit-motiv*”, maior dessa poeta ecológica, *avant la lettre*, que visita com olhos panteístas os bairros, as praias, o rio, a lagoa e outros lugares, fazendo dos poemas altares de culto à exuberante natureza tropical.

Faltou, infelizmente, a Palmyra uma navalha afiada que podasse os excessos derramados e sentimentais de alguns textos. Mas tal falha tem muito mais a ver com as limitações intelectuais de uma moça de seu tempo, educada para a vida doméstica e sem grandes pretensões literárias. E também com ausência de uma crítica literária sistemática e construtiva que orientasse os autores do estado.

Daqui deste novo século, desta cidade emparedada em concreto, resta-nos o consolo de sua voz, que resgata um quadro idílico, quase campestre, de uma Natal menina e moça:

Tirol é direitinho uma paisagem bíblica

(...)

Madrugada alta. Quase manhãzinha  
A estrela da Alva já se vai embora.  
Aboio de vaqueiro  
Não sei de onde,  
Vem encher os caminhos  
(...)

Nuns quadros tão singelos,  
As banhistas  
Chupam cajus vermelhos  
E amarelos,  
Apanhados ali.  
Chiado de folhas secas  
Pela estrada florida.  
Cheiro de baunilha e resina  
Vem da manhã quase nascida.  
Manhã.  
Canta um galo muito alto.  
Um cão de raça late.  
A casa de farinha despertou...  
O dia, ainda incerto, recomeça.  
Abre-se ali por perto,  
Um bangalô.  
É a vida!  
(...)  
(Roseira Brava p.)<sup>9</sup>

**PALMYRA WANDERLEY** nasceu, viveu e morreu em Natal, entre os anos de 1894 e 1978.

### **Obras publicadas**

*Esmeraldas*. Natal : Tipografia comercial, 1918.

*Roseira Brava*. Recife: Editora d' A Revista da Cidade: 1929. ( 2 ed. Natal: Fundação José Augusto, 1965).

## MARIA EUGÊNIA MONTENEGRO

Mineira de Lavras (1915), Maria Eugênia chegou ao Rio Grande do Norte aos vinte e poucos anos, indo residir, recém-casada, numa fazenda em Ipanguassu então município do Assu. O exercício literário – leitura e escritura – nascerá, como ela própria reconhece, do isolamento, do estranhamento da paisagem e da saudade de sua terra e de seus familiares. O resgate da infância e da adolescência na bucólica cidade de origem será o tema do primeiro volume publicado pela acadêmica: *Saudade, teu nome é menina* (1962).

Maria Eugênia publicou diversos livros de contos, crônicas, romance, além de pesquisas sobre as tradições assuenses. Alguns de seus livros são dirigidos ao público infantil. Destacamos, de *Azul Solitário*, (1967)<sup>10</sup> o poema abaixo, que reflete sobre o tema da velhice:

Poema do entardecer

Olho-me no espelho  
Não me canso de me olhar.  
Aquele que procuro se escondeu  
Onde? Em que lugar?

E o tempo não perguntou a mim  
Se desejo ou não envelhecer assim

Fico me olhando sem entender  
O porque das rugas, dos olhos baços,  
Os cabelos brancos e dos braços flácidos

E o tempo não perguntou a mim  
Se desejo ou não envelhecer assim  
(Azul Solitário)<sup>11</sup>  
(...)

**MARIA EUGÊNIA MONTENEGRO** tomou posse na cadeira, número 16, da Academia Norte-rio-grandense de Letras em 1972. Pertenceu também à Academia Lavrense de Letras. Foi prefeita de Ipanguaçu e diretora de colégio em Assu, onde faleceu, em 2006.

## Obras publicadas

*Saudade, teu nome é menina: memórias de uma menina feia.* Prefácio de Câmara Cascudo. Natal : Imprensa e Gráfica do Serviço de Assistência Rural, 1962.

*Azul solitário.* Poesia. Prefácio de Nei Leandro de Castro. Natal: Fundação José Augusto, 1967.

*Alfar, a que está só.* Prosa. Natal : Imprensa Universitária, 1967.

*Lavras – Terra de Lembranças.* Memórias. Lavras, M.G. : Universidade Federal de Lavras, 1968.

*Lembranças e tradições do Açú.* Prosa. Natal : Fundação José Augusto, 1978.

*Lourenço, o sertanejo.* Prosa. Açú, R.N. ; Edição do Autor, 1966.

*Todas as Marias.* Contos. Natal : Fundação José Augusto, 1966.

*Perfil do poeta João Lins Caldas.* Ensaio. s/d.

*Andorinha sagrada de Vila Flor.* Literatura Infantil. Natal: Cerne, s/d.

*Porque Américo ficou lelé da cuca.* Literatura Infantil. Natal: s/d.

## ANNA MARIA CASCU DO BARRETO

Anna Maria Cascudo Barreto nasceu em Natal (RN), em 1936, e faleceu nessa cidade, em 2015. Era filha do escritor Luís da Câmara Cascudo. Em 2005, tomou posse da cadeira nº13, ocupada primeiramente por seu pai, um dos fundadores da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Anna Maria Cascudo formou-se em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, exercendo os cargos de promotora e procuradora do Ministério Público. Pertenceu a várias instituições culturais, entre elas a Academia Feminina de Letras, a Academia Jurídica do Rio Grande do Norte e o Conselho de Cultura do Estado. Além disso, era também sócia correspondente da Academia de Letras de São Paulo.

Jornalista dotada de um texto leve e espontâneo, Anna Maria co-

laborou para a imprensa da terra, principalmente no colonismo social. Nessa área, publicou dois volumes—o segundo postumamente—sobre mulheres norte-rio-grandenses consideradas por ela como notáveis.

Sua produção destaca-se pelo resgate da memória do escritor Câmara Cascudo sob uma ótica afetiva e cotidiana: o pai, o amigo, o amigo dos amigos, o intelectual e o boêmio, circulando na província mas antenado com o mundo.

Criou, juntamente, com as filhas, Daliana e Camila, o Instituto Ludovicus, no histórico casarão pertencente à família, o qual se propõe estimular pesquisas e conservar viva a memória de nosso mais fecundo e importante escritor.

### **Obras publicadas**

*Mulheres especiais*. São Paulo, Global Editora, 1º volume, 2003; Natal, SESC, 2º volume, 2015. (obra póstuma).

*O Colecionador de crepúsculos*. Brasília, Gráfica do Senado Federal, 2003.

*Neblina na Vidraça*. São Paulo, Editora Global, 2005.

*Sinfonia de Cristal*. Natal, Quatro Cores Gráfica e Editora, 2008.

*Coronel Cascudo, o herói oculto*. Natal, Ludovicus, Edufrn, 2010 .

*Teotônio Freire, Fragmentos de um Legado*. (Parceria com Francisco Anderson). Natal, RN: Instituto Câmara Cascudo, 2012.

## **SÔNIA FERNANDES FAUSTINO**

Sônia Fernandes Faustino nasceu em Pau dos Ferros (RN), em 1944. Ocupa a Cadeira número 24, da qual tomou posse em 2005.

Formada em Direito, cursou também Pedagogia e fez mestrado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Posteriormente, fez curso de pós-graduação na Universidade de Brasília, o que resultou no livro *Câmara Cascudo: um autor consagrado* (1986).

Sônia Faustino é professora aposentada do Departamento de Educação da UFRN, é membro da Academia Jurídica e pertence ao Conselho de Cultura do Estado.

A escritora publicou diversos livros, entre eles um volume de memórias sobre sua mãe e alguns de poesia. Exercita-se na delicada arte das aquarelas, que emolduram seus versos. Seu livro *Flores para*



*Auta de Souza* é, desde o título, um feliz encontro poético entre vozes femininas, separadas por um século, tempo que fez toda a diferença para história das mulheres e do mundo.

Destacamos alguns quartetos desse momento lírico:

“Auta menina  
Sentia e tecia  
Na vida breve  
Delicada poesia  
(...)  
Aura de amor  
Alma tão nua  
Estrela e flor  
Ao clarão da lua  
(...)  
Quem na inocência  
Compõe poesia  
Colhe essência  
De pura magia”

(*Flores para Auta de Souza*)<sup>12</sup>

### **Obras publicadas:**

*Cadernos de Introdução à Educação*. Natal, SEEC/UFRN, 1978;  
*Sonância* (poesia). Natal, Clima, 1983;  
*Câmara Cascudo – Um autor consagrado*. Natal, Clima, 1986.  
*O Brasil em busca da modernidade política*. Natal, Segráf, 1990;  
*Rosa La France* (biografia). São Paulo, Massao Ohno, 1999;  
*A Magia de Pipa* (Rapsódia). Brasília, Projecto Editorial, 2001;  
*A Magia da Costa Branca* (rapsódia), Natal, RN Econômico, 2003;  
*Ressonância* (poesia). Natal, Sebo Vermelho, 2004;  
*Iluminuras* (discursos e pesquisa biográfica) Sônia e outros, Natal, RN Econômico, 2005;  
*Flores para Auta de Souza*. Natal, RN: Editora do Autor, 2009.  
*Bordados*. Natal, RN Econômico, 2013.  
*Escrituras do Brasil profundo e outros sítios*. Natal, RN Econômico, 2015.

## AMÉRICA FERNANDES ROSADO MAIA

América Rosado Maia nasceu em Paço Fundo (MG), em 1922, mas foi em Mossoró (RN), onde veio residir após o casamento, que desenvolveu seu potencial intelectual. Formou-se em Serviço Social; em seguida fez curso de especialização em Sociologia do Desenvolvimento, na Universidade Federal do Ceará; e, anos depois mestrado, em Piracicaba (SP), sobre, comunidades rurais brasileiras. Esses cursos foram fundamentais para sua carreira de professora universitária na Escola Superior de Agricultura de Mossoró.

A escritora pertenceu a diversas associações, como a Academia Mossoroense de Letras, a Academia Feminina de Letras do Rio Grande do Norte e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Em março de 2009, tomou posse da Cadeira número 38, da Academia Norte-rio-grandense de Letras, a qual havia sido ocupada por seu marido, Vingt-Un Rosado. Faleceu em dezembro desse mesmo, ano em Mossoró.

### Obras publicadas.

1977 – *Ação Precursora do Rio Grande do Norte*

1977 – *Alguns subsídios à saga quase centenária da Abolição Mossoroense* (em parceria com Vingt-Un Rosado)

1989 – *A guerra Santa de uma vida consagrada aos ideais de humanidade.*

1991 – *Vingt-Un na ótica dos seus familiares.*

1993 – *Dicionário do pioneirismo de Vingt-Un Rosado.*

1994 – *Antologia sobre Vingt-Un Rosado.*

1997 – *Graciliano Ramos e Mossoró* (parceria com Vingt-Un Rosado).

1997 – *Há 70 anos, uma professora de Mossoró entrava para a História do Brasil.*

## DIVA MARIA CUNHA PEREIRA DE MACÊDO

A acadêmica Diva Maria Cunha Pereira de Macêdo (Natal-RN — 1947) ocupa a Cadeira nº 30, da qual tomou posse em 2011.

Formada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, foi professora de Literatura Portuguesa do curso de Letras dessa universidade. Fez mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC), defendendo a tese: *Dom Sebastião: a metáfora de uma espera*, publicada pela editora da UFRN, em 1979. Após a aposentadoria, lecionou Literatura do Rio Grande do Norte e Cultura Brasileira no curso de Letras da Universidade Potiguar. Além disso, pertence ao Conselho de Cultura do Estado.

A produção literária de Diva Cunha encaminha-se em duas vertentes: o exercício poético pessoal, concretizado em cinco volumes de poesia, e a pesquisa sobre a literatura do Rio Grande do Norte, em parceria com a escritora Constância Lima Duarte, especialmente a produção feminina do estado.

A escritora almeja inscrever-se na história literária de sua terra e honrar o nome de suas antecessoras.

-0-

Sou todos  
Os poetas que li  
Com a devida ressalva  
Eles não são eu  
Cadeira que ocupo  
Enquanto escrevo  
(Canto de Página, 1986)<sup>13</sup>

## **Obras publicadas**

### ***Ensaios***

*Dom Sebastião: a metáfora de uma espera*. Natal: Editora da UFRN, 1979.

*Iniciação à poesia do Rio Grande do Norte*. Antologia (Coautoria Constância Lima Duarte.). Belo Horizonte, Edições Limiar, 1999 (2ª edição, 2004).

Literatura Feminina do Rio Grande do Norte – de Nísia Floresta a Zila Mamede (coautoria Constância Lima Duarte). Natal, Sebo Vermelho, 2001.

*Literatura do Rio Grande do Norte* – Antologia (coautoria Constância Lima Duarte). Natal: EDUFRN, 2000. (2ª edição: Natal: Governo do Estado do RN, Fundação José Augusto, 2001).

*Via-Láctea. Revista Literária de Palmyra e Carolina Wanderley*, Natal 1914-1915. Edição Facsímile. (coautoria Constância Lima Duarte) Natal, Nac, CCHLA, Nepam, Sebo Vermelho, 2003.

*Rio de Grande Sol* (coautoria Marize Castro) Natal: Editora Una, 2007

### **Poesia**

Canto de Página. Clima, 1986

*A Palavra estampada*. Natal: Editora do CCHLA, 1993

*Coração de Lata*. Natal. Editora do RN Econômico. Profinc, 1996.

*Armadilha de Vidro*. Natal, Una, 2004

*Resina*. Natal: Una, 2009.

## **MARIA LEIDE CÂMARA DE OLIVEIRA**

A pesquisadora de música popular, Maria Leide Câmara de Oliveira é a ocupante da Cadeira número 31 da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Foi eleita e empossada em 2014.

Leide Câmara nasceu em Patu (RN), em 1948, e formou-se em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente, é funcionária federal aposentada. É membro do Instituto Histórico e Geográfico do RN e da Academia Feminina de Letras, na Cadeira nº 10, que tem como patrona Adélia de Oliveira.

Sua obra *Dicionário da Música do Rio Grande do Norte*, minucioso trabalho de quase duas décadas, é referência fundamental para pesquisadores dessa área. É importante lembrar que, em sua fase de formação a poesia potiguar esteve intimamente ligada à música, relação comum no campo literário, e inúmeros poetas foram compositores ou tiveram seus poemas musicados. Lourival Açucena, cronologicamente nosso primeiro poeta, foi um seresteiro famoso em seu tempo. A poetisa Auta de Souza teve vários poemas musicados, que circularam por todo o Brasil, e Othoniel Menezes é o autor

do poema Serenata do Pescador, que se tornou o verdadeiro hino da cidade de Natal.

A chegada de Leide Câmara à Academia, onde exerce hoje a função de secretária, é de significativa importância, por suprir uma lacuna dos estudos sobre a Cultura musical do estado.

### **Obras publicadas**

*Dicionário da Música do Rio Grande do Norte*, Natal (RN), Editora Acervo da Música potiguar-AMP, 2001.

*A bossa nova de Hianto de Almeida*. Natal (RN), Sesc, 2010.

*Luiz Gonzaga e a música potiguar Natal*, (RN), FJA, 2013. Coleção Cultura Potiguar, nº 36.

*Ademilde Fonseca, a potiguar no choro brasileiro*. Natal, 8 editora, Caravela, Selo cultural, 2015 (Coleção Presença, ensaios literários).

*Praieira, 93 anos – A canção da cidade de Natal*. Natal, RN. Editora Acervo da Música potiguar-AMP, 2016.

## **EULÁLIA DUARTE BARROS**

Eulália Duarte Barros foi eleita, recentemente, para a Cadeira nº 13 da Academia Norte-rio-grandense de Letras e prepara-se para tomar posse nos próximos meses.

Formada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, foi a partir do mestrado em Educação, que direcionou sua atividade profissional. Participou, juntamente com os professores Quinho Chaves e Ana Maria Leite Correia de Melo, da criação do Núcleo Educacional Infantil (NEI) da UFRN, do qual foi diretora por oito anos. Além disso, foi também professora das disciplinas Psicologia Educacional, I e II, do Departamento de Educação da UFRN.

Enriquece seu currículo o fato de ter sido escolhida, inúmeras vezes como paraninfa dos formandos de diversas licenciaturas, por atestar os méritos de seu trabalho como educadora.

A produção intelectual de Eulália Duarte Barros privilegia as áreas de Letras, Educação e História, entrelaçando em um só *corpus* saberes e memórias de sua rica experiência.

### **Obras publicadas:**

*Uma Escola Suiça nos Trópicos*, 2000.

*Verdes Campos, Verdes Vales*, 2004.

*Escola Doméstica de Natal - 100 anos em retratos*, 2014.

*Noilde Ramalho a educadora maior*. Natal, OffSete Gráfica e Editora, Coleção Presença, ensaios biográficos, 2015.

## **À guisa de conclusão**

Lamentamos a ausência, nos quadros da Academia Norte-riograndense de Letras de Myriam Coeli (1926-1982) e Zila Mamede (1928-1985). Ambas participaram ativamente da vida intelectual do estado, entre as décadas de 1960 e 1970 do século passado, escrevendo e publicando em jornais, revistas e livros.

Myriam Coeli, jornalista e professora, apesar da grave doença que muito cedo a afetou recebeu merecidos prêmios de poesia, com livros que foram publicados pouco antes de sua morte.

Zila Mamede, bibliotecária competente, teve uma atuação marcante, com importantes trabalhos em biblioteconomia e dá nome à Biblioteca da UFRN. Poetisa talentosa e disciplinada, deixou uma obra completa reconhecida além das fronteiras do estado.

Este texto foi escrito em dois momentos distintos: o primeiro foi em 2010, a pedido da escritora Clotilde Tavares, para uma publicação da livraria Siciliano; o segundo, em fevereiro/março de 2016, com o objetivo de atualizar as informações sobre a participação feminina na Academia Norte-riograndense de Letras.

Agradeço a colaboração da acadêmica Leide Câmara, que garimpou com esmero algumas datas e dados. Agradeço também a Thiago Gonzaga, pela gentileza de decifrar meus “hieróglifos”.

10 de março de 2016

## NOTAS:

- 1- Melo, Veríssimo. *Patronos e Acadêmicos*, vol II. Rio de Janeiro, Editora Pongetti, 1974, p.174.
  - 2- Juvenal Lamartine, ex-governador do RN, que incluiu na Constituição do Estado, 1929, o direito ao voto feminino.
  - 3- *Cintilações de uma brasileira*. Edição bilíngue Trad. Michelle Vartulli. Apresentação e notas biográficas de Constância Lima Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997
  - 4- Lima Duarte, Constância e Pereira de Macedo, Diva Maria Cunha. *Literatura do Rio Grande do Norte: Antologia*. Natal. Fundação José Augusto, 2001, p.73.
  - 5- Souza, Auta. *Horto*. Natal. Fundação José Augusto, 1970, p.75.
  - 6- Câmara Cascudo, Luís. *Vida breve de Auta de Souza*. Recife (PE). Gráfica oficial do Recife, 1961.
  - 7- Auta de Souza. *Horto, outros poemas e ressonâncias*. Apresentação, introdução e pesquisa de Ana Laudelina Ferreira Gomes. Natal, Editora da UFRN, 2009 –p . 93.
  - 8- Wanderley, Carolina. *Alma em versos*. Natal, 1919.
  - 9- Melo, Verissimo. *Patronos e Acadêmicos*, Rio de Janeiro, Editora Pongetti, vo II – Acadêmicos p – 206.
  - 10- Wanderley, Palmyra. *Roseira Brava*. Natal, edições da Fundação José Augusto, 1965,p.30.
  - 11- Montenegro, Maria Eugênia. *Azul Solitário*. Natal, Fundação José Augusto, 1967.
  - 12- Flores para Auta de Souza. Natal, RN: Editora do Autor, 2009.
  - 13- Canto de Página. Natal. Clima, 1986.
- \***DIVA MARIA CUNHA PEREIRA DE MACÊDO** é poeta, escritora e professora, autora de “Canto de Página”, “Resina” e outros livros. Ocupante da cadeira nº 30 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# MACBETH NORDESTINO

*Diógenes da Cunha Lima*

A vastidão, diversidade, sutis revelações da alma humana tornam a obra de Shakespeare freqüente objeto de comparações.

Sanguinário, devasso, falso, enganador, violento, maldoso. Estas são algumas das qualidades que Malcolm atribui ao rei Macbeth, personagem da tragédia (1606?) de Shakespeare. Poderia ter falado também na sua psicose, inteligência, astúcia, crueldade.

Lampião, Virgulino Ferreira (1897-1938), teria todas essas qualidades reveladas a partir da sua opção pelo mal. Os dois têm a ambição por poder e fama.

Macbeth era um Capitão do Exército escocês. O outro requisiou a patente, sagrando-se Capitão na presença de Padre Cícero Romão. Lampião assinava Cap. Virgulino e fez gravar a expressão em seu anel e aliança de ouro. Ambos tinham fama de bons cavaleiros e eram extremamente supersticiosos. Macbeth incorporou a linguagem das feiticeiras pela qual não seria vencido, ninguém nascido de mulher poderia fazer mal a Macbeth. Invulnerável julgava-se Lampião, acreditando ter o “corpo fechado”. Em oração, Pedra Cristalina, Lampião recitava: “Salvo fui, salvo sou, salvo serei com a chave do sacrário eu me fecho”. Macbeth seria rei da Escócia, (não o rei de paz que reinou entre 1040 e 1057), o monarca cruel da tragédia literária. Lampião, o rei do cangaço, foi monarca, móvel em veredas de sua geografia vinte vezes maior que a escocesa, os sertões de sete estados do Nordeste brasileiro.

Otacílio Batista Patriota fez poema, depois transformado em música, versejando: “Virgulino Ferreira, o Lampião / bandoleiro das selvas nordestinas / sem temer o perigo nem ruínas / foi o Rei do Cangaço no Sertão”. E as façanhas desse rei crescem no imaginário popular.

Certamente, as semelhanças são profundas, mas coincidências existem. O mal é assemelhado.



Já muito se tem dito que a vida imita a arte. O que sinto é que há pontos de convergências entre as vidas, ficção e realidade, e até entre as mortes. Ambos foram decapitados. Com exibição das cabeças cortadas. Nenhum dos dois formou dinastia, teve descendência a reinar. As belas mulheres, Lady Macbeth e Maria Bonita, participaram das maldades, ainda que se relatem episódios em que a nordestina procurava abrandar o coração do seu régulo.

Ninguém tinha amor a Lampião, todos lhe tinham temor, obedeciam ao medo despertado. O nobre cavaleiro Angus fala sobre Macbeth: “Os que estão sob o seu comando movem-se por obediência, e não por amor”. Os dois usavam punhais e facilmente se podia ver punhais em seus sorrisos.

Poder-se-ia, ainda, acreditar que o chapéu de Lampião era a sua coroa. Assim consta do Regimento Policial Militar transcrito pelo magistral Frederico Pernambucano de Mello em *Guerreiros do sol*: “chapéu-de-couro, tipo sertanejo, ornado em alto relevo em suas abas, com seis signos de Salomão; barbicacho de couro, com 46 centímetros de comprimento e ornado em ambos os lados com cinquenta e cinco (55) peças de ouro...”

Macbeth quis sempre ser famoso. Ouvi, menino, uma conversa de meu pai com um homem de quem se dizia ter sido do bando de Lampião. Ele negou, dizendo que não era do bando, pertenceria a outro grupo, mas fora emprestado ao famoso Capitão. Depois de muita insistência do meu pai para saber de alguma característica maior de Virgulino, como, por exemplo, do que ele dizia com frequência, ouvimos “o Capitão sempre dizia: eu quero é que ninguém nunca se esqueça de mim”. Nunca ninguém o esquecerá, ainda que a lembrança seja feita em canção, livros, revistas, filmes, estilização da roupa, ou até em publicidade moderna, além dos estudos de patologia social.

**DIÓGENES DA CUNHA LIMA** é poeta, escritor e advogado, autor de “Os Pássaros da Memória”, “Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz” e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.

# Zila Mamede e José Mindlin, breve relato da correspondência e de amizades

[e como se prepararam os originais da bibliografia  
de João Cabral de Melo Neto] @

*Gustavo Sobral*

Mindlin escreve para Zila. É setembro de 1976. Havia uma proposta da poeta para compor uma bibliografia crítica da obra de João Cabral de Melo Neto. Mindlin oferece sua biblioteca para a pesquisa convidando-a a uma ida a São Paulo. A biblioteca morava com o casal na casa do Brooklin, cidade de São Paulo, distribuída por todos os cômodos e mais outros dois edifícios na mesma rua. Posteriormente, mais um pavilhão foi construído no terreno da casa, chamavam “a biblioteca”, porque razão não se sabe. Era tudo uma biblioteca. A distribuição dos livros pela casa era de forma indistinta, “doutor Mindlin até brincava que um possível ladrão teria dificuldade de localizar as obras raras, cobçadas e valiosas”, lembra Cristina Antunes, especialista em pesquisa, numa tarde de agosto de 2015, na Universidade de São Paulo. “Havia uma estante completa para Câmara Cascudo e ao lado outra com obras de Gilberto Freyre”. Eram vizinhos na casa-biblioteca.

Na correspondência, encontra-se, enviadas por Zila, fotografias da visita de Mindlin e Guita, a Cascudo em Natal, casa do mestre na Av. Junqueira Aires aquele tempo, hoje Av. Câmara Cascudo, na descida para a Ribeira e subida para Cidade Alta. No verso da foto, o oferecimento do mestre Cascudo: “ao Mindlin e Guita 4-1-76”. Guita, esposa de Mindlin, partilhava com o marido o interesse e o gosto pela biblioteca que construíram a vida toda. A necessidade de manutenção e conservação do material, amealhado ao longo de suas vidas, a levou a realizar cursos diversos de restauração de livros. O casal juntou tantos livros em casa franqueando o acesso a pesqui-

sadotes e amigos, dentre eles, a bibliotecária Zila da Costa Mamede, a Zila Mamede, que preparava uma pesquisa sobre o poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto. Cristina Antunes, que conviveu com o casal e cuidou do acervo na casa, lembra de Zila, baixinha e silenciosa nas suas curtas e frequentes temporadas de pesquisa nos anos 1980. Zila a convite do casal, desde a primeira ida, se hospedava na casa. “Ficava três ou quatro dias, pesquisava o que queria e ia embora”.

No mesmo setembro de 1976, ano em que começa a troca de correspondência com o casal, dia 22, Zila responde a Mindlin por carta datilografada: “Dr. Mindlin, fiquei muito comovida com a sua carta...”. Mindlin havia oferecido, a priori, a edição de *O Rio* de João Cabral pela editora Fontana (edição especial de luxo e pequena tiragem), e Zila foi logo confidenciando em tom de brincadeira: “conheço essa edição de ‘O Rio’, feita pela Fontana. É bela, muito bela. Quando do lançamento eu estava em Brasília. Ocorreu-me, pela primeira vez na vida, a vontade de roubar algo”. Para tão logo dizer que sabia o valor que tinha (raridade) e não mandasse pelo correio, vai que se extraviava, prudente seria mesmo ela ir lá consultá-la.

Parece que assim, de primeira, se firmou a confiança que conduziria a amizade entre os dois. Mindlin pode perceber que Zila não só conhecia o livro como sabia o valor que uma obra rara possuía e tinha senso e responsabilidade. Mindlin viu que falavam de igual para igual, ela entendia de livros. Zila aproveitou o ensejo para o levantamento preliminar das obras e assim, na carta, se despediu e agradeceu: “manifestação como a sua, que nem me conhece, mas conhece João Cabral, é salário da felicidade que paga qualquer iniciativa particular, de pesquisa, no Brasil”. E se pôe à disposição. Tem início a correspondência dos dois, hoje depositada no arquivo de José Mindlin compreendendo cartas de ambos entre 1976 e 1985, ano da morte de Zila. Cartas, cartões, bilhetes, telegramas, cerca de cinquenta e poucos documentos levantados que foram consultados na visita à biblioteca depositária também deste acervo.

José Ephim Mindlin nasceu em São Paulo (1914) e faleceu na mesma cidade em 2010, começou a trabalhar como repórter no Estado de S. Paulo aos quinze anos de idade e se formou em Direito pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Advogado, en-

trou para o ramo industrial fundando a empresa Metal Leve. Durante toda a vida, e tudo começou com a aquisição de um primeiro livro raro aos treze anos de idade, dedicou-se a colecionar livros raros. Ao final da sua vida, possuía um acervo de sessenta mil volumes entre livros, periódicos, documentos e manuscritos. Em 2006, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras e resolveu, no mesmo ano, doar todo o seu acervo para a Universidade de São Paulo, por esta razão foi construído um edifício moderno e amplo para abrigar o acervo. Sua esposa, Guita Kauffman, também nascida em São Paulo (1916-2006), foi estudante do curso de Direito da mesma faculdade, onde se formou, interessada na conservação e restauro de livros, fez diversos cursos no exterior e, em 1988, foi uma das responsáveis pela instituição da Associação Brasileira de Encadernação e Restauro.

O casal se dispôs a receber Zila em casa e assim fizeram. “Só lhe peço, escreve Mindlin, que me avise com a maior antecedência possível, pois viajo com certa frequência e ficaria frustrado com um desencontro” (Carta, 4 de outubro de 1976). Mindlin se permite a uma sugestão, o que leva a crer que, nesta correspondência, para o levantamento bibliográfico de João Cabral, Zila pode contar não só com a colaboração dos seus interlocutores, e foram diversos, entre pessoas e instituições no Brasil e no exterior, mas também com a sugestão e participação no seu trabalho. Uma leitura mais detalhada de sua correspondência permitirá validar esta indicação. Mindlin sugere acrescentar ao levantamento as impressões que João Cabral fez de outros autores.

Zila Mamede resolveu se aventurar pelo levantamento bibliográfico “de um poeta nordestino”, e foi João Cabral, depois de anos de dedicação ao mesmo tipo de trabalho, desta feita, levantando a produção bibliográfica do folclorista, etnógrafo, professor (dentre outros designativos, biógrafo, jornalista etc), Luís da Câmara Cascudo. Intelectual que vivia em Natal, Rio Grande do Norte, sendo natural da cidade, onde Zila também vivia (ela era natural de Nova Palmeira, Paraíba, nascida em 1928) exercendo a atividade de bibliotecária. A história de Zila começa com a mudança durante o período da Segunda Guerra Mundial para Natal, o pai era mecânico, e a enxurrada de americanos trazia oportunidade de emprego na cidade. Estudou no Colégio Imaculada Conceição e nela já nascia o desejo de poesia. Jovem, para se manter, fez curso de contabilidade e foi tra-

balhar na firma de Sérgio Severo, na Ribeira, pai do amigo, cronista, poeta, Augusto Severo Neto. Vem o curso de biblioteconomia e os primeiros poemas. Zila se tornou uma presença na vida da cidade.

Começa uma correspondência e uma amizade com poetas e escritores e críticos brasileiros que se desenrolará por toda a sua vida até a sua morte trágica no mar em 1985. Ela era a Zila azul querida, o azul por conta da sugestão verbal, assim a tratava o poeta Carlos Drummond de Andrade, o Drummond, em carta para a sua querida Zila. A correspondência entre Drummond e Zila é mais antiga, começa em 1953 quando a poeta envia a ele um exemplar de seu primeiro livro, *Rosa de Pedra*, e segue até a morte dela em 1985. Entre documentos listam-se no total de vinte oito, entre cartas, cartões e bilhetes. Drummond de cara gostou do livro de poemas de Zila e passou a funcionar como um mentor, orientando-a em sua atividade poética, tornando-se um amigo que dispensava tratamento formal e dizia que para ela ele era Carlos, como era para os íntimos.

As cartas do poeta para Zila foram reunidas pela professora Graça Aquino e publicadas pelo Sebo Vermelho Edições, em Natal, no ano 2000. A professora dedicou-se a estudar a obra poética de Zila em sua dissertação de mestrado, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 1996, com o título “Zila Mamede: a memória de uma evocação”. Quanto às cartas, Graça aponta algumas lacunas entre 1980 e 1985 na correspondência. Pelas cartas de Drummond (não se tem as de Zila para ele no volume) se percebe que Zila cultivava o mesmo *modus operandi* que desenvolve na correspondência com Mindlin. Zila se põe a comentar o tempo presente registrando fatos do cotidiano e a realidade social e política do momento vivido. As cartas de Zila parecem demonstrar também outro valor de registro: o do tempo em que vivia. Uma pista está em Drummond, 20 de maio de 1985, carta dele: “estou acompanhando com muita tristeza a tragédia aí do nordeste, e que você resume bem nessas palavras: sol, miséria e politicagem”.

Zila mandará notícias da cidade, comentários acerca do cotidiano, é o que se observa das cartas a Drummond, a poeta fazia das cartas e nas cartas um registro à diário de suas impressões, de fatos da sua vida, dos seus dias. E assinava Zil Maio

de 1957, ela diz, está quente como um dezembro, céu claro e a noite perto da gente com luas, está às voltas com os originais de *Salinas* nas mãos de Simeão, pede que o poeta a ajude a recuperá-los. E opinião sobre os seus poemas e os erros, é claro: “gosto muito da sua opinião. Ela é sempre a que gosto de ouvir: justa e sincera” (Carta de Zila para Drummond, 20 de maio de 1958). Está as voltas com a produção de novos poemas que ela mesmo considera de uma fase transitória, entre a marinha e o telúrico. Então os envia ao poeta para apreciação e comentários. Alguns sobrevivem no arquivo do poeta: *Soneto da Iniciação* (Rio, 1957) é o primeiro, vai manuscrito; *Rua Trairi, A descoberta do Azul, Moenda, O prato, A colina e as cabras, Cavalo branco*, todos eles datados 1958. Também enviou *O cavalo e o menino*, dedicado a Pablo Picasso (1962) e *Ode camoniana, a primeira* (1962), *Requiem para meu amor de um dia* (Natal, Finados, 1966), *Promissória* (Natal, 1966) e um poema dedicado ao amigo Drummond: *Um rio duas vezes* (Recife, 23.03.68, Natal, 22.08.75).

A correspondência continua. Carta de outubro de 1958, 23: “Drummond querido” e fala da saudade de todos do Rio, envia poemas. Uma nova série, telúrica, afirma, em que o tema é a terra e trata que, além daqueles que já havia enviado (*O prato, Trigal, Moenda*, etc), remetia *O avô, A avó, Banho da moça rural, A apanha, O rio, A colina e as cabras, Cavalo branco e Antecolheita*. E que havia estruturado outros: *O vapor e A mandioca e Farinhada*. E disse mais, que considerava os últimos poemas de *Salinas*, enumerando-os, *Retrato, Soneto da Iniciação, A (outra)face e As enchentes*, já poemas desta nova fase. E pergunta: você acha que vale a pena prosseguir? Seu temor é estar, de alguma maneira, caindo em repetições, lugares comuns, monotonia, mas considera: o tema pode ser o mesmo, mas a forma não é.

No ano seguinte, envia 20 poemas rurais, está animada, é março de 1959 e uma ideia: editá-los com ilustrações, cada poema uma, pela Itatiaia ou Livros de Portugal. Anuncia mais quinze poemas novos, que por serem diferentes, não pretende usá-los por ora. Numa carta de 11 de fevereiro de 1960, Drummond faz menção a uma labirintite da poeta, ela estava chateada com isso, nada podia fazer, nem ler ou escrever (a carta de Zila está datada do mesmo dia, 11 de fevereiro de 1960). Noutra (carta de 30 de maio de 1960) de um projeto dela de ir à Espanha, conseguir uma bolsa para estudar litera-

tura em Madri, e lhe é recomendado pedir cartas de recomendação a poetas importantes, então escreveu ao amigo e no mesmo ano (Carta de Zila, 18 de julho de 1960): “gostei do Zilaazul. Gostei.” E se assusta, o grau de amizade se intensificava, os laços se fortaleciam, “é a primeira vez que lhe chamo de Carlos!”

A carta de Drummond de 29 de junho de 1964 a consola pela perda da mãe. Zila era franca nos seus sentimentos e nos acontecimentos de sua vida pelo que se vê. E no mesmo ano já havia a ideia de reunir os três livros acrescentando mais vinte poemas novos numa única edição e pergunta ao amigo: é precipitado? O trabalho bibliográfico exige dedicação total, não há tempo para poesia, avisa a Carlos. Até que em 17 de novembro de 1970 envia ao amigo poemas que havia escrito há bastante tempo e várias vontades: rasgar alguns (estão separados), porque tem dúvida se são bons ou se forem, publicá-los num livro que batizaria talvez de *Exercício da Palavra*. Quatro anos depois, o livro pronto, comunica por carta. Ele lhe puxa a orelha: “em sua carta e nas folhas dos poemas, quantas vezes leio a palavra medo, a palavra covardia! Que é isso, menina”. No ano seguinte, um gesto de carinho que respalda bem esta intimidade conquistada pelo tom de confiança e franqueza que Zila parece depositar nas suas cartas. Carlos escreve: “Zila querida, sua carta foi como ter você ao lado, a gente no deslizar de um papo sem descanso, tão gostoso”.

Drummond para Zila é um confessor e um orientador. A poeta escolhe trinta poemas iniciais para o livro e os manda, os outros deixou para uma segunda etapa, e pede alguns esclarecimentos (a carta é de 03 de fevereiro de 1975): Na *Baladinha*, o estranhamento foi o acento em navego, ou o uso da palavra? Se fora a palavra, justifica, é porque ela é muito utilizada “no sertão onde existi até os 14 anos”. E comenta. Comenta a observação que ele lhe havia feito dos “meus abusos dos prefixos”, e por isso escolheu outro tratamento para *O romance de Lula = lua*, portanto o que era: “Lula despo-de/milproceder”, ficou: Lula: impossível/milproceder”. Em agosto manda novos poemas: *O pássaro* e *O tango*. Este último nasceu de um fato curioso, diz a Drummond: a história de um homem de Caicó que se apaixonou por um manequim de vitrine no tempo que aquilo não existia na cidade.

Quando chega 1976 e o projeto de compor a bibliografia de João Cabral, Drummond fornece-lhe endereços dos amigos que ela pretende consultar para o trabalho: Plínio Doyle, Rubem Braga, Cyro dos Anjos, Otto Maria Carpeaux. Era o que ela tratou por “carta pedinte”. Para o trabalho Zila conta que expediu mais de quinhentas cartas para as mais diversas pessoas e instituições. A prova de afeto que Zila conquista com os seus interlocutores está na carta dele de 3 de abril de 1977: “Querida Zila, O José Mindlin já me havia contado o seu acidente e tranquilizado quanto às consequências. Por sinal que ele e a mulher acham você um encanto de pessoa e não fazem mistérios disso. Gostei de ver proclamada por eles a qualidade de gente que você é, pois nada mais gostoso que a louvação alheia aos nossos amigos”. Zila havia sido atropelada ainda em Natal, antes da viagem a São Paulo, nada grave, e acabara de passar uma temporada de 15 dias na casa dos Mindlin.

Em 1982, o poeta ganha um presente: o poema *Os noivos*, homenagem aos oitenta anos do poeta. Em 1985 se encontram, no Rio, na casa do Plínio Doyle. Drummond não a reconhece e escreve uma carta se desculpando; Zila, com encanto, diz que nada disso, como ele havia de reconhecê-la? Tanto tempo sem se verem pessoalmente e, ela, naquela estadia no Rio, por uma série de desencontros não pudera telefonar-lhe para avisar da presença, então, como ele iria adivinhar, primeiro, que ela estaria no Rio, depois que fosse ela naquele jantar, e sabe mais porquê, ela estava diferente, sim, estava, o cabelo e os óculos. O cabelo cortado naquele mesmo sábado no cabelereiro de Maria Alice Barroso a cem mil o corte, quase ela desmaia de susto com o preço, e os óculos, ah, os óculos comprados em Viena, maiores que o rosto dela, que ela lhe disse ser de lua cheia, sem contar as roupas largas, ela ainda pontuou. E que ele não viesse com história de que é arteriosclerose, “imagine!”, disse “como dizem os paulistas”, para emendar: “Drummond você é a pessoa mais jovem que eu conheço na minha vida!”.

O poeta Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira, Minas Gerais, em 1902. A infância foi na fazenda, a juventude em Belo Horizonte onde, na Escola de Odontologia e Farmácia, liderou uma turma de jovens escritores tidos por “futuristas” que incomodavam a poesia parnasiana do momento. Começou a escrever – o desejo aca-



lentado foi exitoso – no jornal Diário de Minas onde passou a funcionário. Sem vocação para farmacêutico, foi ser fazendeiro em Itabira. O insucesso na lida com o campo, levou-o a ser professor de geografia e português no ginásio da cidade. Neste tempo, escreveu o primeiro livro que não chegou a publicar: *Minha terra tem palmeiras*. Uma cópia remeteu a Mário de Andrade com quem se correspondia e recebeu elogios e incentivo do poeta. Alguns dos poemas foram parar no livro de estreia *Alguma poesia* (1930). Outros livros foram escritos e não publicados: *Teia de aranha* e *Os 25 poemas da triste alegria* que se perderam na mão de amigos. Outro, anunciado e nunca escrito, *Preguiça*.

A convite do governador do Estado de Minas assumiu o cargo de redator do Diário e tinha que lidar com a delicada situação política do momento. Eram os anos 1930. Matéria da vida que serviria para os poemas do futuro em referência a memória deste tempo vivido no jornal e a política mineira. A turma da redação era a do romancista João Alphonsus e do futuro memorialista Pedro Nava. Outra prova deste tempo é que a amizade por correspondência entre escritores é uma prática da literatura brasileira e que nas páginas dos jornais viveram os primeiros exercícios de escrita, sem contar que era uma fonte de renda. Como redator Drummond percebia a quantia de 400 mil reis. Não diferente, duas décadas depois, em Natal, Zila Mamede escrevia para o jornal Tribuna do Norte assinando como cronista e depois publicando seus primeiros poemas, a coluna chamava-se *Aspectos da Cidade*.

Os mineiros formavam um grupo que a literatura uniu em amizade. Não era um grupo formalizado, frisaria Drummond, escreviam por diversão “sobretudo para mostrar aos companheiros de café, quando cada um de nós sacava do bolso os seus produtos literários do dia e expunha-os à crítica informal dos outros”. Em Minas receberam Oswald de Andrade e o amigo e correspondente Mário de Andrade em 1924. No mesmo ano, Drummond começou a se corresponder com o poeta Manuel Bandeira. A publicação do poema *No meio do caminho* na *Revista Antropofágica* de Oswald em 1928 foi um estrondo. Reboiço nacional. Mário teve dedo em *A Revista*, quando sugeriu a Drummond: misture o máximo que puder. E nela conviveram os modernistas e passadistas. *A Revista* foi fundada em 1925 com um grupo de amigos e que se estabeleceu como publicação de maior importância do modernismo mineiro.

O jornalismo prosseguiu para o Rio de Janeiro. Drummond colaborou com os jornais escrevendo crônicas, contos, sobretudo, no jornal *Correio da Manhã*. Zila também seguiu o caminho do jornalismo ao voltar da sua temporada de estudos no Rio de Janeiro. Em 1957, passou a trabalhar como redatora no *Diário de Natal*, registrando-se como jornalista profissional admitida na Associação Norte-rio-grandense de Imprensa, colaborando com outros jornais como *Diário de Pernambuco*. No mesmo ano recebeu as credenciais como correspondente do jornal *O Globo* para cobertura jornalística em Roma do Congresso Mundial da Juventude Católica. Drummond continuou redator do *Minas Gerais* até 1953, quando foi empregado regularmente no Serviço do Patrimônio Artístico Nacional. Neste mesmo ano de 1953, Zila lhe remete o primeiro livro *Rosa de Pedra* e começa a correspondência dos dois.

*Rosa de Pedra* saiu pela Imprensa Oficial do Estado do Rio Grande do Norte por obra do crítico literário, poeta e diretor da Imprensa, Antônio Pinto de Medeiros, incentivador da poesia de Mamede e autor de uma coleção que naquela década de 1950 publicaria outros poetas potiguaros que entrariam para o cânone da literatura do Rio Grande do Norte, a Coleção Jorge Fernandes com livro dos poetas Augusto Severo Neto, Celso da Silveira, Déifilo Gurgel, Dorian Gray Caldas, Luís Carlos Guimarães, Myriam Coeli e Sanderson Negreiros. Drummond também teve o primeiro livro pela Imprensa Oficial do Estado de Minas, com o valor descontado mês a mês no seu contracheque. O lançamento foi com banquete no Clube do Automóvel de Minas, em junho de 1930 e a irreverência de Milton Campos, orador da ocasião, que sugeriu carne de político para a dieta dos presentes.

O lançamento de *Rosa de Pedra* foi também em clima festivo. O livro saiu com duzentos exemplares e capa do artista plástico, poeta, cronista e amigo Newton Navarro. Foi no gabinete do diretor do Departamento da Imprensa em outubro de 1953, o primeiro orador foi o incentivador e promotor daquele livro, Antônio Pinto de Medeiros.

Drummond desenvolveu o ar de conselheiro aos poetas mineiros e com a mesma naturalidade adquirida e manifesta se construiu a correspondência com Zila. Naqueles anos 1950, em que a correspon-

dência entre os dois começa, Drummond era a paixão nacional. O crítico Antônio Candido assinalou: “Drummond é o primeiro grande poeta brasileiro nascido intelectualmente dentro do Modernismo (...)” . O caminho de Drummond, ainda segundo o crítico, é de instaurar uma poesia não poética. Drummond pratica uma poesia social, individual e política fundidas no eu. O poeta procura registrar o mundo numa síntese entre o social e o individual. Recusa o lirismo convencional, interessado em trazer para a poesia o cotidiano. Um poeta que nasceu marcado para subverter os processos estruturais do poema, tendência que prevalece por toda a sua poesia entre outras características que se deduzem das análises que se debruçam sobre a sua vasta obra poética. Ele mesmo o declara em carta a Zila, “(...) tenho mudado tanto ao longa da vida, e me substituo conforme o humor de cada hora”.

Também o poeta deixa antever os seus motivos que se encontram na sua poesia, em comentários despreziosos que revelam o seu pensamento do mundo, claramente presente nos seus versos, em carta a Zila de 1964:

“Nunca senti tanto a companhia de meu pai junto de mim, perto, dentro, do que depois que não posso ir visitá-lo todas as tardes, como fazia em Belo Horizonte. É com minha mãe a mesma coisa. Fui fazendo deles uma imagem perfeita, de tão nítida, à medida que ia aprofundando o sentido da morte de ambos. É uma coisa extraordinária e ao mesmo tempo tão simples, pensar neles na confusão de uma rua do centro, onde eles nunca passaram, ninguém ouviu falar deles, e entretanto caminham ao meu lado, existem, pelo simples ato maravilhoso do pensamento”.

A família é um tema presente na obra de Drummond e Bandeira. A família aparece como uma volta ao passado, há a presença das figuras de casa, o pai, a mãe, os avós, tios. O que diferencia são as vozes, enquanto Bandeira é lírico, Drummond entende o poema como um registro de uma emoção ou percepção, ele mesmo o revela em carta para Zila. Zila também trará a família como elemento poético. *O Arado* é a fixação do passado, a infância, a juventude, a família com a presença dos avós. Outro ponto chave da poesia, desta poesia que se praticava por eles, a presença dos temas inusitados, coisa em que Drummond era mestre e João Cabral foi

aprendiz. Em *Educação pela pedra* (1966), por exemplo, João Cabral publica um poema sobre a aspirina. O professor Alexandre Alves antevê no título do primeiro livro de Zila uma homenagem, ou a presença da influência literária de Drummond e João Cabral de Melo Neto, o primeiro é autor do livro *A rosa do povo* (1945) e o segundo de *Pedra do sono* (1942), de onde vieram a rosa e a pedra para a *Rosa de pedra* de Zila.

Para esta geração de poetas, que orientam Zila em seu percurso, o poder da poesia está na palavra. É a relação entre as palavras que revela a poesia. Bandeira trouxe a lição de Mallarmé: “poesia está nas palavras”. Outro ingrediente caro a poesia, tempo para maturação do poema. Nas cartas de Drummond para Zila se pode antever. Carta, Rio, 4 de novembro de 1958: escrever, escrever e depois ir peneirando, como um exercício, que consiste em ver, avaliar, ver novamente. Pensamento que João Cabral também compartilhava. O tempo é um fator da poesia. Só com tempo é possível trabalhar o poema para ser o que deve ser. O poeta deveria estar em constante luta com o poema. Também era prudente entender um verso como uma unidade independente de sentido. Em *Rosa de Pedra*, é Paulo de Tarso Correia de Melo quem observa, Zila já denotava esta preocupação com a linguagem, a experimentação mesmo que resultassem em sacrifício a “elegância” ou “pureza” do verso e o emprego de expressões pouco comuns em poesia. Em *Salinas* (1958) também a atenção à contenção vocabular, o conselho de Drummond fora bem empregado.

Para João Cabral a poesia era um exercício e o poeta um funcionário deste ofício. Não havia inspiração ou lirismo para mover um poema, mas pura e simplesmente a atividade racional. Um poema são colagens que formam imagens, dizia, definindo-se um poeta cubista. Era um confesso antilírico. Ao descobrir Drummond de *Brejo das Almas* fica certo que é possível fazer poesia sem lirismo desmedido. A influência literária de Drummond na poesia de João Cabral demarcase, é a partir de um poema de Drummond, Quadrilha, que comporá *Os três mal-amados* (1943), utilizando os primeiros versos do poema na epígrafe: “João amava Teresa que amava Raimundo...” e na dedicação de *O engenheiro* (1945): “A Carlos Drummond de Andrade, meu amigo”, depois virá o rompimento da poesia e da amizade.

Ao contrário de João Cabral, para Bandeira o poema nascia em um momento de exaltação poética, fruto de um decurso emocional presente em algum acontecimento da vida. A poesia estava em qualquer coisa. João Cabral nasceu em 1920, no Recife, e as memórias da infância vão tornar em poemas que recuperam o tempo de menino de engenho. O canavial onde lê para os trabalhadores analfabetos folhetos de cordel que despertaram-no para a literatura e a casa da cidade à beira do rio Capibaribe, em Recife, os registros do poeta menino, depois as andanças pelo mundo, o que vê e que vai transformar em poesia.

João Cabral de Melo Neto, pernambucano, poeta e diplomata, se destacou como um dos maiores poetas brasileiros e construiu uma carreira sólida na diplomacia e na literatura. Residiu em diversos países, andou por diversas cidades, em razão de suas atividades diplomáticas e por um maior período na Espanha. Para tratar de uma dor de cabeça que o acompanhou por toda vida, desde a juventude no Recife, com a qual se submeteu a diversos e longos tratamentos durante toda a sua vida e sem sucesso, permaneciam as dores, foi aconselhado a se dedicar a algum trabalho manual, por isso, comprou uma prensa manual e se dedicou a confeccionar livros dele e dos amigos, em pequenas tiragens, constituindo uma espécie de gráfica artesanal.

Na correspondência com os poetas Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, lá está ele a pedir livros aos amigos para trabalhar na prensa. Foi o resultado desta atividade a impressão de diversos livros de poesia.

No início dos anos 1940, começa a escrever os poemas que vão aparecer no primeiro livro, *Pedra do sono*. As dificuldades foram as mesmas enfrentadas. *Pedra do sono* é editado a partir de uma lista de contribuições para colaboradores, compareceram além da família desconhecidos. O livro saiu com 50 exemplares em edição de luxo, papel doado pelo primo Gilberto Freyre, uma sobra da edição do *Guia de Olinda*, e mais 200 exemplares em papel comum. Em 1942, se muda para o Rio de Janeiro e ali prestando concurso para o Instituto Rio Branco vai ser diplomata em quatro continentes durante toda a sua carreira até o grau de embaixador. No Rio, por intermédio de Drummond toma conhecimento que o crítico Antônio Candido havia escrito um artigo elogioso sobre o seu livro. Ali também

conhece Bandeira, encontrava-se com ele todos os domingos pela manhã enquanto João Cabral esteve no Rio, e também com Drummond todos os dias ao final do expediente no Café Itaí. Começa a aventura diplomática em 1947, rumo a Espanha. O destino: Barcelona. À dor de cabeça crônica, o médico receitou a atividade física e como esta não lhe agradava, resolveu se exercitar numa prensa mecânica produzindo livros.

Foi editor dos seus livros e de livros de amigos. Mafuá de malungo (1948), do primo Bandeira, eram primos, foi pela prensa de João Cabral; a Bandeira dedicaria, nos 80 anos do poeta, o seu *A educação pela pedra* (1966). Imprimia edições artesanais de 100 exemplares. Raríssimas vezes, 150. Desta leva sai *Cão sem plumas* (1949) e entre 1947 e 1950, outros 12 livros. Em 1950, o destino é Londres e uma imersão na poesia inglesa, o mesmo fará na temporada em Marselha, dedicando-se a leitura dos franceses. No final dos anos 1960, já é poeta consagrado com a publicação da poesia completa até então (1968) e a eleição para a Academia Brasileira de Letras.

Quando Zila propõe o trabalho sobre João Cabral nos anos 1970, já estava diante de um poeta respeitado mundialmente, que na Espanha privou da amizade de personalidades como Juan Miró, mas também de um homem que se considerava vocacionado para solidão e com crises de depressão, as quais Zila busca contornar na realização do seu trabalho. A primeira providência quando Zila sugere o trabalho a João Cabral, veio dele dizer que não seria possível, para ela nem tentar. O encontro definitivo para selar a empreitada é Natal, entre 12 e 13 de fevereiro de 1976, João Cabral estava na cidade. Nos anos 1970, João Cabral é embaixador no Senegal e nas férias corre sempre para Pernambuco. Numa delas, vem ao Rio Grande do Norte para cumprimentar Senghor, Leopold Senghor, presidente do Senegal, poeta e seu amigo, que em viagem para Martinica pernoitaria em Natal. É nesta ocasião que encontrando-se com Zila, João Cabral é abordado por ela com o intuito de lhe compor a bibliografia.

A correspondência entre os dois é anterior a este projeto, tem início nos anos 1960, vai de 1968 a 1984. João Cabral não desautoriza Zila que lhe envia a primeira carta de 19 de julho de 1976 e recebe como resposta em 30 de agosto material para começar a pesquisa.

O poeta lhe envia o seu arquivo que se avolumava em cerca de doze a quinze pastas de documentos, e eram recortes e artigos de jornal e revistas, capítulos de livros, entrevistas, fotografias etc, além disso todas as obras de João Cabral e o endereço de críticos de diversos países que haviam escrito sobre a sua obra. Zila responde dizendo-lhe que já havia material suficiente para começar. O título *Civil geometria* é escolhido de pronto e definido pelos dois. Em 30 de setembro Zila remete a carta circular para começar a coleta de dados e o trabalho que tinha plano de durar quatro anos a princípio, começa. Já em janeiro Zila está em São Paulo com os Mindlin consultando os livros do poeta, entregue ao trabalho que administrará juntamente com as suas atividades de bibliotecária na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a retomada de sua atividade poética.

A obra poética de Zila é de destaque e reconhecida nos círculos nacionais nos quais estampavam-se críticas positivas em alguns dos principais jornais do Brasil. Antônio Olinto, Nelson Werneck, Osman Lins, que publicavam nos jornais O Globo, Correio da Manhã, Jornal do Comércio e Folha da Manhã escreveram sobre a poesia de Zila. Registram-se também, posteriormente, alguns trabalhos acadêmicos sobre a sua obra poética, entre monografias, dissertações e teses. Elza Maria Bezerra Lamartine apresenta a monografia *Zila, obra poética: uma visão histórica de trechos* (UFRN, 1981); Beteizabete de Brito a dissertação *Ancoragens textuais de Navegos* (UFRN, 1992) e a tese *Gênese de Herança* (UFRN, 1999); Graça Aquino, dissertação *Zila Mamede, a memória como evocação* (UFRN, 1996) e Marize de Lima Castro, dissertação *Uma mulher entre livros: Zila Mamede e o silencioso exercício de semear bibliotecas* (UFRN, 2004); e Charliton José dos Santos Machado a tese *Práticas de mulheres do Seridó paraibano 1960-1980* (UFRN, 2001).

Sobre Zila a poeta Marize Castro também construiu um completo ensaio *Zila – infinita, liquefeita*, que integra o livro-álbum de fotografias de Zila organizado por ela, Marize, e pela jornalista Angela Almeida, *Zila Mamede: se esse humano dos meus gestos* (2003). Zila está também presente nas notas e apontamentos biográficos da literatura do Rio Grande do Norte escritos pela poeta e professoras Diva Cunha e Constância Lima Duarte, *Literatura do Rio Grande do Norte (antologia)* e *Escritoras do Rio Grande do Norte*, e no trabalho

do professor Tarcísio Gurgel, *Informação da Literatura Potiguar*, ambos publicados em 2001. Há também o prefácio em *Navegos*, pelo professor e amigo, o poeta Paulo de Tarso Correia de Melo.

São seis livros de poemas publicados: *Rosa de Pedra* (1953), *Salinas* (1958), *Arado* (1959), *Exercício da Palavra* (1975), *Navegos* (1978) e *A Herança* (1984), em vida; dois póstumos: *Navegos - A Herança* (2003) e *Exercícios de poesia textos esparsos* (2009); e dois estudos bibliográficos: *Luis da Câmara Cascudo: cinquenta anos de vida intelectual, 1918-1968* (1970) e *Civil Geometria: bibliografia crítica e anotada de João Cabral de Melo Neto* (1987). O trabalho sobre Cascudo seria o resultado da sua dissertação de mestrado em biblioteconomia na Universidade de Brasília em 1964, que não chegou a concluir; e o último, sobre João Cabral, é uma publicação póstuma. Trabalhos a que Zila se dedicou de forma independente. A que se somam, em trabalho conjunto com Deífilo Gurgel, pesquisador, poeta e folclorista, *Bibliografia anotada sobre Xico Santeiro* (1966) e a tradução de *Índice em cadeia e catálogo classificado* (1966), publicado pelo Boletim Universitário da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. (Continua no próximo número).

**GUSTAVO SOBRAL** é advogado e jornalista, Mestre em Estudos da Mídia (UFRN,2012), autor de “Arquitetura Moderna Potiguar” e outros livros. Organizou com o poeta Paulo de Tarso Correia de Melo, a reedição do livro de contos “O solitário Vento do Verão” de Newton Navarro.



# SOBRE UM ROMANCE PREMIADO DE ESTEVÃO AZEVEDO

*Nelson Patriota*

À primeira vista, o premiado romance “Tempo de espalhar pedras” (Cosac Naify, 2014), do potiguar Estevão Azevedo, é um livro que beira o convencional: o narrador onisciente descreve uma sucessão de quadros narrativos apresentando toda uma legião de homens e mulheres entregues à própria sorte, cuja única via de redenção se resume a um eventual sucesso produzido por um lance de sorte no garimpo. A rigor, tudo é impessoal na vila que serve ao garimpo que, conforme o onisciente narrador, se encontra em franca decadência, fato que parece ser compartilhado por todos os garimpeiros, com reflexos em todos os aspectos de suas vidas. É essa certeza que parece curvar a cerviz, mas, principalmente, o moral da população flutuante unida pela atividade mineradora.

Como um deus voluntarioso, o garimpo premia e pune – mas em geral, pune – aqueles que ousem se rebelar contra a ordem estabelecida pelo coronel Aureliano e seus capangas. No entreato, o coronel sabe às vezes ouvir os clamores da aldeia e é capaz de protagonizar um curioso julgamento que culmina com a absolvição do criminoso e a condenação do móvel do crime...

Mas o coronel não é o único personagem marcante de uma tragédia de tons muito peculiares passada num sertão perdido nas capoeiras. O velho garimpeiro Gomes e sua filha Ximena, o jovem Rodrigo e seu pai Diogo, o místico Silvério e o intempestivo Sancho são tipos que, por assim dizer, complementam e realçam a narrativa de Azevedo. E Tirante Silvério, com sua fome metafísica de Deus – “Deus pode não dar a mão, mas não passa a perna” – capaz de precipitar a aldeia do garimpo numa morte antecipada, todos os demais são títeres no pequeno teatro de fantoches do garimpo. Por isso, não admira que se deixem arrastar ao desvario de Silvério.

Do ponto de vista da criação novelesca, chama a atenção, em “Tempo de espalhar pedras”, certos capítulos cujas aberturas se alon-

gam em considerações que beiram o ensaio filosófico do romance psicológico do século XIX. Esse recurso, posto que antiquado, parece não afetar, porém, a estrutura compacta, cerrada, mesmo, do livro. Os exemplos abundam aqui e ali no decurso da narrativa. Sobre a valentia, escreve: “Não era valente, era prudente, e o prudente guarda a vida para perdê-la em briga, que dá escoriação, ferimento grave e até morte, mas também fama e honra. Esperteza é saber a hora de ser valente”. A um desconfiado casanova, Rodrigo, ocorre admitir que “não entendia porque algumas mulheres preferiam tornar o amor tão bruto”. Sobre o tempo, o autor se alonga com modos filosóficos: “O tempo, porém, não é afeito a mesmices. Necessita de espreguiçar-se, de quando em quando, de alongar-se e contrair-se, e é para isso que servem os acontecimentos [...] Assim, o tempo se alimenta do que o homem lhe oferece para, feito uma cobra, ora esticar-se, ora enrolar-se”.

Mas a força de “Tempo de espalhar pedras” reside no seu núcleo narrativo, constituído por um dilema moral: Rodrigo é incumbido por seu pai de vingá-lo de uma injúria causada por Gomes. Trata-se, como se sabe, de garimpeiros, e a lei prevalecente aí não difere muito daquela lei de sangue, atemporal, que exige vingança. Há, todavia, um problema, aliás dois: Rodrigo está enamorado da filha de Gomes, Ximena, e sua índole não o perfila para missões daquela espécie. E, mais grave ainda, Ximena não é menos dependente emocional de Rodrigo.

É preciso que fique claro que se trata de uma paixão que nasce do corpo; nem de longe se pretende uma reedição de Romeu e Julieta no sertão. Rodrigo, ou melhor, seu corpo, tem fome do corpo de Ximena, e vice-versa. Nas palavras de Azevedo: “Ambos abriram mão do controle e legaram aos corpos o comando, como se estivessem embriagados ou sonâmbulos [...]”.

Haveria uma alternativa a essa entrega? Haverá um desfecho razoavelmente humano para as carências reclamadas pelo desejo, em meio ao deserto de alternativas amorosas da aldeia do garimpo? Esse é um segredo que o leitor é desafiado a buscar nas páginas de “Tempo de espalhar pedras”. Muito provavelmente, o desfecho engendrado por Azevedo causará surpresa e, quem sabe, até indignação,

num primeiro momento, mas que outro poderia conciliar as forças maiores que impulsionaram a história até seu ponto crucial?

Do ponto de vista formal, o que torna pouco convencional a construção novelesca de “Tempo de espalhar pedras” é a linguagem elíptica, sinuosa, falsamente coloquial, que o autor desenvolve e que se presta tanto à narrativa do enredo como ao dialogismo dos personagens.

Não se pode reconhecê-la de uma só vez, pois ela vai emergindo à superfície do texto, a pouco e pouco, como um liame sinuoso e sutil que amarra o urdume textual. Independentemente, porém, de que atente ou não para essas filigranas escritórias, o leitor desfrutará de bons momentos na companhia desse livro que conquistou o “Prêmio São Paulo de Literatura 2015”.

**NELSON PATRIOTA** é escritor e poeta, autor de *Uns Potiguares* e vários outros livros. Membro (eleito) da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# LIVRO DE LOUVOR

## DE PAULO DE TARSO CORREIA DE MELO

*Maria do Sameiro Barroso*

Cabe-me o prazer e a honra de dedicar algumas palavras ao último livro de Paulo de Tarso Correia de Melo, poeta, ensaísta, ficcionista e professor universitário, nascido em Natal, Rio Grande do Norte. Embora conheça apenas dois livros de poesia deste notável autor, o Diário de Natal (Sarau das Letras Editora Ltda., 2013) e a obra que agora se apresenta, Livro de Louvor, em edição bilíngue da Editora Sarau das Letras e Trilce Ediciones, com uma excelente introdução e tradução para castelhano do poeta Alfredo Pérez de Alencart, Paulo de Tarso Correia de Melo é um dos poetas brasileiros contemporâneos que mais aprecio pelo fulgor lapidar da sua escrita, densa e límpida, profunda e reflexiva, cósmica e musical.

Pela sua palavra, a lucidez é espessa como a dor que escorrega cega, aprisionada, amiga do escuro. É ela que dá a mão aos Anjos, à chama da Eternidade e à liberdade criativa que se acende desde os primeiros versos. Nele vibra o diálogo recriado com figuras míticas da transcendência, da harmonia, da luz e das suas criações, moldadas nas raízes fundas do transe e da desordem.

O livro é dedicado à memória de Teresa de Cepeda Y Ahumada ( Santa Teresa de Ávila) 1515 -1582, que define como “Ibérica de ancestralidade judaica. Católico-romana”, da qual, cita o fragmento “.. mi gloria sea la cruz. Emily Elizabeth ( Dickinson) 1830-1886, que define como “americana, e luterana reformada”, “ Outra imperatriz do calvário”, Ana Cristina, 1967-1996, “ cedo arrebatada ao mundo” e Marize Castro “pelo amor a Emily”. São figuras femininas , cuja voz abarca a imensidão dos seres e a vastidão do mundo, acedido na sua plenitude transcendente. Veja-se a última estrofe do poema “ Janela de Armherst”:

“Somos cérebro  
- massa movente e fina.  
A calota craniana  
É a muralha da China” (p. 16).

Nele ecoam versos de Emily Dickinson:

I never saw a moor,  
I never saw the sea;  
Yet know I how the heather looks  
And what a wave must be.  
I never spoke with God.  
Nor visited in heaven<sup>1</sup>

(Nunca vi um pântano  
Nunca vi o mar;  
Mas sei como é a urze  
E como uma onda será.  
Nunca falei com Deus,  
Nem visitei o céu)

Noutro poema, a palavra prefigura o horizonte mais vasto que projecta os fulgores ateados na juventude:

“Juventude  
é coisa  
que passeia colinas

trespassadas  
de brisas  
de oriente  
incendiadas

1-Thomas H Johnson (ed) The Complete Poems by Emily Dickinson. Little Brown and Company, U.S.A., 1960, p. 1052.

Experiência  
fechada  
em casa  
mais vastos  
jardins  
as palavras  
(p.22)

O poema constitui-se, assim, como base ontológica essencial da criação poética deste autor. Os seus poemas recortam-se no perfil trágico que segue trajetória das mulheres que evoca. Os dias sucedem-se entre prece e louvor, restabelecendo as pontes da dor interrompida que se dilui em abelhas, borboletas, murmúrios de água e mel, reflexos de morte e vida, iluminada numa cadência límpida e precisa de versos perfeitos. A eternidade é um manto sereno, intuído, um eco recorrente, quase onipresente, que se constitui como elo de ligação entre a vida e a morte, como duas faces da mesma moeda, tal como expressa o poema:

“Ao meio dia  
alguém  
sempre  
morria

numa casa  
vizinha  
a abelha  
zumbia

na calma sala  
pela tarde  
o mel do verão

é feito  
de um pouco  
de eternidade  
(p.26).

E o quotidiano instala-se entre as formigas que traçam as suas

rotas frágeis, infundáveis, sobre obstinadas folhas de desengano e intriga. É dos subterrâneos que se desprende a Primavera (ver poema da p. 40). O silêncio é a mão que une o universo e o tempo.

A dor, essa é a grande personagem que Paulo de Tarso Correia de Melo glosa, trata como ferida, inquietude, sangrante flor que na palavra se talha, quando o sofrimento tritura os cânticos selvagens que se evadem sôfregos da luz peregrina onde, por vezes, se acolhe, no consolo da religião ou na sóbria lucidez que raia o despojamento, o nada, ou o absurdo.

A música soa entre o pranto e o medo. Os órgãos meditam sobre os seus tubos de céu e inverno. Na partitura da noite, erguem-se os cálices matutinos. A “rebelião dos anjos” é algo que há muito tempo se espera nas vozes roucas que asfixiam sob o coração. O que aconteceria se esse minuto exacto não nos despedaçasse, sob os véus de fantasia, sonho e ilusão?

Entre a interrogação e a dor, glosada até ao âmago das lágrimas, desemboca o cristal, no seu âmago mais puro, expresso num dos mais belos poemas que encerram este livro:

### ADIVINHAÇÃO

Queria a carne atemporal dos anjos,  
que de tão clara não acorda luxúrias,  
Foi procurá-la até pelos antros  
do imaginário e suas figuras

Queria os lagos de cristal de antes  
do começo da humana aventura.  
Atirou-se em pantanosa vizinhança  
de fantasia e águas impuras

Queria os altos voos mais distantes  
em azul e transparente lonjura,  
sem nuvens e sem ventos inconstantes.

Mergulhou no silêncio, de ora em diante  
não há registros ou literatura,  
não falam nem vogais nem consoantes  
(p.86)

Lisboa, 27 de Setembro de 2015

**MARIA DO SAMEIRO BARROSO** nascida em Braga (Portugal), 1951, é médica, tradutora, ensaísta e investigadora, Vice-Presidente do Pen Clube Português, representante do World Poetry Movement ( WPM) e Delegada Cultural do Liceo Poético de Benidorm em Portugal. É autora de livros de poesia, traduções e ensaios, publicados em Portugal e outros países e organizadora de antologias e eventos culturais.



# ALGUMAS IMPRESSÕES SOBRE A IMPRENSA HUMORÍSTICA EM NATAL NA BELLE ÉPOQUE<sup>1</sup>

*Cellina Rodrigues Muniz*

*A vida é um carnaval – eterno entrudo;  
O riso é como a máscara, e, sorrindo,  
Eu levo esta existência alegre, rindo,  
Quando o resto do mundo está sisudo.  
Pedro Lopes Junior*

## 1. Um sorriso inicial...

Pode uma cidade rir de si? A imprensa em Natal, nos seus primórdios, nos diz que sim.

No rastro dessa pergunta, neste artigo, apresento sumariamente alguns aspectos gerais da imprensa natalense nos momentos áureos da República, assinalando uma fatia peculiar dessa imprensa: a humorística. Assim, abordo aqui alguns periódicos e colunas de jornais diários marcados pela tentativa de um “fazer rir” durante o período conhecido como *Belle Époque*. Meu objetivo é mostrar como a imprensa que se firmava na transição dos séculos XIX e XX foi marcada não só por um projeto civilizador, à maneira do que demonstraram outros estudos (cf. GURGEL, 2008; MARINHO, 2011), mas também por uma convergência dos campos discursivos literário, jornalístico e humorístico, em que a fruição estética, a notícia e o riso caminhavam juntos nas letras da capital potiguar quando esta quis um dia ser como Paris.

---

1 Este artigo é parte da minha pesquisa de pós-doutorado em Linguística, intitulada *Notícias da Jerimulândia: a imprensa de humor em Natal na Belle Époque*, realizada no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP), sob supervisão do Prof. Dr. Sírio Possenti e com apoio do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq)

Para ilustrar essa convergência discursiva, destaco alguns desses periódicos e colunas, bem como algumas das principais estratégias de linguagem ligadas ao humor e utilizadas por tais senhores da imprensa. Antes, porém, convém discorrer, rapidamente, sobre as condições que possibilitaram a enunciação de tal imprensa humorística natalense, isto é, o contexto político, social e urbanístico marcado pela liderança do grupo dos Albuquerque Maranhão, assim como os exercícios de poder que seus oponentes estabeleceram por meio da escrita jornalística.

## 2. Preparando a gargalhada...

Na virada do século XIX para o XX, o sonho do progresso permeava nove entre dez cabeças das 16 mil almas que habitavam Natal àquela época. Naquele contexto de transição política, com o fim do Império e o nascimento da República, como na maioria das províncias brasileiras, os norte-rio-grandenses também aspiraram às benesses que a Modernidade anunciava: os avanços técnico-científicos e industriais, bem como os ideais positivistas e evolucionistas, vindos diretamente do primeiro mundo, poderiam trazer para a realidade potiguar um vida melhor.

A crença no progresso mobilizava muitos brasileiros, mas o futuro da nação era ainda incerto. Entre a incerteza e a esperança, encontrávamos muitos brasileiros e muitos natalenses, que sonhavam, que agiam e desejavam que o Brasil acelerasse a marcha, iniciada ainda no século XIX, rumo ao tão sonhado progresso (MARI-NHO, 2011, p. 33).

Lembrando que todas as classificações têm seu lado redutor, pode-se dizer que esse sonho estaria resumido numa grande palavra de ordem, reflexo principalmente das aspirações da elite letrada que tinha acesso à informação e às novidades dos grandes centros urbanos do Brasil e da Europa: *civilidade*.

Pois na capital potiguar, no fim do século XIX, com sua população concentrada praticamente em apenas dois bairros, a Ribeira e a Cidade Alta (CASCUDO, 1980), lentamente ia germinando o

desejo de que a civilização chegasse a Natal. Era preciso deixar a condição simplória de antiga terra de *papa-girimum*, condição contra a qual pareciam se ressentir os natalenses.

Esse “ressentimento” ficou registrado, por exemplo, nas palavras de Antônio de Sousa (político e escritor da época, que também assinava como Polycarpo Feitosa):

A modesta capital, dividida em dois bairros de ruas impossíveis, ou sem calçamento ou grosseiramente calçadas de pedra bruta, sem edifícios, sem jardins, com um pequeno comércio e nenhuma indústria, parecerá mais uma vila de interior do que uma capital marítima (FEITOSA, 1899/2007)<sup>2</sup>.

Esse ressentimento com a condição de “atraso” parecia se embasar num discurso que remonta ao depoimento do viajante inglês Henry Koster, que, ao chegar a Natal em 10 de novembro de 1810, assim registrou sua impressão:

Cheguei às 11 horas da manhã à cidade do Natal, situada sobre a margem do Rio Grande ou Potengi. Um estrangeiro que, por acaso, venha a desembarcar nesse ponto, chegando nessa costa do Brasil, teria uma opinião desagradável do estado da população desse país, porque, se lugares como esse são chamados de CIDADES, como seriam as Vilas e Aldeias? (*Apud* CASCU-DO, 1968, p. 141).

---

2 O homem das letras Antônio José de Melo e Souza também foi governador do Estado por dois mandatos (1906-1908 e 1920-1924) e celebrou-se também como Polycarpo Feitosa, o autor do romance *Gizinba*. No livro citado, o autor retrata (um pouco ironicamente) o abismo entre hábitos modernizantes e a mentalidade provinciana em Natal no ano de 1928.

Era preciso então que, à maneira do Rio de Janeiro, Natal também se civilizasse<sup>3</sup>. Na capital potiguar – tal qual o resto do país, sobretudo a capital do país – a ânsia por civilidade tinha no modelo francês o principal norteador para a transição de séculos e de modos de vida, num período que se convencionou designar *Belle Époque*.<sup>4</sup>Essa transição implicaria transformações urbanas e culturais movidas pelo objetivo da classe dominante de moldar a cidade e seus habitantes para o novo século que se anunciava. Assim é que...

Na virada do século XIX e nos dois decênios iniciais do XX, o comportamento das elites natalenses registra mudanças, maneiras novas e corajosas de ver as coisas, que iam de um novo conceito político – a República – ao incremento de diferentes formas de pensar a questão literária, a ciência e o urbanismo (GURGEL, 1999, p. 31).

Embora não tenha vivido um *bota-abaixo* como no Rio de Janeiro (cf. BROCA, 2004), uma série de mudanças estruturais e comportamentais passa a ser empreendida na capital potiguar nos primeiros anos, de onde surgiu uma “Nova Natal” (cf. ARRAIS, 2011). Sob o comando político do grupo oligarca republicano liderado por Pedro Velho<sup>5</sup>, principalmente nos dois governos de Alberto Maranhão (considerado o grande mecenas na época), foram tomadas medidas de aformoseamento e higienização da cidade, tal

---

3 O *slogan* de autoria de Figueiredo Pimentel, na coluna “Binóculo” do jornal carioca *Gazeta de Notícias*, funcionaria como uma espécie de máxima a ser seguida por todas as capitais dos outros estados da República: *O Rio civiliza-se*. Cf. Broca (2004, p. 37). Ressalte-se também que em Natal circulou periódico com o nome de *O Binóculo*, de 1915.

4 Seguindo Gurgel (2009, p. 35-36), essa periodização em Natal pode ser delimitada pelos anos de 1885 até a década de 1930.

5 Pedro Velho de Albuquerque Maranhão (1856-1907) nasceu em Natal e formou-se em Medicina, na Bahia. Foi aclamado líder com a proclamação da República, que no RN ocorreu “sem barulho e sem violência”, tendo vencido diversas eleições para deputado e senador. Seu grupo se manteve no poder até os anos de 1920, com o último mandato de Ferreira Chaves (cf. CASCUDO, 2008).

como fizera o prefeito Pereira Passos no Rio de Janeiro: aterros e criação de praças e passeios, aumento da malha urbana com a criação de mais um bairro (Cidade Nova, de onde seriam originados os bairros de Tirol e Petrópolis), construção do teatro Carlos Gomes (posteriormente, Teatro Alberto Maranhão), instalação de bondes (primeiramente puxados por burros, depois movidos a eletricidade), fundação de agremiações literárias e de grupos esportivos, de cafés, bares e banheiros públicos. Tudo isso apontava para um novo modo de viver e habitar a cidade, traduzindo e fomentando um anseio reinante de *civilidade* (cf. ARRAIS, ANDRADE, MARINHO, 2008; GURGEL, 2009; MARINHO, 2011):

O desejo deles (a elite) era mudar a forma da cidade, alterando suas ruas, construindo novos espaços; mudar as pessoas, nos seus modos de ser, nas suas formas de se comportar e se divertir nas ruas, nas praças, nos jardins públicos, no teatro (ARRAIS; ANDRADE; MARINHO, 2008)<sup>6</sup>.

Nesse clima de mudanças, a imprensa teve um papel determinante, assumindo função de destaque nesse processo civilizador.

É preciso lembrar que todo o país, aliás, vivia um conjunto de circunstâncias (abolição da escravidão, proclamação da república, reforma do ensino, surto industrial e crescimento dos centros urbanos) que *favoreciam e demandavam a circulação da informação* (LUCA, 2005). O próprio desenvolvimento do Estado republicano se fez acompanhar pelo desenvolvimento da cultura letrada, conforme assinala Sodré (1999, p. 241):

---

6 As principais medidas de transformação urbana daquele período podem ser assim elencadas: Aterro e construção da Praça Augusto Severo – 1904; Aterro e saneamento do Baldo – 1905; Instalação de bondes puxados por burros – 1908; Instalação de energia elétrica e bondes elétricos – 1911; Inauguração do Cinema Politeama – 1911; Inauguração do Teatro Carlos Gomes – 1912; Inauguração da Escola Doméstica (referência para a educação feminina) – 1914. Uma modificação mais contundente da malha urbana de Natal só viria a ser implementada a partir de agosto de 1930, na administração municipal de Omar O’Grady, com o Plano Palumbo.

O desenvolvimento das letras, no Brasil, acelerou-se com a fundação dos cursos jurídicos, com o início das atividades públicas, de governo, de administração, de legislação, com o surto da imprensa. A cultura haurida dos livros e transmitida pela palavra escrita ou falada, passava a encontrar espaço na vida brasileira, desde a autonomia e a estruturação do aparelho do Estado.

Dessa forma, na virada dos séculos XIX e XX, Natal (e o Rio Grande do Norte, em geral) viu surgir uma significativa produção de periódicos que atuavam como espaço para poetas e prosadores filiados a uma *tradição romântico-parnasiano-simbolista* (ver ALVES, 2014, p.13-17). Foi o caso da *Revista Oásis* (1894-1904), criação do Centro Literário “Le monde marche”, e *A Tribuna* (1897-1904), do Congresso Literário<sup>7</sup>. E tal como a imprensa no Rio de Janeiro, capital do país, com a proclamação da República, Natal também viu florescer uma gama de pequenos órgãos jornalísticos, geralmente de vida efêmera, acontecimento comum em fases de agitação política (SODRÉ, 1999, p. 251)<sup>8</sup>. Tanto assim que, no caso de Natal, como lembra Anchieta Fernandes no seu estudo introdutório ao livro de Luiz Fernandes, uma popular quadrinha afirmava: *em cada rua um poeta, em cada esquina um jornal*.

A luta pela República, pela abolição da escravidão, pela maçonaria, pelo espiritismo, pelos

---

7 Podem ainda ser citados: *O Têntamen*, da Sociedade 1º de Março; *O Íris*, do Grêmio Castro Alves; *Miscelânea*, da Academia Literária Norte-Rio-Grandense; *Pax*, do Grêmio Literário Augusto Severo; *O Lavrador*, da Sociedade Agrícola do RN; *A Verdade*, do Clube União dos Amigos etc. etc. Para mais detalhes, ver Fernandes (1909/1998).

8 Afirma Nelson Werneck Sodré: *O período de passagem de um a outro século assinala o aparecimento de numerosos jornais, nas capitais e no interior* (1999, p. 274). Com efeito, foi um momento de ebulição total na imprensa em geral, período em que os processos artesanais foram deixados de lado, com os avanços técnicos e com a ascensão da burguesia, tornando-se os jornais verdadeiras empresas jornalísticas. No ano de 1896, por exemplo, um jornal como o *Estado de São Paulo* já apresentava uma tiragem de 8000 exemplares por edição (SODRÉ, 1999, p. 267).

evangélicos, pelas novas estéticas, pela sadia prática dos esportes, pelo feminismo, pelos direitos dos estudantes – tudo motivava a criação de um novo jornal (FERNANDES, 1998).

Foi assim que o humor se fez valer como mote não somente para criação desses minúsculos jornais que surgiam e desapareciam, mas também se manifestou pelo que se pode chamar de grande imprensa daquele momento, representada principalmente pelos jornais *A República*, *Diário de Natal* e *Gazeta do Commercio*, que mantinham em suas páginas diárias colunas de humor.

### 3. Antes o riso ao siso...

Conforme assinala Lustosa (1993, p. 40): *nenhum período da história brasileira se igualará à virada do século como era de ouro da anedota e da irreverência*, tanto que o século XX nasceu sob o riso de revistas voltadas quase que exclusivamente para o humor como *O Malho* (1902-1954), *Kosmos* (1904), *Fon-Fon!* (1907-1945), *Careta* (1908), *O Filhote* e *Dom Quixote* e quando surgiram nomes de destaque na pena satírica e caricaturesca, como Arthur Azevedo, Raul Pederneiras, Kalixto, Emílio de Menezes, Bastos Tigre, Madeira de Freitas, J. Carlos, dentre outros (cf. SALIBA, 2002; LUSTOSA, 1993)<sup>9</sup>.

A imprensa era, pois, o palco privilegiado para a produção do humor e em Natal não foi diferente. Como já assinalado, essa imprensa tratava de tudo um pouco: política, literatura, cotação do algodão, vapores que chegavam ao cais da Tavares de Lyra, telegramas com notícias de outros estados e da Europa, fofocas de esquina, anúncios comerciais e folhetins, enfim, toda sorte de assunto que pudesse ampliar a comunidade leitora da cidade e expandir o jornalismo local. E, nessa direção, pipocavam os ditos jornais recreativos, literários e assumidamente humorísticos, dos quais os enunciadores se reconheciam a si próprios como *humoristas*, à maneira do que se lê no jornal natalense *O Fon-Fon*, na edição de 26 de setembro de 1920:

---

<sup>9</sup> Segundo Saliba (2002, p. 39), em São Paulo, onde mais se concentravam as publicações periódicas, do total de 523 revistas publicadas no período de 1870 a 1930, 62 delas (12%) se auto-intitulavam “humorísticas”.

Ilustram neste numero nossas columnas J. da Sombra e J. d'Alsacia, humoristas muito conhecidos já dos nossos leitores. Nós desvanecidos agradecemos e esperamos continuem<sup>10</sup>.

A própria maneira cômica como os jornais se apresentavam já indicava seu caráter humorístico. É o que exemplifica o caso do jornal O Aruráu, editado por P. Thomaz, cujo primeiro número veio a público em 5 de novembro de 1905:

O ARURÁU é o jornal de maior circulação em todo o Bréjo Natalense. Tiragem: uma “ruma” de exemplares. Redação: ENFESTADA.

Outra prova de que também em Natal o humor estava fortemente associado àqueles senhores da imprensa é a explicação que Ezequiel Wanderley dá dos critérios que utilizou para elaborar seu livro *Poetas do Rio Grande do Norte*, a primeira antologia literária potiguar, de 1922: *o nosso escopo foi reunir, e não selecionar – poetas líricos, simbolistas, clássicos, naturalistas, parnasianos, decadistas, satíricos e humoristas, mas, em todo caso, preferencialmente filhos deste rincão* (Apud GURGEL, 2008, p. 339, grifos nossos).

É bom lembrar, aliás, que Ezequiel Wanderley, além de escrever comédias para o teatro (SANTOS, 2014), assinava também colunas humorísticas na revista *A Tribuna* (1898-1904), órgão do Congresso Literário, que reunia os principais nomes ligados às letras e a imprensa do período. Nessas colunas, assinava com os pseudônimos de Gil Pimpão e Juquinha das Mercês.

Tomando como base os trabalhos de Luiz Fernandes – *Imprensa Periódica no Rio Grande do Norte (1832-1908)* – e de Manoel Rodrigues de Melo – *Dicionário da Imprensa no Rio Grande do Norte (1909-1987)* de Manoel Rodrigues de Melo, é possível contabilizar, entre o início dos anos de 1880 e final de 1930, mais de sessenta jornais com algum viés humorístico (FERNANDES, 1998; MELO,

---

10 J. da Sombra e J. d'Alsacia eram, respectivamente, pseudônimos de João Estevão e Pedro Lopes Jr.



1987)<sup>11</sup>. Uma produção profícua, como se vê, embora muitos desses jornais de humor, como já dito, tivessem curta duração<sup>12</sup>.

E acrescenta-se ainda o fato de que na imprensa tida “séria”, conforme já acenamos, havia também um espaço reservado para o humor, numa tradição que remete às quadrinhas satíricas inauguradas pelo jornal carioca *Gazeta de Notícias*, antes mesmo da proclamação republicana, com a seção “Casa de Doidos”, assinada por Pedro Rabelo (LUSTOSA, 1993, p. 35).

Em Natal, tínhamos, por exemplo, a *Anthologya Papa-gerimú* assinada por Polyantok (Pedro Lopes Jr.), em que se parodiava a biografia de nomes da cultura local (ARAÚJO, 1991, p.29). Também no jornal de oposição *Gazeta do Commercio*, comandado por Pedro Avelino, encontravam-se lá a coluna *Rimando e Rindo*, assinada pelo pseudônimo *Zombeteiro*, e a coluna assinada por “Zé Felix”<sup>13</sup> em que dois personagens (Cazuza e D. Maricota) conversavam sobre fatos do momento.

No jornal oficial *A Republica*, três colunas se destacavam na aurora do século XX e merecem destaque: *Colmeia*, assinada por “Abelha Mestre”; *Pensando e Rindo*, assinada ora por “Tartarin”, ora por “Pedro Malazarte”; e a coluna de “Lulu Capeta”. Tais pseudônimos seriam, segundo Manoel Rodrigues de Melo (1987), de Segundo Wanderley, Esmeraldo Siqueira e José Pinto, respectivamente. Já Tartarin, de autor desconhecido, remete ao personagem fanfarrão do romance de Alphonse Daudet, de 1872.

---

11 Ressalte-se que em muitos dos verbetes apresentados por esses autores não há uma indicação precisa de se tratarem de periódicos de humor, o que se inferiu a partir de outras informações (título, nomes dos participantes etc.). Desse modo, aquele que nos parece ser o primeiro jornal de humor natalense, registrado por Fernandes e constando apenas a indicação do ano – 1833 – é *A Tesoura*.

12 A apresentação do jornal *O Brado Natalense*, já em 1849, reflete um pouco esse caráter irregular das publicações da época: *O Brado Natalense publicar-se-há quando e em quanto convir*.

13 Segundo Melo (1987), Gothardo Neto assinava como Zé Fidelis e Jorge Fernandes assinava como Felix Fidelis. Fica, assim, a dúvida: seria uma coluna escrita em coautoria?

Uma rápida e livre descrição de cada uma das colunas. No decurso do ano de 1901, passaram a ser publicadas diariamente. A coluna *Colmeia* constituía-se de pequenas notas que abusavam, sobretudo, da zombaria de nomes ligados ao jornal *Diario de Natal* e episódios relacionados a tais pessoas. Como se sabe, o referido periódico comandado por Elias Souto<sup>14</sup> fazia oposição ao governo oligarca e, conseqüentemente, ao jornal *A Republica*. Pois a coluna assinada por *Abelha Mestra* (Segundo Wanderley), nos termos de Propp (1992), fazia apelo a um *riso de zombaria*, que renega sarcasticamente seus adversários, nomes ligados ao jornal *Diario de Natal*, demonstrando também a máxima de que um campo discursivo (como a imprensa) é necessariamente de caráter bélico (MAINGUENEAU, 2011).

*Pensando e Rindo* era a coluna assinada por “Tartarin”. Dividia-se em três partes, condizentes com o propósito pressuposto no título: uma citação célebre que, por sua *destacabilidade*<sup>15</sup>, expressaria um pensamento a ser tomado como conduta; em seguida, um pequeno poema, geralmente de caráter romântico e não-assinado; e por último, uma piada.

A piada se define basicamente por fazer confrontar dois esquemas de raciocínio distintos (normal x anormal, lógico x ilógico etc.), do que advém seu efeito de surpresa e riso (RASQUIN, 1985). À maneira desse exemplo, publicado na edição de 28 de outubro de 1901:

---

14 Elias Souto (1848-1906), natural de Açú, é considerado o primeiro jornalista profissional do RN. Fundou vários jornais antes de criar *O Nortista* (1892), que em 1895 passaria a ser conhecido como *Diario de Natal*, principal jornal de oposição ao grupo político de Pedro Velho. No livro *Personalidades Históricas*, editado pela Fundação José Augusto e o Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine (1999), assim consta seu perfil: *Elias Souto era paralítico desde jovem. Agressivo e inconformado com a situação política de sua época, tornou-se adversário do então governador Pedro Velho (...) (que) o designara para ensinar em Pau dos Ferros, extremo oeste do Estado, apesar de suas extremas dificuldades de locomoção, duplamente agravando-se o problema por tratar-se da disciplina “Calistênica” (correspondente à Educação Física), mesmo sabendo que vivia numa cadeira de rodas.*

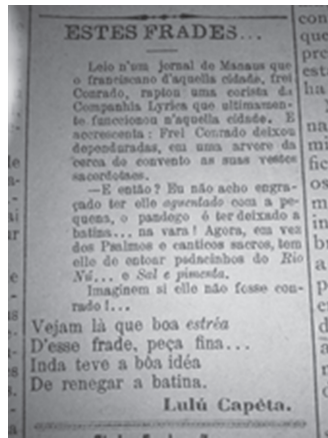
15 Segundo Maingueneau (2014), essa condição caracteriza enunciados dados como autônomos, livres de qualquer amarra de natureza textual e enunciativa: podem ser fragmentos de textos originais que circulam em outros contextos e/ou enunciados imemoriais (provérbios, por exemplo) e cuja estrutura pregnante lhe confere um estatuto generalizante de verdade atemporal.

- Como é que tiveste a natureza de tomar tua mãe para creada?

- Nada mais natural... Toma também a tua.

- Não merece confiança... Era capaz de bifarme tudo.

A terceira coluna seria, na minha impressão, a mais “fidalga”. Escrita pelo próprio gerente e tipógrafo d’*A República* (José Mariano Pinto) sob o pseudônimo de Lulu Capeta, funcionava como uma mistura entre o fazer rir (divertir) e o fazer informar (divulgar/noticiar). Tomemos o seguinte exemplo, em que o autor dá notícia de um episódio cômico: a fuga de um frade com uma artista circense na cidade de Manaus:



Coluna do jornal *A República* assinada por Lulú Capêta, pseudônimo de José Mariano Pinto, em edição de 28 de dezembro de 1901, em que se noticia o caso de um padre que fugiu com uma corista em Manaus, o que atesta também os hábitos de leitura de periódicos de outras regiões por parte dos sujeitos da imprensa natalense. Arquivo IHGRN.

O uso das quadrinhas também se vê, por exemplo, nessa coluna *De meu canto*, assinada por *Nemo*, no jornal de oposição *Diario de Natal*: após noticiar a chegada de um gasômetro de acetileno para a inauguração do Teatro Carlos Gomes, assim debocha do evento com essa quadrinha:

Ca' por mim não sei se va  
A festa de inauguração  
(E commigo alguns doutores)  
Por medo da explosão.

Com efeito, o uso recorrente de quadras poéticas nos jornais de humor ilustram o entrecruzamento de campos discursivos: naquela imprensa nascente, ainda não especializada pela industrialização, convergiam as esferas do jornalístico, do literário e do humorístico. Essa convergência de campos discursivos se demonstra quando tais quadrinhas humorísticas são apresentadas após pequenos relatos noticiosos, que podem tratar tanto de assuntos corriqueiros da comunidade local, como acontecimentos vistos em outros periódicos ou ainda com críticas ao poder oficial (como a coluna de *Lulu Capeta* no jornal *A República* ou a coluna *De meu canto*, do jornal *Diario de Natal*).

Textos como o do exemplo a seguir, baseado outra vez no riso de zombaria e publicado no jornal *A Espora*, de 1 de junho de 1899, assinado pelas iniciais J.A., eram abundantes:

O Mendes  
Vi escripto em grandes letras  
Do Atheneu na parede:  
- Saibam gregos e troianos  
Que o Mendes mija à rede!<sup>16</sup>

Mas outros textos de viés humorístico, embora sem periodicidade definida, eram também publicados e assinados por pseudônimos, tais como “Risão” (João Estêvão) e “Pedro Malazarte” (Esmeraldo Siqueira). Esses textos, em seus gêneros textuais, também

16 Não há como afirmar com certeza, mas pode-se especular: tratar-se-ia do poeta Mario Mendes, pertencente ao Grêmio Literário Frei Miguelinho? Isso porque, em outro jornal, *O Telephono*, edição de 1902, o mesmo nome é citado em coluna intitulada *Coisas que não prestam*, ao que segue: ... *a cabeleira indecente de Mario Mendes*. Também no periódico *A Encrenca*, de 16 de novembro de 1913, em seção intitulada *Perguntas sem respostas*, aparece a seguinte indagação: *Porque Mario Mendes não procura um remédio para acabar com a mania de ser poeta?* Tratar-se-ia, então, de um humor que tende mais ao carnavalesco.

ilustram a convergência de campos (o literário, o jornalístico e o humorístico): as anedotas, as fofocas e as crônicas.

A anedota, aqui considerada como pequena narrativa cômica, explora o mesmo mecanismo fundamental da piada: quebra súbita de esquemas de raciocínio (RASQUIN, 1985). Eis um exemplo, publicado no *Diário de Natal*, de 28 de maio de 1904:

Em roda de rapazes um excessivamente pedante, elogiava seus tios.

Um cidadão que se achava de parte e conhecia chronica de todos, exclama furioso:

- Calla a boca, maluco, dos teus tios o único que prestava era teu pae.

Outro exemplo é o caso das caricaturas. As caricaturas, conhecidas como *portrait-charges*, desde 1896 já ocupavam espaço na imprensa brasileira, com as “Caricaturas Instantâneas” de Julião Machado na Gazeta de Notícias (SODRÉ, 1999, p. 301).

Em Natal, o exemplo dessa prática discursiva que alia imprensa e humor pode ser demonstrada, por exemplo, em dois pequenos casos. Na festa de comemoração aos dez anos da agremiação literária Natal-Club, conforme noticiado no jornal *A República* de 24 de julho de 1916, além da conferência de Moysés Soares (1916/2008), houve uma exposição de caricaturas de Potyguar Fernandes (filho de Luiz Fernandes, o primeiro a catalogar os periódicos da terra). Anos depois, na década de 1930, o jornal natalense *A Razão*, chefiado por Eloy de Souza, promoveu um concurso das melhores caricaturas apresentadas na Exposição Rubens Diniz.



No concurso realizado pela Exposição Rubens Diniz, a caricatura mais expressiva foi a de Henrique Castriciano (à esq.), com 132 votos, e a mais feia foi a de Antônio de Souza (Policarpo Feytosa, à dir.), com 141 votos. Arquivo CEDOC-RN.

#### 4. Para finalizar, uma última graça...

Fico olhando esses periódicos e colunas (nos originais ou em reproduções) e tento desvendar aquela escrita do humor. O que queriam aqueles sujeitos? Das mais centrais às mais periféricas, o que revelam aquelas autorias?

Evidentemente, não há uma palavra final, categórica e inequívoca, a ser proferida sobre a imprensa humorística em Natal na *Belle Époque*. Isso porque não me parece haver uma origem a ser descoberta. Embora possamos pensar que *A Tesoura*, de 1833, tenha sido o jornal a inaugurar o humor na imprensa local (MELO, 1971, p. 98), não se trata de aqui pretender atribuir um único sentido para esse fenômeno: o de determinados indivíduos letrados se encontrarem, vivenciarem certos hábitos e práticas na cidade que se civilizava e se afirmarem, em sua existência também efêmera, por um exercício de escrita e de humor.

Este artigo foi também uma tentativa minha, totalmente pessoal e intransferível, de afirmar-me por meio da escrita, no caso, uma escrita voltada para a leitura de jornais e colunas de humor. Pena que meu humor não esteja à altura de nomes como *Lulu Capeta*, *Pierre*, *Zé Felix*, *Dr. Bostok*, *Abelha Mestra*, *Um jovem*, *Dr. Seboso* e tantos outros. Não sei fazer um gracejo como eles para terminar este artigo

com mais alegria e dignidade.

Mas ainda assim ousou fazer algumas considerações mais gerais. Diversos elementos deixaram de ser abordados aqui com mais vigor, por uma questão de espaço: as estratégias linguísticas e discursivas como duplos sentidos, estereótipos, paródias, marraconismo, entre outras, que deram forma ao humor nesses jornais; a tensão entre um posicionamento discursivo mais civilizador e um mais carnavalesco, à maneira do que foi proposto por BAKHTIN (1987); os ritos e rotinas sociais e urbanas em que se forjaram as colunas e os periódicos de humor, com os hábitos e as práticas dos sujeitos da imprensa de então.

Todavia, posso afirmar que a imprensa de humor em Natal na *Belle Époque* foi não só uma forma com que sujeitos, grupos e posições do campo discursivo das letras travaram acordos e guerras entre si, como foi também uma maneira da cidade rir de si própria. Aquela cidade ainda menina-moça, sede de uma província faminta por se civilizar e se modernizar. O riso, talvez, fosse um modo de vivenciar, naquele período de mudanças e transições, a descontinuidade entre a ânsia pelo novo e a saudade pelo velho, entre a tradição e a modernidade, um modo de experimentar a eterna questão do abismo entre passado e futuro, questão essa que, sabemos, nunca se resolve.

Bem como ilustra Zé Felix (Gothardo Neto? Jorge Fernandes?), cuja crônica utilizo para encerrar este texto. Essa coluna era publicada tanto no jornal *O Trabalho* como na *Gaseta do Commercio*, ambos comandados por Pedro Avelino<sup>17</sup>, na qual se fazia uso da cenografia de uma conversa entre dois tipos – D. Maricota e Casusa – para se falar de temas da ordem do dia. Na edição de 31 de dezembro de 1907, lê-se o seguinte:

Porque nós, com essa goga de civilização (todos querem ser civilizados) entendemos que o que presta é só do estrangeiro. A chita bôa é a inglesa; o brim melhor é o inglês; a fantasia mais bonita é a francesa; chapéus, sapatos, gra-

---

17 A mesma coluna também foi vista no jornal *O Trabalho*, de 1905, também impresso na tipografia da *Gaseta do Commercio*, do mesmo Pedro Avelino.

vatas, bengalas, tudo, numa palavra – só é bom quando é despachado pelas alfandegas vindo da Europa.

Ao que completa, com finíssimo exagero cômico: *Pois até o palito, de esgravatar os dentes só nos serve sendo estrangeiro!*

### Referências Bibliográficas

ALVES, Alexandre. *Poesia submersa*. Volume 1. Poetas e poemas no RN: 1900-1950. Mossoró, RN: Queima-Bucha, 2014.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: EDUFRN, 1995.

ARRAIS, Raimundo. *Estudo introdutório*. In: **Crônicas da origem: a cidade de Natal nas crônicas cascudianas de 1920**. 2 ed. Natal: EdUFRN, 2011.

ARRAIS, Raimundo, ANDRADE, Alenuska, MARINHO, Márcia. *O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930*. Natal: EdUFRN, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi. 3 ed. São Paulo: Hucitec/Brasília: EdUnB, 1987.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio/Academia Brasileira de Letras, 2004

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro; Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1980.

\_\_\_\_\_. *Nomes da terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte*. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

\_\_\_\_\_. *Vida de Pedro Velho*. Natal: EDUFRN, 2008 (Coleção Câmara Cascudo: memórias e biografias).

FERNANDES, Anchieta. *Introdução*. In: *A imprensa periódica no Rio Grande do Norte. De 1832 a 1909*. Natal: Sebo Vermelho, 1998 (Título original de 1909).

FERNANDES, Luiz. *A imprensa periódica no Rio Grande do Norte*.



De 1832 a 1909. Natal: Sebo Vermelho, 1998 (Título original de 1909).

FEITOSA, Polycarpo. *Vida Potygar*. Natal: Sebo Vermelho, 2007 (Título original de 1899).

GURGEL, Tarcísio. *Belle Époque na esquina*. O que se passou na República das Letras potiguar. Natal: Edição do autor, 2009.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes Históricas. São Paulo, Ed. Contexto, 2005 p. 111 a 153.

LUSTOSA, Isabel. *Brasil pelo Método Confuso*. Humor e boemia em Mendes Fradique. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

MAINGUENEAU, Dominique. *Frases sem texto*. Tradução de Sírio Possenti et alli. São Paulo: Parábola, 2014.

\_\_\_\_\_. *O contexto da obra literária*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARINHO, Márcia. *Natal também civiliza-se*. Natal: EdUFRN, 2011.

MELO, Manuel Rodrigues de. *Dicionário da Imprensa no Rio Grande do Norte (1909-1987)*. São Paulo: Cortez/Natal: Fundação José Augusto, 1987.

\_\_\_\_\_. *Grupos literários da província*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Volumes LVI, LVII e LVIII. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1971.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. Vários tradutores. São Paulo: Ática, 1992.

RASKIN, V. *Semantic mechanisms of humor*. Dordrecht: D. Riedel, 1985.

SALIBA, Elias Tomé. *Raízes do Riso*. A representação humorística na história brasileira: da *Belle époque* à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANTOS, Racine. *Os Wanderley e o teatro no estado do Rio Grande do Norte*. Revista Grande Ponto. Ano I. Número 6. Natal: agosto/

setembro de 2014.

SOARES, Moysés. *Natal-Club e a sua primeira década*. Natal: Sebo Vermelho, 2008. Original de 1916.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

**CELLINA MUNIZ** é escritora, professora do Departamento de Letras da UFRN, autora de “Uns Contos Ordinários” e outros livros.

# Os acadêmicos e o modernismo

*Antonio Carlos Sechin*

Apenas uma vez – e durante 3 anos – 2 norte-rio-grandenses conviveram na Academia Brasileira de Letras. Refiro-me a Rodolfo Garcia, eleito em 1934, e a Peregrino Junior, empossado em 1946. Como Garcia faleceu em 1949, durante 3 anos (46 a 49) a ABL contou com dois potiguares em seus quadros. 53 anos depois de Peregrino, foi a vez de, em 1999, Murilo Melo Filho ingressar no quadro de membros da ABL, em festiva cerimônia, a que compareceu o então governador do estado, Garibaldi Filho. Por duas vezes Murilo, no discurso de posse, citou o estado natal. Peregrino, sempre associado ao imaginário amazônico, citou-o uma vez; Rodolfo Garcia, nenhuma, intelectual muito mais atento à História do que à Geografia.

Entre os estudiosos, é consenso dizer que a poesia modernista, no Rio Grande do Norte, iniciou-se em 1927, com o *Livro de poemas*, de Jorge Fernandes, bem acolhido, na época, por Câmara Cascudo e Mário de Andrade, e, mais recentemente, por Haroldo de Campos e por Humberto Hermenegildo, em seu acurado ensaio *O lirismo nos quintais pobres – a poesia de Jorge Fernandes*.

Proponho, sumariamente, desenvolver as relações entre o Modernismo de 1922 e a Academia Brasileira, tendo, como ponto de partida, um interessante e nunca reeditado livro de Peregrino Júnior: *O movimento modernista*, de 1954. Nele, Peregrino se confessa um apreciador crítico do movimento: a ele não aderiu, mas simpatizou com suas conquistas; foi amigo de alguns dos partícipes, a exemplo de Manuel Bandeira, não por acaso o acadêmico escolhido para recebê-lo na ABL.

A partir de 1942, com uma famosa conferência de Mário de Andrade, uma espécie de balanço desencantado da Semana de Arte Moderna, em todas as décadas os anos terminados pelo dígito 2 se prestam a comemorações do movimento!

Talvez seja hora de atentarmos para alguns de seus aspectos insuficientemente considerados, sob a chuva de aplausos e de panegíricos com que o evento costuma ser celebrado.

Para início de conversa, penso que a Semana não aconteceu em São Paulo no mês de fevereiro de 1922: ela *ocorreu* na capital paulista, mas não foi um *acontecimento*: transformou-se nisso posteriormente, com o fundamental e amplificador auxílio dos participantes da empreitada, e até de seus detratores.

O tempo conferiu à Semana uma envergadura bastante superior à que, de fato, ela apresentou à época de sua realização: a rigor, 22 é uma invenção pós-22. Senão, vejamos: em excelente pesquisa, Maria Eugênia Boaventura rastreia o que a imprensa publicou sobre o festival, no calor da hora: o resultado aponta 118 matérias, cifra longe de ser desprezível. Mas, desse total, nada menos do que 105 provieram de periódicos paulistas, numa demonstração da escassa ressonância além-fronteiras da empreitada. Os treze restantes saíram no Rio de Janeiro, nove deles na revista *Careta*, oito dos quais sob pseudônimo ou sem indicação de autoria. Os ecos da Semana, portanto, mal chegaram à então capital Federal, e foram inaudíveis em outros estados.

A Semana, como se sabe, exibiu manifestações musicais, pictóricas e literárias. Recordemo-nos do contingente propriamente literário, e dos nomes que o compuseram.

O lugar de destaque – a conferência de abertura – coube a Graça Aranha, que, membro da Academia Brasileira de Letras, conferia prestígio à cerimônia, mas cujas ideias, confusamente (des)articuladas, pouco traziam de efetivamente moderno, diluindo-se na vagueza de uma suposta “emoção estética”, que conduziria “à nossa gloriosa fusão no Universo”.

Também falaram Ronald de Carvalho, Menotti Del Picchia e Renato Almeida: nenhum desses escritores pode ser identificado à linha de frente do Modernismo. Curiosamente, porém, coube a Menotti (pouco depois estigmatizado pela ala triunfante do movimento) o discurso mais ousado do festival, no repúdio aos resquícios tardo-helenizantes do Parnasianismo agônico: “Basta de se exaltar artimanhas de Ulisses num século em que o conto do vigário atingiu a perfeição de obra-prima./.../ As ninfas modernas dançam maxixe ao som do jazz./.../ Morra a Hélade! Organizemos um zé-pereira canalha para dar uma vaia definitiva e formidável nos deuses do Parnaso”. Em socorro à sua argu-

mentação, Menotti evoca, entre outros, Sérgio Milliet, Ribeiro Couto, Plínio Salgado, Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Ressalvemos, todavia, que o Oswald citado é o bem comportado prosador de *Os condenados* (1922), não o poeta que se revelaria no *Pau-Brasil* (1924).

Mário leu poemas da *Pauliceia desvairada* no saguão do teatro; simbolicamente, é como se a voz modernista estivesse soando do lado de fora do palco: próxima e ao mesmo tempo interdita à legitimidade do grande salão. De Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho apresentou “Os sapos”, poema extraído de *Carnaval* (1919), regularmente rimado e metrificado; posto que de viés crítico ao Parnasianismo, ainda é texto muito distante da modernidade que se estamparia em *Libertinagem* (1930).

É sintomático, aliás, que o escritor mais recorrente da programação tenha sido Ronald de Carvalho, um dos corifeus do Penumbrismo (vertente moderada do Modernismo): além de conferencista, ele é citado por Graça Aranha e comparece como letrista no derradeiro dia das apresentações.

O momento em que as propostas modernistas, de fato, se consolidam e se propagam vai ocorrer dois anos depois, numa espécie de involuntário “segundo tempo” da Semana, capitaneado pelo mesmo mestre-de-cerimônias de 22, Graça Aranha, num ambiente em princípio refratário à vanguarda: as dependências da Academia Brasileira de Letras. Com efeito, foi enorme a repercussão de sua palestra “O espírito moderno”, proferida em 19 de junho de 1924: nem tanto pelo texto em si, mas pela subsequente polêmica travada entre a ala dos “modernos” e a dos “conservadores”, capitaneadas, respectivamente, por Graça Aranha e Coelho Netto, e que culminaria, três meses depois, com o voluntário e radical rompimento de Graça Aranha com a Academia, de que fora membro fundador.

Se, em 1924, o escritor ainda podia pretender-se um líder do movimento, conforme o demonstra a dedicatória de Bandeira inserida em exemplar de suas *Poesias*, do mesmo ano – “ao mestre da perpétua alegria, o seu eterno aprendiz” –, o fato é que, pouco depois, ele foi descartado pelos jovens que ajudou a promover, e com os quais, no fim das contas, apresentava pouquíssimas afinidades, para além do comum desejo de combater o passado.

A Semana representou, assim, antes um conjunto de tendências e aspirações do que um campo de efetiva realização daquilo que propugnava. Tampouco foi o marco zero de tais tendências, que já vinham de antes e que se materializariam depois, com especial intensidade, no período entre 1924 e 1931: nele se inserem o *Pau-Brasil* e as *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade; o *Macunaíma*, de Mário de Andrade; a *Cobra Norato*, de Raul Bopp; o *Martim-Cererê*, de Cassiano Ricardo; *Alguma poesia*, de Carlos Drummond de Andrade; os *Poemas*, de Murilo Mendes.

Além da urgência do novo, de que se fez porta-voz, não seria arbitrário afirmar que o maior legado da Semana de 22 foi...a própria Semana de 22: o padrão, aparentemente incontornável, em que ela logrou *a posteriori* erigir-se, estabelecendo-se como instância mítica refundadora de toda uma literatura. Depois da canonização da Semana, nenhuma interpretação de nossa produção literária – prévia ou posterior a 1922 – ficou imune aos parâmetros que ela sinalizou.

E isso já é razão bastante para que voltemos a falar detidamente da Semana, daqui a 7 anos, em 2022. Já podem imaginar as comemorações que virão nos cem anos da Semana. Uma vanguarda centenária! Até lá, então.

**ANTONIO CARLOS SECHIN** é escritor e professor, membro da Academia Brasileira de Letras. Autor dos livros “João Cabral e a Poesia do Menos”, “Diga-se de Passagem”, “Elementos” e outros.

# NÃO HÁ MOTIVO: Musicalidade e estranhamento

os aspectos lírico-contemporâneos da poesia de  
João Andrade

*Leocy Saraiwa*

Muito vasta tem sido a safra literária do Rio grande do Norte na atualidade. Tradicionalmente fértil para a poesia, das terras potiguares brotam talentos incontestáveis, como é o caso do contemporâneo João Andrade (Natal, 1962).

Além de ter participação em várias Antologias, tanto em verso quanto em prosa e, desde a mais tenra juventude, uma ampla militância em movimentos literários no cenário cultural da capital do estado, o poeta João Andrade (também artista plástico, embora ele resista em assim ser chamado), possui três livros publicados, todos no gênero poema: *Por Sobre as Cabeças* (edição do autor, 2005), *Cantigas de mal dizer* (editora Sol, 2010) e *Livro de Palavra* (edição do autor, 2013).

Para termos a dimensão da força lírica expressa pelo trabalho desse poeta, vejamos o que afirma o jornalista mossoroense, também poeta, Mário Gérson, no texto de orelha do *Livro de Palavra*:

João Andrade é um nome para se ler, com muito carinho e atenção, no atual cenário da poesia brasileira. Não por sua maneira de escrever, sem a sofreguidão dos poetas comuns, sem o malabarismo dos “diferentes”, sem aquele cheiro de rosa, sem o romantismo que não é libertação, mas por suas visões apocalípticas, por suas intervenções na construção poética, vestindo a poesia de uma roupa nova, no entanto, marcada por sua experiência no que diz respeito ao trabalho poético, pois que cada palavra é pesada, é medida numa balança da consciência, demonstrando que esse poeta não quer nos le-

var para um lugar comum. Este poeta nos leva além... (GERSON, 2013).

Voltaremos, neste trabalho, o olhar para o terceiro livro de Andrade, especificamente para o poema *Não há motivo* (poema 43, p. 103), tentando observar, além da “arquitetura estética” da obra, com ênfase nas características apontadas por Gérson, suas dimensões líricas contemporâneas, atentando para os traços sonoros e para os aspectos definidores do texto artístico nos dias atuais, evidenciados no estranhamento da linguagem e nas temáticas existencialistas, pessimistas e melancólicas, extremamente recorrentes e evidentes nos escritos do autor em seus três livros. Assim vejamos o poema:

### **Não há motivo**

43

Não há motivo para meu canto,  
no entanto canto mesmo assim.  
Não há razão para o espanto  
e não espanto os males que há em mim.  
Não há caminho por onde sigo  
e o que eu digo não é bom ou ruim.  
Palavras carrego em sigilo  
e somente elas estarão comigo  
no fim.

Iniciando nossa passagem analítica pelo poema, abordando o título, notamos a existência de um numeral antecedendo o texto. Ao contrário do que se pode pensar de imediato, a presença dessas duas marcas titulares (vocabular e numérica) não agrega nenhuma função ligada às exigências de sentido. Ao contrário, uma característica estilística do autor é não intitular seus poemas, atribuindo-lhes apenas números para efeito de localização no índice. Isso ocorre em toda a extensão de seu trabalho, embora, neste último livro, tenha utilizado também a convenção de, devido à sua resistência aos títulos, nomear cada poema com seu primeiro verso ou com parte dele. Acreditamos, tenha ele decidido por esse recurso para melhor facilitar a



mobilidade do leitor quanto à localização do texto na dimensão do livro, e quanto à apropriação da leitura partindo-se de um referente. É viável pensarmos que o autor, atentando para tais detalhes, tenha buscado aprofundar a relação autor-obra-público, no ciclo de existência efetiva da obra.

Observando os aspectos formais do poema, temos a estrutura composta por uma estrofe com nove versos heterométricos (tamanhos irregulares), contudo, de métrica aproximada, dos quais, procedendo-se a escansão, aparecerá o esquema composto por 9, 9, 8, 11, 9, 10, 8, 10 e 2 sílabas poéticas, do primeiro ao último verso, respectivamente. Pode-se afirmar, diante desse traçado métrico que o poema desenvolve um ritmo constante até o penúltimo verso, até que no último ocorre uma quebra, sendo reduzido drasticamente para apenas duas sílabas poéticas. Não é difícil perceber que essa quebra de ritmo reitera o sentido do poema, no tom pessimista em que o eu lírico expressa seu desassossego e sua crença em um porvir caótico, apegando-se apenas à poesia como companhia fiel. Dessa forma, o fim do poema coincide com a expressão *no fim*, que forma o último verso. Esse verso, tão curto em relação aos demais, reforça incisivamente a afirmação de um sujeito poético desencantado com o seu destino, resignado e à espera de um término solitário, à míngua (como míngua é este verso em sua estrutura métrica).

Quanto às rimas, estas são abundantes no poema, havendo ocorrência de rima externa (canto/espanto, por exemplo), interna (no entanto/canto, por exemplo), consoante (assim/mim, por exemplo) e toante (sigo/sigilo, por exemplo). Contudo, as consoantes aparecem em maior número, como recurso estilístico bem marcado. Quanto à combinação, as rimas apresentam-se cruzadas, nos quatro primeiros versos (ABAB), sendo, quanto à tonicidade, as rimas “A” graves e as rimas “B” agudas. No quinto verso, exatamente quando a voz lírica afirma “não há caminho por onde sigo”, a rima toma outro rumo, desviando-se da sequência anterior e inaugurando outra: CBCCB. Observemos no poema:

- 1 Não há motivo para meu canto, (A)
- 2 no entanto canto mesmo assim. (B)
- 3 Não há razão para o espanto (A)
- 4 e não espanto os males que há em mim. (B)
- 5 Não há caminho por onde sigo (C)
- 6 e o que eu digo não é bom ou ruim. (B)
- 7 Palavras carrego em sigilo (C)
- 8 e somente elas estarão comigo (C)
- 9 no fim. (B)

Neste ponto, em que uma voz lírica resignada e melancólica expressa o embaraço de seus rumos pela ausência de perspectivas positivas de futuro, a semântica do 5º verso parece ser reforçada pela mudança na sequência rítmica (inserção da rima “C”). Essa alteração sonora bem no meio do poema (na passagem do verso 4 para o verso 5), numa percepção da materialidade textual, nos sugere uma espécie de “esquina” a partir da qual o eu lírico deixa melhor explícito seu “desacaminho”, percorrido em direção ao fim.

A ocorrência da rima “B” atravessando o poema atua como elemento sonoro coesivo. A nosso ver, uma providência bastante pertinente na construção melódica, visto que os versos 2, 4 e 6 são “calados” com pontos finais, aumentando a tendência de dispersão da voz que se expressa. Já as rimas “C”, rimas graves, dadas pelos vocábulos *sigo*, *sigilo* (rima aproximada) e *comigo*, promovem, ainda mais contundentemente, a experiência de dispersão, de introspecção e de solidão vivenciados pelo sujeito poético.

Outro recurso de coesão, por meio da reiteração das informações do poema, é o paralelismo. A expressão “Não há” iniciando os versos 1,3,5 em que o eu lírico menciona a ausência de motivo, de razão e de caminho, respectivamente, repete a sensação desoladora do eu lírico, numa crescente consumição, até a previsão do seu estado final: sozinho, no sigilo de seus poemas. Pode-se, seguramente, perceber a importância dessa repetição no poema, a partir do que afirma Bosi (2010. P. 42): “A volta é um passo adiante na ordem de conotação, logo na ordem de valor”, exercendo papel fundamental de apoio sensorial. Dessa forma, esse recurso de reiteração enriquece sobremaneira o tom emotivo do texto, favorecendo a imersão do leitor na atmosfera poética, no caso do poema em foco, no tom melancólico. Isso ganha referência a partir do que diz Spina:

Outro fato que determina a repetição é a condição emotiva em que está colocado o que canta. É o que acontece com as canções das carpideiras, cujos segmentos rítmicos devem repetir-se como se repetem os soluços durante todo o tempo da lamentação. (SPINA, 1982. p. 23).

Esse recurso, derivado das manifestações literárias em seus primórdios, advindo, segundo Spina (1978, p.44), de canções rítmicas, danças, provérbios e refrões populares aparece, no poema em análise, em função da musicalidade que, por sua vez, reforça a melancolia projetada na temática. O próprio autor de *Não há motivo* delega grande importância às manifestações populares, marcadas pela literatura de tradição oral, com as quais teve contato em sua época de infância. A elas podemos atrelar a influência que configura um fazer poético delineado pelas marcas da poesia em suas manifestações primeiras, nos quesitos emotividade e musicalidade, conforme expressa o próprio autor:

[...] dos dois aos seis anos vivi no interior da Paraíba em plena caatinga [...]. Foi um período muito interessante, pois mesmo sendo muito

criança lembro-me das festas populares, da feira no mercado da cidadezinha próxima e, principalmente, dos cantadores de cordel. (ANDRADE *apud* GONZAGA, 2013. p. 244).

Contudo, faz-se necessário lembrar que apenas o repertório memorial do autor não o habilita à realização de um trabalho profícuo com a linguagem a ponto de dotar seu texto de traços que o caracterizem como “texto-arte”, possuidor de recursos linguísticos, sonoros e imagéticos realmente expressivos. Podemos afirmar a necessidade, também, de destreza autoral na execução do equilíbrio entre o ritmo e a forma do poema. A respeito disso, Bosi afirma que

O caráter imprevisível, gratuito, do ritmo exige, porém, um segundo tempo, de fixação, esforço plenamente intelectual de fidelidade aos movimentos mais sutis da sensibilidade formal, essa zona de intersecção do corpo com o espírito “nas fronteiras da alma e da voz”. (BOSI, 2010. p. 102). (Grifo do autor).

Também Friedrich coloca em seus estudos, quando evidencia o trabalho de Charles Baudelaire, que “o ato que conduz à poesia pura chama-se trabalho, construção sistemática de uma arquitetura, operação com os impulsos da língua” (FRIEDRICH, 1978. p. 39), traço este facilmente discernido na poesia de Andrade, tanto no poema em pauta, como em outros que possam vir a ser observados.

A partir do exposto, podemos cogitar, com grande margem para o acerto, que o poeta João Andrade possui total consciência da sonoridade expressiva de seu trabalho e que reconhece, como propõe Bosi, o valor sonoro dos signos como matéria-prima indispensável ao seu fazer poético. Isso pode ser notado pelo fato de que, não só no poema sobre o qual nos detemos, mas em toda a extensão de sua obra, o poeta refere-se ao texto poético como “canto”, fazendo remissão à poesia cantada do Trovadorismo. Dessa forma, não por

acaso, mas por possuir uma musicalidade tão fecunda em seus textos poéticos, é que o autor tenha nomeado seu segundo livro de *Cantigas de mal dizer*, fazendo menção à poesia trovadoresca do período medieval (cantigas de amor, de amigo, de escárnio e de maldizer).

Sabemos, como nos chama a atenção Spina (1978, p. 59), que quando os caracteres poéticos estão envolvidos com fenômenos de ordem fonética, as deduções acerca desses fenômenos não devem ser tomadas como incontestáveis, visto que muitas vezes podem vir a ser explicados por fatores cujos determinantes situam-se além da nossa percepção. Contudo, baseados na lógica dos fenômenos reincidentes no poema ora analisado, arriscamos alguma suposições buscando ampliar nosso entrosamento com a obra. Portanto, observando a recorrência sonora dada pelas rimas, percebemos, logo de início, a existência de homoteletos entre a palavras “canto” (1º e 2º versos), a expressão “no entanto” (2º verso) e a palavra “espanto” (3º e 4º versos). A repetição de som nas desinências reitera, ao nosso ver, a resistência do eu lírico em “cantar”, apesar de tudo que se põe contrário a esse ato, como que expressando sua “necessidade de poesia” para continuar prosseguindo, num mundo sem perspectivas. Notamos também o uso repetido da oclusiva /t/. Isso pode nos sugerir a afirmação do “eu” lírico em existir, pelo fato de que tal fonema nos lembra a batida contínua em um instrumento, como, por exemplo, um bumbo, nos remetendo a algo como um “pulsar”. Nestes versos temos uma aliteração, dada pela repetição do mesmo som consonantal do fonema oclusivo /t/, como já afirmamos, aumentando a sonoridade dos versos. Ao mesmo tempo, também a grande ocorrência dos fonemas /m/ e /n/, transferindo traços nasais para a vogal posterior baixa /a/, para a anterior alta /i/, para as médias –altas /e/ (anterior) e /o/ (posterior), provocam uma sensação de pesar que se expande por todo o poema. Isso atribui-se, talvez, à sobrecarga no esforço articulatório requerida pela pronúncia dos vocábulos que comportam esses fonemas.

Nos vocábulos “motivo”, “sigo”, “digo”, “comigo” e “sigilo” tem-se a repetição das vogais /i/ e /o/ combinadas com a consoante fricativa vozeada /v/, com a oclusiva vozeada /g/, e com a alveopalatal vozeada /ʒ/. Em “carrego”, vocábulo de sonoridade aproximada, tem-se a combinação da vogal /e/ também com a oclusiva voze-

ada /g/ e com o /h/ vibrante vozeado. Diante desse levantamento, por um lado é possível percebermos assonâncias pela ocorrência das vogais /i/ e /o/, parecendo estarem atreladas à vibrações mais densas, por isso, mais possíveis de serem vinculadas à sensações melancólicas (perceba-se que essas vogais aparecem também em diversos outros vocábulos do poema). Por outro lado, nota-se, na totalidade das consoantes elencadas, a característica de vozeamento, o que explicita o potencial sonoro, portanto, musical, transferido aos vocábulos. Vemos, dessa forma, destacando-se nesses dois elementos o que mencionamos anteriormente como características bem definidas do poema *Não há motivo*: o estranhamento provocado pela melancolia e a musicalidade expressiva, marcas predominantes da lírica contemporânea. No esquema abaixo é possível percebermos as observações acima referidas:

- 1 **Não** há *motivo* para meu **canto**,
- 2 **no entanto canto** mesmo **ASSIM**.
- 3 **Não** há razão para **o espanto**
- 4 e **não espanto** os males que há em **MIM**
- 5 **Não** há **caminho** por **onde sigo**
- 6 e **o** que eu *digo* não é **BOM** ou **RUIM**.
- 7 Palavras *carrego* em *sigilo*
- 8 e **somente** elas estarão *comigo*
- 9 **no FIM**.

Dando conta, agora, de outro aspecto, voltamos nossa atenção para o *conteúdo* do poema, reafirmando que o mesmo agrega-se perfeitamente a linha temática do que se chama Lírica contemporânea.

*Não há motivo* possui o tom soturno e desconcertante que o vincula ao eixo definidor dessa lírica, apontada por Friedrich (1978, p. 23): a anormalidade.

Observemos, nos quatro primeiros versos do poema em foco, uma amostra da tensão com a qual o leitor se depara no exercício da fruição, destacando-se os vocábulos *canto* e *espanto*:

Não há razão para o meu **canto**

(canto = significado → substantivo = significante 1)

no entanto **canto** mesmo assim.

(canto = significado → verbo = significante 2)

Não há razão para o **espanto**

(espanto = significado → substantivo = significante 1)

e não **espanto** os males que há em mim.

(espanto = significado → verbo = significante 2)

Percebemos, nos vocábulos destacados, a homonímia perfeita, visto que são homógrafos e homófonos. Esse jogo sintático-semântico de que o autor se utiliza impõe, necessariamente, ao leitor uma maior dificuldade interpretativa, requerendo o apuramento da sua percepção de contexto para que possa deduzir a que categorias gramaticais os vocábulos “canto” e “espanto” pertencem, em cada um dos versos em que se encontram. Já, a partir, portanto, do início do poema o leitor vê-se impelido a desprender-se da obviedade semântica por forçada da sintaxe dos versos, tendo de colocar o poema sob o crivo da subjetividade, a fim de buscar os significantes adequados para os signos que o compõem.

Não se pode negar que a Lírica Contemporânea responde aos postulados de uma sociedade veloz, em cujas relações aportam

nitidamente traços da dispersão do homem da própria essência, da massificação de pensamento e, segundo Bosi (2010, p. 131), de “egoísmo e abstração”. Dessa forma, tanto a musicalidade, quanto a anormalidade, características representativas da (grande e bela) expressão poética, agem em movimento contrário a todo o contexto dos dias de hoje, “tão distante das condições em que se produz a poesia: que é exercício próprio da empatia, das semelhanças, da proximidade”. (BOSI, 2010. p. 131). A Lírica Contemporânea guarda, portanto, no bojo de sua beleza, a força necessária para revolver o solo pedregoso do mundo atual, tornando-o melhor trafegável. A respeito disso, ouçamos a inspirada voz de Bosi:

Belo é o que nos arranca do tédio e do cinza contemporâneo e nos reapresenta modos heroicos, sagrados ou ingênuos de viver e de pensar. Bela é a metáfora ardida, a palavra concreta, o ritmo forte. Belo é o que deixa entrever, pelo novo da aparência, o originário e o vital da essência. (BOSI, 2010. p. 131).

Outrossim, a musicalidade enquadra o poema ora estudado, por mais esse traço identitário, no que se preconiza chamar Lírica contemporânea. A estética constitutiva de *Não há motivo* apoia-se, sobremaneira, na combinação certa dos sons de cada signo, produzindo efeitos sonoros a favor do significado. Acerca dessa característica, firma Bosi:

A invenção poética arma contextos tão variados e tão estimulantes que arrancam os fonemas da sua latência pré-semântica e os fazem vibrar de significação. Figuras como a rima, a aliteração e a paronomásia não têm outro alvo senão remotivar, de modos diversos, o som de que é feito o signo (BOSI, 2010, p.64).

Assim sendo, é possível afirmarmos que quando a voz lírica em *Não há motivo* diz “Não há motivo para meu canto”, podemos entender “não há motivos para meu poema ou para a minha poesia”. Esse modo como o poeta costuma referir-se ao seu fazer poético pa-



rece reverenciar a poesia em sua forma originária, mais próxima da tradição oral e carregada de cadência melódica explícita (o que nos remete às suas memórias literárias de infância). Além do poema *Não há motivo*, outros exemplos dessa expressão do autor, também no *Livro de Palavra*, podem ser observados por meio de alguns excertos de poemas, dos quais, dentre muitos, é possível destacar:

Poema 8 - “Circula, em meu **canto**, / o espanto de todos os meus excessos.” (Versos 5/ 6);

Poema 15 - “**Canto** em versos perversos o inverso do que sou,” (Verso 1);

Poema 18 - “Meu objetivo mais intenso é **cantar** o silêncio.” (Verso 1);

Poema 23 - “Já não **canto** o que em mim casa.” (Verso 7);

Poema 26 - “Vejo-me nos meus **cantos**, nas minhas **cantigas**,”. (Verso 1);

Poema 44 - “**Canto** sempre os mesmos versos,”. (Verso 7);

Poema 57 - “sorrindo **cantar** meu último poema.” (verso 12) ;

Poema 71 - “Este viver sem prumo, sem rumo, sem rima,/ que me despe na partida/ entoando minha **canção** de despedida.” (Versos 7/8/9).

Poema 77 - “meu canto mudo gritando de dor,” (Verso 3);

Poema 91 - “Parto e deixo meu coração, entre meu canto e meu desencanto,” (Verso 9).

Nota-se com bastante clareza, além da conotação musical nesses fragmentos, um eixo temático coeso, aberto, porém, em duas vertentes: a perspectiva pessimista de encarar o mundo e a exaltação da poesia, como refúgio e fim maior do existir.

Não achamos demais reiterarmos a ideia de que o poema *Não há motivo*, por meio de seus acordes, comunica-se com cantigas populares entoadas em outros tempos, trazendo toda uma gama de vozes, ritos e tradições em coautoria latente, como acontece com as demais peças do repertório “Joãoandradiano”. Na obra desse autor, a polifonia é, pois, um traço a respeito do qual não podemos calar nossa análise. Dessa forma,

além do que já dissemos de sua musicalidade, herdada da poesia cantada, como produto cultural, faz-se necessário que tratemos, ao menos superficialmente, de seus aspectos intertextuais. Nesse quesito, *Não há motivo*, como excelente amostra do que perpassa a obra de Andrade, dialoga claramente com o conhecido poema *Motivo*, de Cecília Meireles. Aliás, as vozes líricas de um e outro texto se coadunam em coro de tal maneira, em tom de desalento (ao mesmo tempo, de resistência) e ritmo, que parecem fundir-se. *Não há motivo* agrega, pois, essas duas vozes líricas em uníssono, apesar da antítese posta nos títulos. Senão vejamos os poemas:

#### **Motivo**

Eu canto porque o instante existe  
e a minha vida está completa.  
Não sou alegre nem sou triste:  
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,  
não sinto gozo nem tormento.  
Atravesso noites e dias  
no vento.

Se desmorono ou se edifico,  
se permaneço ou me desfaço,  
- não sei, não sei. Não sei se fico  
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.  
Tem sangue eterno a asa ritmada.  
E um dia sei que estarei mudo:  
- mais nada.

#### **Não há motivo**

Não motivo para o meu canto  
no entanto canto mesmo assim.

Não há razão para o espanto  
e não espanto os males que há em mim.

Não há caminhos por onde eu sigo  
e o que eu digo não é bom ou ruim.

Palavras carrego em sigilo

E somente elas estarão comigo

No fim.

Observando o autor, é possível conjecturarmos que Andrade parece ser crivado de Palavras, flechas certas vindas de muitas direções e épocas, que fazem do seu trabalho poético o centro do alvo. Eis, nesse raciocínio, uma pista de sua destreza na lida poética, da maestria polifônica e polissêmica de seu trabalho - trabalho com fortes elementos transgressores e, paradoxalmente, com outros tantos da mesma intensidade, tradicionais. A Palavra é, além de matéria prima para a expressão artística, elemento vital para o poeta. Andrade afirma categoricamente que há nele tanta necessidade de escrever quanto de respirar e que sua arte constitui-se, em primeiro plano, em sua “forma de ser no mundo” (ANDRADE *apud* GONZAGA, 2013. p.250).

Por fim, é interessante evidenciarmos como, apenas nesse estreito lance de olhar sobre o poema *Não há motivo*, já nos foi possível notar a engenhosidade poética do autor, apontada com perspicácia por Gérson, na orelha do *Livro de palavra*. As escolhas lexicais, os traços sonoros, a interseção de vozes, as marcas estilísticas, incluindo-se aí as transgressões sintático-semânticas e demais recursos utilizados na tessitura poética do poema de número 43, põem em evidência a sensibilidade com que Andrade se incumbe da Arte da Palavra, constituindo-se, o poema em foco, somente uma pequena amostra do *estranho, belo e musical*, contudo, ainda pouco conhecido, trabalho desse grande poeta potiguar contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, João. **Livro de Palavra**. Edição do autor. Natal, 2013.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. Companhia das Letras. São Paulo, 2010.
- FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da Lírica Moderna** ( da metade do século XIX a meados do século XX). Duas Cidades. São Paulo, 1978.
- GONZAGA, Thiago. **Impressões Digitais** – Escritores Potiguares Contemporâneos Vol. I. Edição do autor. Natal, 2013.
- SPINA, Segismundo. **Na Madrugada das Formas Poéticas**. Editora Ática. São Paulo, 1982.
- ROCHA, Alessandra Almeida da. **Comparação da Estilística Fônica de Motivado, de Cecília Meireles e Poética, de Vinícius de Moraes**. Disponível em < [http://www.filologia.org.br/anais/anais\\_iicnlf28.html](http://www.filologia.org.br/anais/anais_iicnlf28.html)> Acesso em 25/09/2015.

**LEOCY SARAIVA** é poeta, assistente social e estudante de Letras – na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tendo elaborado o presente estudo por solicitação da disciplina Literatura do Rio Grande do Norte I, ministrada pela professora Paula Pires Ferreira.

# José de Anchieta Ferreira: visão aguçada para fatos históricos

*David de Medeiros Leite*

*“Trabalhando com olhos, José de Anchieta vê o que os outros não veem”.*

Diógenes da Cunha Lima

Devemos iniciar dizendo que os livros “Histórias que não estão na História” (RN Gráfica e Editora, 1989, 2ª Edição) e “História: Fatos & Fotos” (RN Gráfica e Editora, 1996), de José de Anchieta Ferreira, são imprescindíveis para quem deseja conhecer um pouco da contemporânea história potiguar, mais precisamente o correspondente a um lapso temporal que poderíamos situar entre 1930 e 1990.

Do primeiro livro, dois prefácios – respectivamente, da primeira e segunda edições – que chancelam a obra com galhardia: Otto de Brito Guerra e Mário Moacyr Porto. Destaquemos, pois, fragmentos de ambos. Dr. Otto, em certo momento, diz: “Tudo quanto narra o autor, com leveza e simplicidade, aconteceu no Rio Grande do Norte ou com pessoas do Estado, em períodos diferentes, normais ou agitados, desfilando variedade muito rica de personagens. Ocorrências que, tal como a própria vida, alternam alegrias e tristezas. Todos esses Fatos esclarecem e até mesmo completam fatos da história maior, lançando luzes insuspeitadas”.

Por outro lado, Mário Moacyr Porto, comenta: “O Rio Grande do Norte é, sim, um celeiro de historiadores, de juristas, de ensaístas, de folcloristas, enfim, os chamados cientistas sociais. Cascudo, Amaro Cavalcanti, Tobias Monteiro, Rodolfo Garcia, Seabra Fagundes, Nilo Pereira e muitos outros. Assim, José de Anchieta não é um estranho no ninho. Bem ao contrário. É, como alguns outros da nossa terra, um pesquisador do nosso passado, um contador admirável das “estórias” que escaparam à triagem dos sisudos historiadores oficiais, e, por isso mesmo, mais verdadeiras, mais interessantes, mais saborosas”.

Em textos curtos, cuja leveza da escrita se aproxima muito mais da crônica do que propriamente de um artigo, José de Anchieta Ferreira resgata episódios e pessoas, registrando uma variedade de ocorrências cujos protagonistas são figuras bem conhecidas do nosso passado recente. Percebe-se que existe certa predileção por acontecimentos que dizem respeito ao chamado movimento revolucionário de 1930 e seus desdobramentos, ou mesmo os reflexos políticos desse agitado período político no solo potiguar. Desperta a atenção, por exemplo, um texto intitulado “Missão Secreta” (p. 67) no qual é relatada a vinda de certo “escalão precursor”, **que, a mando de Getúlio Vargas, tinha objetivo de sondar o governador Rafael Fernandes sobre o Golpe que estava em gestação (e que seria denominado de “Estado Novo”)**. **A reconstituição dos pormenores – inclusive diálogos – revela o acurado trabalho de pesquisa do autor, para construir um texto com registros importantes, porém com uma linguagem simples.**

Também merecem atenção relatos de eventos no período correspondente à Segunda Guerra, considerando que Natal viveu intensamente aquele momento. Como também, da alçada política provinciana, vamos nos deparar com preciosas linhas, que abordam desde “brejeiras” (termo comumente usado como sinônimo de fraude eleitoral), até bastidores das escolhas dos governantes “biônicos”, já na fase correspondente ao regime de exceção imposto pelos militares a partir de 1964. Especificamente, há uma reconstituição de como se deu a escolha do vice-governador de Cortez Pereira. É pela simples amostra da disputa de um cargo, se tem ideia de como ferviam os bastidores das disputas sem votos, mas à base de influências e indicações.

Também merece registro os comentários acerca do processo de federalização da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em que o autor recupera marchas e contramarchas, fazendo justiça aos protagonistas.

Um personagem que merece atenção especial de José de Anchieta Ferreira é o seu colega de profissão, Vulpiano Cavalcante. Dr. Vulpiano é uma dessas figuras quase lendárias a respeito das quais se contam muitos fatos, tanto de sua atividade como médico, como de sua longa militância comunista. Um episódio relatado no livro em comento, diz respeito a uma das prisões do Dr. Vulpiano, ocorrida

quando este realizava um parto em um hospital de Mossoró. Quando a notícia da iminente prisão chegou à sala onde estava ocorrendo o procedimento, a parturiente quase entrou em pânico diante da possibilidade de o médico ser retirado dali numa hora tão delicada. Uma cena digna de ficção.

O outro livro, “História: Fatos & Fotos”, tem um ritmo muito próximo da primeira obra comentada. Porém, dois textos se diferenciam dos demais, tanto pela extensão, como pelos assuntos abordados ou, talvez, pela forma que o autor os construiu. Citamos os títulos dos dois textos para, em seguida, comentá-los: “O caso – Ocaso e Morte de Tancredo Neves” e “Café e Seabra”.

O primeiro trata da “via crucis” do presidente Tancredo Neves que, na véspera de tomar posse, foi hospitalizado e submetido a vários procedimentos cirúrgicos até vir a falecer, sem ocupar o posto de mandatário da República. Pois bem, o Dr. Francisco Pinheiro da Rocha, médico que fez a primeira cirurgia no político mineiro, era colega de turma de José de Anchieta Ferreira. E mesmo sem existir um contato entre eles durante trinta anos, numa festa de aniversário da turma, que ocorreu depois do mediático “episódio Tancredo”, José de Anchieta Ferreira teve o *feeling* de entrevistar seu colega. A longa e detalhada entrevista resultou no texto que revela o argumento de um dos personagens envolvidos naquele drama. E mesmo tratando-se de um assunto que sai da alçada regional, o autor o apresenta em destaque, por ter a real dimensão da sua importância como registro histórico.

Já no que se refere ao texto sobre o nosso presidente Café Filho, tal qual o anterior, trata-se de uma entrevista. Desta feita com Seabra Fagundes, que foi Ministro da Justiça do mencionado mandatário. O jurista passava por Natal, em 1983, e José de Anchieta Ferreira teve o privilégio, vamos assim dizer, de entrevistá-lo. Porém, diga-se de passagem, se tal oportunidade caísse nas mãos de quem não soubesse (por desconhecimento) construir as perguntas, de nada valeria. A conversa foi bem conduzida e teve como resultado revelações de sutis desdobramentos, derivados de intrigantes acontecimentos daquele período. Não fora a entrevista, muitos fatos relevantes ocorridos naquele momento crucial para o Brasil poderiam ter passado despercebidos.

Enfim, como diz Diógenes da Cunha Lima, valeu “o olhar diferente” do oftalmologista José de Anchieta Ferreira para aproveitar o momento e registrar importantes nuances. Dentre os textos desse segundo livro comentado, há um que revela algo interessante, diria mesmo um viés autobiográfico, intitulado: “Companheiro de Cooper nas Andanças Matinais”.

No referido escrito, José de Anchieta Ferreira diz: “Devo a Enoch Garcia, a Vulpiano Cavalcanti, a Aldo Fernandes e a Otto Guerra o meu interesse pela história do Rio Grande do Norte, história que eles vivenciaram como testemunhas e participantes”. Em seguida, faz específica menção ao Dr. Otto, por ter sido seu companheiro de caminhadas matinais por vinte anos.

Claro que a conversa e a convivência com os nomes citados foram determinantes para que em José de Anchieta Ferreira fosse despertado o interesse pela história potiguar. No entanto, de nada teria adiantado tamanho incentivo se ele não tivesse tido a competência de aprofundar a pesquisa e, com acurada habilidade, escrever esses dois livros. E o fazendo, deixou-os como importantes fontes de pesquisa para gerações futuras.

José de Anchieta Ferreira nasceu aos 16 de julho de 1928, em São José de Mipibu-RN, filho de Júlio Ferreira da Silva e Stella Garcia Ferreira. Formado em medicina pela Universidade de Pernambuco, trilhou fecunda carreira na Polícia Militar do Rio Grande do Norte, desde seu ingresso no ano de 1957. Dentre muitos locais de atuação, passou pela direção do Hospital Central da Polícia Militar. Carreira esta que culminou com sua transferência para a reserva remunerada no posto de coronel médico, em 1987. Também pertenceu aos quadros da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

José de Anchieta Ferreira ocupa atualmente a cadeira 03 da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

**DAVID DE MEDEIROS LEITE** – Poeta, escritor e professor. Doutor pela Universidade Salamanca. Membro da Academia Mossoroense de Letras. Autor, dentre outros livros, de “Cartas de Salamanca” e “Incerto Caminhar”.

## AO MESTRE AMÉRICO, COM CARINHO

*Carlos Roberto de Miranda Gomes*



Nunca é demais prestar um depoimento sobre o Professor AMÉRICO DE OLIVEIRA COSTA, embora possa parecer um desafio difícil, dado o fato da minha pequenez cultural para avaliar esse homem notável e sua obra.

Preferi, então, voltar aos bancos acadêmicos da velha Faculdade de Direito da Ribeira, para dali evocar os dias de convivência do circunspeto homenageado, de feições completamente amenas e andar absolutamente simétrico, impactando seus alunos com aulas diferentes, doces e profundas, de quem percorreu o mundo e, sobretudo, de quem cresceu no meio de livros em sua rica biblioteca, convivendo com seus incontáveis habitantes, amigos invisíveis em cada compêndio, que davam ao ambiente aquele cheiro característico, em que o pó tomava o corpo e se depositava nas mãos.

Pela sapiência transmitida aos seus pupilos, era fácil deduzir que a sua leitura não era apenas mecânica, explorando os olhos já bastante cansados e massacrados pelas madrugadas de leituras e que lhe impôs pesadas lentes por todo o seu tempo de vivente. Penetrava na intimidade dos autores e, em cada livro, compartilhava com a alma de quem o escrevera.



Deste modo, perpetuou algumas obras e se fortaleceu com a essência que delas encontrava.

Foram algumas avenidas de volumes percorridas e incontáveis emoções, acumuladas em cada livro que o adotara. Disso tudo nos dava notícias, reproduzindo alguns trechos que o empolgavam mais recentemente, deixando-nos ansiosos para obter a oportunidade de também abraçar aqueles nobres ensinamentos – era assim um apon-tador de obras, facilitando a natural preguiça dos jovens leitores iniciantes, em procurá-los nas livrarias ou bibliotecas disponíveis.

Vale lembrar as palavras de MAQUIAVEL, em transcrição do homenageado no alvorecer do seu livro “O Comércio das Palavras” – vol. IV, que merecem registro:

‘Finda a tarde, retorno aos meus aposentos. Vou para minha biblioteca. Deixo, na ante-sala, as roupas poeirentas de todos os dias e visto-me como se fosse aparecer nas Cortes e diante dos reis. Preparado, assim, convenientemente, penetro nos salões antigos dos homens do passado, Eles me recebem amavelmente; em sua companhia, eu me nutro do alimento que é especificamente o meu e para o qual nasci. Ouso, sem timidez, conversar com eles, interrogá-los sobre a razão de seus atos; tão grande é sua delicadeza que eles me respondem’.

O tempo passara mais rápido do que pretendíamos e reencon-tramos o Mestre nas lides da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Por incrível que pareça, éramos colegas e já diferente o relacionamento. Eu já amadurecera um pouco, com mais coragem de aproximação com aquela vetusta pessoa.

Em um dos nossos encontros recebo o presente do seu livro ‘A Biblioteca e seus Habitantes’, numa primeira edição pela Imprensa Universitária, com capa de Navarro e o carinhoso oferecimento ‘Ao prezado amigo e colega Carlos Gomes, com apreço e admiração, Américo de Oliveira Costa. Natal, 3/2/77’. Foi uma glória.

Grifei várias expressões do seu pensamento, a destacar, de forma muito breve:

‘A República dos autores tem uma população variada e colorida, a viver e a movimentar-se entre sentimentos e posições extremas:

ambições, entusiasmos, vaidades, idiosincrasias, louvores, incompreensões, suscetibilidades, ódios...’ E mais adiante: ‘Que seria o homem sem o pensamento e a alocação? Ou melhor: sem o livro?’

Ainda em 1977, pela mesma EDUFERN recebo ‘Visões da Pátria’, como comemoração da Semana da Independência daquele ano. Nesta ‘plaqueta’, compartilhada com o aluno João Frederico Abbott Galvão Júnior pontifica o seu ardor nacionalista, em determinado momento, após aludir que todas as grandes religiões possuem os seus textos sagrados, que são recitados e comentados nos templos, nas sinagogas, nas mesquitas, nos pagodes asiáticos, conforme o ritual específico, concluindo que:

‘A religião da Pátria, porque a Pátria também é uma religião, uma crença e uma fé, porque a Pátria é espírito e moral, possui, igualmente, memória, símbolo, testemunhos, fastos, lendas ou canções de gesta, que se impõem com a mesma incoercível ardência, com a mesma projeção, constituindo-se em ideário, em exemplo, em sustentáculo de confiança e “esperança”.

E daí por diante passei a buscar seus demais trabalhos, os quais tenho em minha biblioteca, como o livro de estréia, em 2ª edição, pela Achiamé/FJA, 1982, seguindo-se da série ‘O Comércio das Palavras’, volumes I, pela ed. Presença, 1989, volume II, pela FJA, em 1991, volume III, pela mesma Fundação, em 1992 e o volume IV, pela editora CLIMA, em 1994. Nestes trabalhos seqüenciados não tenta refazer a obra anterior ‘A biblioteca e seus Habitantes’, mas são escritos paralelos, dentro dos diversos caminhos e expressões do território literário, e com o mesmo amor aos livros (advertência que faz no início do primeiro volume), que denominou de ‘Textos e montagens’, comentando consagrados autores, seus atos e suas obras, assim continuando nas publicações que se seguiram. Aqui, porém uma digressão em razão do volume II, quando, num rasgo de sentimento e justiça proclama:

‘Conta-se que, de volta do cemitério, onde acabavam de enterrar o corpo do educador Anísio Teixeira, o professor Péricles Madureira Pinho confidenciou ao escritor Hermes Lima: “Agora, temos de aprender a viver sem Anísio”. Circunstância ingrata, esta, sem dúvida, e que se pode repetir aqui e ali, na vida comum dos homens.

Quando os amigos de Walter Pereira, por exemplo, retornávamos do cemitério do Alecrim, onde dele nos despedimos pela última vez, a sensação que nos polarizava era a mesma: “Agora, temos que aprender a viver sem Walter”.

É bom lembrar que Walter abrigava em sua Livraria Universitária, no segundo espaço físico que ficava a partir do Beco da Lama, a reunião regular do “Senado dos Intelectuais”, com as presenças certas, dentre outros e além de Américo, de Alvarado Furtado de Mendonça, Mário Moacyr Porto, Gorgônio Regalado de Medeiros, Coronel Leão, Humberto Nesi e, de quando em vez, de João Medeiros Filho, Luiz Romano e Edgar Dantas, enquanto, em outro local, se reuniam os integrantes do ‘Senadinho’, por onde eu transitava com tantos outros companheiros: Inácio (o bispo de Taipu), Doutores Chiquinho, Gilvan Carvalho, Roberto Furtado (Bob), Djacir Macedo, Stênio da Silveira, Manoel Onofre Jr., João Batista Costa de Medeiros, Vicente Sereje e outros que a memória perdeu neste momento.

Com a morte de Walter, a casa do Dr. Américo passou a abrigar as tertúlias culturais e o baixo clero dispersou-se.

Foi jornalista, escritor, ensaísta, e crítico literário, tendo merecido um prêmio pelo ensaio biobibliográfico denominado ‘Viagem ao Universo de Câmara Cascudo’, FJA, 1969 e republicado agora em 2008. Nesta publicação destaca sobre Câmara Cascudo:

‘Esboçar-lhe um retrato, completo e definido em todas as suas linhas e dimensões, ainda é cedo...’ E complementa: ‘Estas imagens são, assim, visões, ângulos, posições, projeções sem dúvida insuficientes e inconclusas, de quem andou percorrendo, paciente e sistematicamente, áreas julgadas mais significativas e ricas do mundo por ele construído.’

De sua produção literária só não conheço ‘Seleta de Luís da Câmara Cascudo’, da editora José Olímpio, 1972 e 1976.

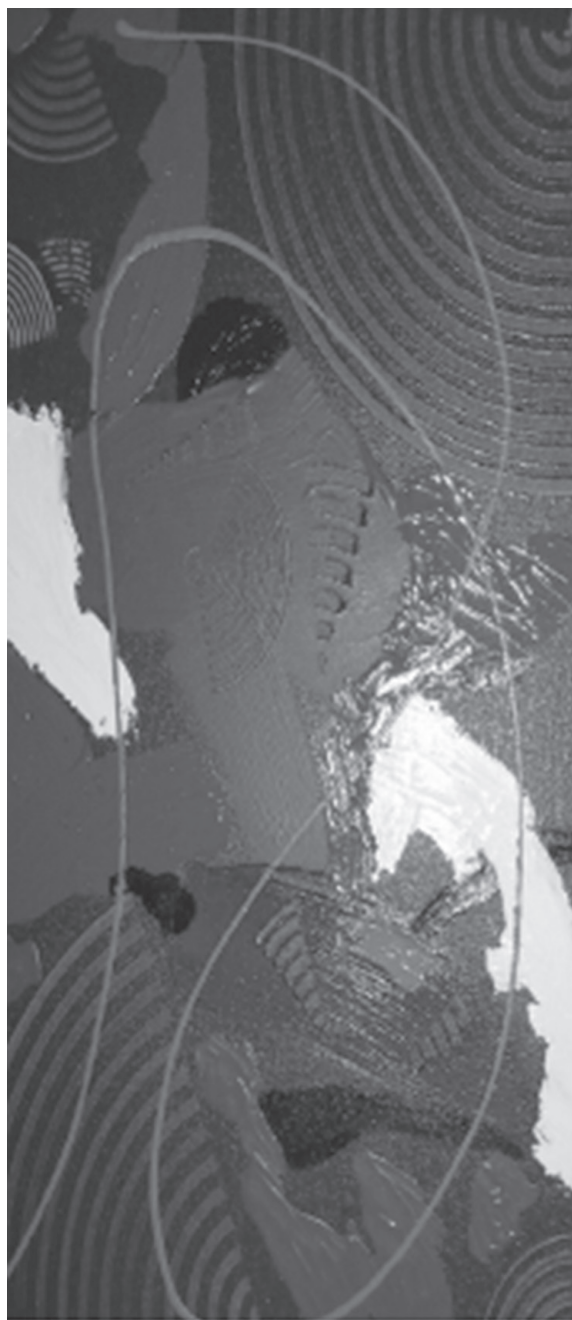
Participou de várias antologias e tem dois trabalhos biobibliográficos em sua homenagem, de autoria de Vitória dos Santos Costa, Sebo Vermelho, 2003 e Memória Viva organizado por Carlos Lyra, EDUFRRN, 1998.

Este cidadão do nordeste entrelaçou a cidadania de vários irmãos vizinhos, era macauense de 22 de agosto de 1910; filho do baiano Pedro Vicente da Costa e da potiguar Victória Petronilla Alves, casado com a pernambucana Josefa dos Santos Costa e seus filhos Pedro Américo, José Américo, Vitória, Paulo Américo e Carlos Américo, todos natalenses. Faleceu em Natal em 1º de julho de 1996. Bacharel da tradicional Faculdade do Recife, turma de 1935, fundador da Faculdade de Direito de Natal, um dos fundadores da Aliança Francesa de Natal, foi também político, magistrado na condição de jurista e diplomata honorário. Recebeu inúmeras condecorações nacionais e estrangeiras. Enfim, um homem notável cujos demais atributos certamente serão destacados pelos demais participantes de sua convivência.

Foi o primeiro ocupante, com grande brilho, da cadeira nº 27 da nossa Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, cujo Patrono é Aurélio Pinheiro, médico e escritor natural de São José de Mipibu (1882), falecido em 1938 em Niterói e tendo como atual ocupante o jornalista Vicente Serejo.

Resta-me dizer da alegria em poder homenagear tão aclamado escritor como um preito de saudade e de justiça.

**CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES** é advogado, professor e escritor. Presidente da Comissão da Verdade da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



# POESIA SEM PALAVRAS

*Thiago Gonzaga*

*Temos a arte para não morrer da verdade.*

Friedrich Nietzsche

Nós vivemos em um mundo rodeado de imagens, muitas dessas imagens são obras de artistas plásticos, ou seja, são objetos artísticos, e defendemos que a escola deve propiciar aos seus alunos uma reflexão mais crítica sobre os mesmos, aumentando o leque de imagens a serem apreciadas. O artista plástico e escritor pernambucano Francisco Brennand disse, certa vez, em uma entrevista, que “a arte representa valores do espírito”. Na nossa compreensão o importante artista brasileiro, conhecido, sobretudo pelo seu trabalho como ceramista, quis dizer, entre outras coisas que o conhecimento sobre arte amplia a nossa visão do mundo, além de melhorar a nossa capacidade de reflexão e expressão. Mas, afinal o que seria arte?

Reconhecemos que é quase impossível encontrar uma definição exata para o que seja a Arte, achamos até que seria muito mais fácil definir algo que não seja arte. Sabemos que a arte, por exemplo, não pode ser confundida com a moral, com a religião, com a ciência, nem pode também ser reduzida simplesmente a uma ideologia. Arte também não tem nenhuma obrigação de refletir o real, ou a verdade. Acreditamos que tentar definir o que é arte é também empobrecê-la, limitar algo tão majestoso. Assim, entendemos que a missão do artista é simplesmente criar, seja o belo, o feio, e sobretudo não querer fazer propaganda do que quer que seja.

Enfocamos o assunto após presenciarmos o lançamento simultâneo do poeta e artista plástico Alfredo Neves, que autografou seu novo livro de poemas “O Amor Revelado” e abriu uma exposição de pinturas abstracionistas. Os quadros de Alfredo Neves, em boa parte, nos remetem diretamente ao pintor norte-americano Jackson Pollock, referência no movimento do expressionismo abstrato. Não

retratam objetos físicos específicos. Eles são mais difíceis de analisar que os quadros figurativos, por exemplo. A interpretação fica por conta do leitor do quadro, ou seja, meramente subjetiva. Alfredo Neves pinta, desta maneira como uma forma de evocar emoções. Diferente das pessoas comuns é a posição do artista: ao criar suas obras e por mais estranhas que possam parecer, estarão normalmente debatendo questões intrínsecas de metalinguagem. Por isso o sentido de pintura, que Alfredo Neves tem em mente, é de outra ordem, um sentido ótico, relativo à própria natureza desse objeto, independente, senão da consciência inserida num contexto humano mais abrangente, pelo menos das formas reconhecidas da nossa realidade.

No Rio Grande do Norte temos alguns exemplos de artistas plásticos que também são poetas: Newton Navarro, Dorian Gray Caldas, Leopoldo Nelson, J. Medeiros, Carlos Humberto Dantas, Anchieta Rolim, Iaperi Araujo, Vicente Vitoriano, inclusive esses dois últimos também são críticos de arte, mas desconheço qualquer evento em que algum artista potiguar tenha feito um lançamento simultâneo de uma exposição e de um livro de poemas. Merecem destaque igualmente como artistas visuais, os poetas Falves Silva, que compõe a sua obra a partir de um processo de colagem, e Ave-lino de Araújo, que trabalha também o jogo de palavras e imagens. Recentemente, temos no meio literário, merecendo realce ao lado de Alfredo Neves, o poeta e artista plástico João Andrade, como exemplo de artistas da nova geração, para não citar outros nomes.

Evidentemente, sempre vamos ouvir das pessoas que não entendem de arte abstrata que ela não é compreensível, explicável. Mas precisamos ter a consciência do seu sentido, que é de fundamental importância para desfazer equívocos de análise e de opinião. Na cultura ocidental, por exemplo, na pré-história, vamos encontrar vários registros de prevalência das formas abstratas, muito mais comuns do que na arte oriental.

Encontramos nos quadros de Alfredo Neves características interessantes como na própria composição, ou seja, na organização das imagens, seguindo, algumas vezes, esquemas geométricos, em outras, não; o movimento interno característico da composição dinâmica (às vezes estática); o desenho, nesse caso, as linhas marcantes.

Nos quadros se concentram cores frias e quentes, por vezes fundamentais, em outras, complementares. A própria natureza da cor também é peça-chave. A luz uniforme e o seu efeito e composição junto com dinâmicas das formas visuais; a técnica da pintura pontilhada, linear, modelada e por fim o material que ele trabalha, que varia entre óleo, acrílico, colagem, misto, guache, aquarela, pastel de óleo ou seco.

Concluimos nossa reflexão lembrando que, depois dos impressionistas, descobriríamos que as artes plásticas poderiam se voltar para dentro de si e subsistir sem o auxílio de qualquer referência explicativa, e que podem, sim, ser para todos. O escritor e jornalista gaúcho P.A. Gomes Cardim, disse certa vez, referindo-se à liberdade, que o artista deve voar livre em sua arte: “há quem julgue as obras de arte produtos sem regras nem preceitos, sob o domínio do imprevisto, sem princípios, manifestados arbitrariamente, consoante a força criadora do gênio que as produz”.

Sobre a exposição do poeta Alfredo Neves, poderíamos resumir nossas impressões lembrando a famosa frase de Voltaire: “A pintura é poesia sem palavras”.

**THIAGO GONZAGA** é escritor, pesquisador, especialista em literatura e cultura potiguar pela UFRN. Autor de “Presença do Negro na Literatura Potiguar & Outros Ensaios”, dentre outros livros.



# “SACERDOS IN AETERNUM”

[SACERDOTE PARA SEMPRE]

*Padre João Medeiros Filho*

Na manhã do dia 25 de agosto de 1965, há 50 anos, na Igreja Matriz de São Sebastião de Jucurutu, antes da imposição das mãos e oração consagratória, Dom Manuel Tavares de Araújo, bispo diocesano de Caicó, proferiu as seguintes palavras, que nos foram dirigidas: “Desempenha, portanto, com verdadeira caridade e contínua com alegria, a missão de sacerdote, procurando não o que é teu, mas o que é de Cristo e da Igreja”. Flui bem claro do ritual da ordenação sacerdotal, que o padre é ordenado não para si mesmo, mas para os outros. Portanto, é missão primordial do sacerdote servir ao Povo de Deus.

Ainda guardamos bem vivas as recomendações do saudoso Monsenhor Walfredo Dantas Gurgel, padre e político, mas antes de tudo presbítero, de profundo amor eclesial: “O padre é servidor de Cristo e da Igreja. Não deve se servir dela, mas servir à mesma e aos cristãos”. E dissera ainda aquele respeitável homem de Deus e da vida pública, às vésperas de nossa ordenação: “Seja um homem de palavra e da Palavra, quer agrade, quer desagrade. Para mim não é fácil, pois a política nos impõe concessões. Joãozinho, meu amigo e irmão, rezarei para que você não seja padre de palanque, mas do altar”.

A ordenação não nos torna anjos nem super homens. Não nos isenta da limitação humana e dos pecados, no entanto nos insere no ser de Cristo. Por isso, do ponto de vista teológico, o padre é chamado de “alter Christus” (outro Cristo). O Filho de Deus, um dia, se encarnou, aceitando a condição humana para nos oferecer o perdão e a graça de Deus. Imitando o Mestre, o sacerdote deverá se cristificar, ou seja, buscar Suas virtudes para ser portador do pão da Palavra e da Eucaristia. Os homens desejam contemplar no sacerdote o rosto de Cristo, encontrar nele a pessoa que, colocada em favor dos homens, deve levá-los para Deus (cf. Hb 5,1). Entendem-se deste modo as palavras do apóstolo Paulo: “para mim o viver é Cristo” (Fl 1, 21) – lema episcopal do nosso inesquecível Dom Nivaldo Monte.

O grande Santo Agostinho resume a missão e a identidade sacerdotal nestes termos: “Nossa ciência e esperança é Cristo. É Ele quem infunde em nós a fé com respeito às realidades temporais e nos revela essas verdades que se referem às realidades eternas para ensinar e transmitir a nossos irmãos” (De Trinitate 13, 19).

Por essa razão, o padre deverá ser o homem do Essencial, por isso mesmo, muito passível de críticas, incompreensões e questionamentos num mundo onde as pessoas se riem do Absoluto. Mas, ele é o profeta do Eterno, um novo João Batista, mesmo que venha a pregar no deserto. E isto o relaciona profundamente com um aspecto importante do seu ministério: mensageiro da graça de Deus, através da pregação da Palavra e dos Sacramentos, sobretudo da Eucaristia. “Eu te escolhi dentre todos para exercer o meu sacerdócio, para subir ao meu altar, para fazer a oferenda em favor dos meus filhos” (1Sm 2, 28).

Talvez pareça paradoxal, mas a beleza do sacerdócio cristão consiste na misericórdia do Deus amoroso que escolhe homens frágeis (vasos de argila), pecadores, para continuar a presença de Seu Filho no mundo. Poderia ter escolhido anjos, que não pecaram e não pecam, mas não saberiam entender a miséria humana. Escolhe criaturas semelhantes e limitadas para compreender e perdoar, em nome do Amor infinito, todos aqueles que o buscam e necessitam da ternura divina.

Dom Helder Câmara, de saudosa memória, definia o sacerdote como “profeta, pastor e irmão”. Na sua profecia deve falar em nome de Deus, não de si mesmo. Como pastor tem por missão alimentar de paz, esperança e alegria os que o procuram. É preciso ser irmão, caminhar lado a lado, enxugando as lágrimas e curando as feridas. “Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram” (Rm 12, 15). Importa que o padre seja a face terrena de Deus, o acenar do afeto infinito, a certeza da alegria divina a encher os nossos corações, a luz a nos apontar as trilhas celestiais, o sacramento de Deus Amor, que um dia nos perfilhou (cf. Rm 8, 15) e nos aguarda na eternidade, de braços abertos, como o Pai, no simbolismo da metáfora ou parábola do Filho Pródigo.

ARTIGO PUBLICADO NO JORNAL “TRIBUNA DO NORTE”,

EM 25 DE AGOSTO DE 2015

João Medeiros Filho é sacerdote católico, escritor e professor. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# ESTÁ ESCRITO NAS ESTRELAS

*Valério Mesquita*

Muitos livros que contestam o cristianismo foram editados ao longo do tempo. Aqueles que chegam a lê-los, os aceitam mais pela contestação do que pela explicação. Raríssimas são as igrejas, na história da religião e dos povos, que não viveram situações condenáveis e questionáveis no passado. Isso porque as religiões são conduzidas pela falibilidade das pessoas, dos seus sacerdotes e ministros em circunstâncias e fases difíceis da civilização. Condenar Jesus Cristo ou qualquer credo cristão, distorcendo a história, é sectarismo. O cristianismo é evolução, sedimentação, fé, expectativa, embasadas em postulados sólidos imunes às narrativas tangenciais, exóticas e esotéricas de autores que objetivam apenas o lucro financeiro imediato por haver lambuzado o símbolo, enlameado a História Sagrada, através de uma orquestrada imbecilidade determinada *de protesto*.

*Esses* escritores, autodenominados “fenômenos de mercado”, mestres em controvérsias, em vender livros e semear dúvidas sempre acharão editoras que aceitam suas idéias bem tramadas, desde que causem espanto ou até virem filme. O negócio é questionar. Ousar. O que vale é a quantidade comercializada e o sucesso - e não a verdade. O conteúdo da publicação conta menos que o grau de exposição na mídia. É oportuno parodiar as bem-aventuranças: bem-aventurados os ruidosos deste mundo porque deles é o reino do caos. Não me surpreendo que o Maligno esteja por trás disso. Ele tentou três vezes a Jesus, sem resultado, avalie escritores do mundo cão!

Nas leituras habituais das *Sagradas Escrituras*, li, em *Provérbios 6.12-15*, que “o homem iníquo tem a boca pervertida. Aquele que todo o tempo maquina o mal e anda semeando contendas e pensamentos perversos, a sua destruição virá repentinamente e subitamente será quebrantado, sem que haja cura”. Assemelham-se, também, aos vendilhões que foram expulsos do templo por Jesus. Hoje, esses beletristas comercializam a descrença, vilipendiam a doutrina cristã, arrecadando dólares dos incautos, que “*não vigiam, nem oram*” para não caírem no conto do vigário dos modernos fariseus.

“*Posso todas as coisas em Cristo quem me fortalece*”, está na epístola do apóstolo Paulo aos filipenses 4.13. Em sendo assim, torna-se imperativa a necessidade de os teólogos de todas as igrejas, religiões e credos, se manifestarem na defesa de Jesus publicamente. Até porque é a Bíblia de todos nós que está sendo difamada pelos ilusionistas da palavra, os feiticeiros da ambigüidade, os farsantes da historiografia cristã e os ficcionistas da verdade universal. Abro o meu na internet, para que, com mais propriedade e cultura teológica, os irmãos cristãos se expressem e contestem os corvos de belas penas da literatura mundial, os honrados vilões e assaltantes da fé na defesa do Senhor, para não sermos julgados pelo crime de omissão.

Veja que beleza de narrativa do apóstolo Paulo em 2 Coríntios 11.24-33: *“Recebi dos judeus cinco quarentenas de açoites menos um. Três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio, uma noite e um dia passei no abismo; em viagens muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos dos da minha nação, em perigos dos gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre os falsos irmãos; Em trabalhos e fadiga, em vigílias muitas vezes, em fome e sede, em jejum muitas vezes, em frio e nudez. Além das coisas exteriores, me oprime cada dia o cuidado de todas as igrejas. Quem enfraquece, que eu também não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu me não abraze? Se convém gloriar-me, gloriar-me-ei no que diz respeito à minha fraqueza. O Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que é eternamente bendito, sabe que não minto. Em Damasco, o que governava sob o rei Aretas pôs guardas às portas da cidade dos damascenos, para me prenderem. E fui descido num cesto por uma janela da muralha e assim escapei das suas mãos”*.

Sabe-se que toda a Bíblia, desde o Pentateuco, os cinco livros de Moisés, até o Apocalipse de João, tudo foi inspirado pelo Espírito Santo. A reflexão que ora faço constata que todos aqueles que escreveram a História Sagrada passaram por provação. Principalmente, os escolhidos e convertidos para a propagação da fé após a ressurreição de Jesus. Todos perseguiram os cristãos: judeus, romanos, árabes, mulçumanos, comunistas, nazistas, fascistas etc., etc. Mais adiante, no capítulo 12.10, o próprio Paulo ensina: *“Sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por*

*amor de Cristo. Porque quando estou fraco então sou forte. O meu poder se aperfeiçoa na fraqueza*". Que belíssimo exemplo de humildade e humanidade comum.

Por que essas deduções hoje? Ora, na modernidade do nosso tempo outras perseguições contra o cristianismo se manifestaram através de muitos fatores. Da parte da ciência (a tecnologia está mais a serviço do mal do que do bem), da libidinagem pedagógica dos meios de comunicação (novelas, filmes etc.), da liberalidade da pornografia, dos costumes (casamento entre homossexuais), da negação da divindade de Jesus através de falsas alegações arqueológicas na Terra Santa, da divulgação sistemática da malignidade, modismos religiosos, a mornidão espiritual, a falta de amor pela violência, os efeitos perniciosos do mundanismo na família e a educação materialista no seio da infância e da juventude.

Esses são poderes diabólicos hodiernos que substituíram a espada, o apedrejamento, a prisão, a crucificação, a deportação e a tortura de antigamente. O cristianismo, os ditames bíblicos, são perseguidos pela inversão e subversão dos valores morais e éticos. Não há mais regra, rumo nem prumo. Tudo está se transformando em bandalheira. A maioria do povo não lê a Bíblia para encontrar, compreender e evitar todos os malefícios. Uma leitura da palavra de Jesus Cristo através dos quatro evangelistas ou dos Salmos de Davi, números 1, 4, 6, 23, 30, 40, 91, 121, 140 e tantos outros, você se sentirá leve e espiritualizado. "*Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve*", disse Jesus em Mateus 11.30. Vale a pena. Muito mais do que os chatos iguais a Paulo Coelho.

**VALÉRIO MESQUITA** é escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Autor de "Notas de Ofício", "Poucas e Boas" e outros livros.

# A PRAIA DA PIPA NA CARTOGRAFIA DO SÉCULO XVI

I. DE JOÃO DE LISBOA A THEODORO DE BRY

*Francisco Fernandes Marinho*

As primeiras informações sobre a toponímia referente às terras da atual Praia da Pipa surgiram por volta de 1514, referentes à Armada de 1503/05, comandada por João de Lisboa ou Gonçalo Coelho, de João de Lisboa, na “tabula” denominada “Alturas da Costa do Brasil”, no Livro de Marinharia, com o topônimo “**Aratapia**”<sup>18</sup>, colocado entre “Sam Domingos” e “Sam Roque”.

Para Guarino Alves<sup>19</sup>, no item 8, intitulado “O Cabo de Santa Maria”,

*ao sul da deflexão continental temos o C: do **pracell**, ou seja, o Cabo de São Roque; 2) **oratupipy**, a barra do rio Cunhaú. Em cópias manuscritas do mapa - “**oratapipy**”. Parece que a frota afastando-se muito do Cabo de S. Roque, por receio dos parcéis, não tomou conhecimento do rio Potengi. O termo “**oratupipy**” é algaravia de “**aratipicaba**”; 3) **Orapinhom**, a baía Formosa, ainda no Rio Grande do Norte. Procede de “**goarapinhom**”, onomatopaico: “**goara**”, o que habita, e “**pinhom**”, zumbido. Lugar de mosquitos<sup>20</sup>; 4) **baya de pitiaçua de treyçam**, a atual de Traição, na Paraíba do Norte. De “**pitima**”, tabaco, mais “**açu**”, folha grande, fumo bom. Advirta-se desde logo que, nessa viagem de Gonçalo Coelho,*

18 JOÃO de Lisboa. *Livro de Marinharia*, pp. 88 e 89.

19 ALVES, Guarino. *Navegações Ultramarinas Portuguesas (1501 - 1505)*. Tomo 2º de Vera Cruz. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1979, [pp. 37/38].

20 **NOTA 13:** ALVES, Guarino - **Estudos Americanos**. Editora Henriqueta Galeno, Fortaleza, 1977.

*alguns topônimos da de Gaspar de Lemos foram mudados dos seus respectivos lugares.”*

João de Lisboa, considerado por Jacinto Inácio de Brito Rebelo<sup>21</sup>, “*um dos pilotos mais notáveis na sua profissão dos fins do século XV e princípios do século XVI*”, era português, cujo nome se encontra fixado no topônimo “*rio de João de Lisboa*”<sup>22</sup>, em um curso de água situado um pouco a Oeste do golfo maranhense, a 15 léguas da ponta sudeste do rio do Maranhão, figura nas cartas geográficas antigas durante mais de um século, desde os Reinel, mapa de 1516, até Jonghe, em 1640.

Como podemos perceber, o reconhecimento da costa do Brasil, em 1514, já apresentava grande progresso tanto para o Norte ou “Costa Leste-Oeste”, quanto em direção ao Rio da Prata. Apesar do grande avanço, as cartas do início do século não apresentam nem a quadrícula de meridianos e paralelos, nem as posições dos lugares, além dos cartógrafos atenderem, em especial, à Latitude (ladezas) e não à Longitude (longuras).

Segundo Castelo Branco, de 1505 a 1515, deve ter havido várias explorações portuguesas em mares e costas do Nordeste brasileiro, para que se possam explicar as novas denominações introduzidas nas cartas geográficas dos Reinel, pai e filho, desenhadas por volta de 1516. Os Reinel, Pedro e Jorge, trabalharam juntos, em Lisboa, até 1519<sup>23</sup>, e são os autores de dois mapas publicados um em Paris e o outro na Itália, com dados geográficos colhidos nas explorações feitas entre 1505 e 1515. Além de prestarem serviços aos reis portugueses, e trabalharem para a Corte espanhola, colaboraram em importantes obras cartográficas, sobretudo na maioria dos mapas do Atlas de Miller e nos projetos de circunavegação de Fernão de Magalhães.

---

21 REBELO, Jacinto Inácio de Brito. “*Introdução*” no Livro de Marinharia. Lisboa, 1903.

22 Cf. “*No Atlas de Vaz Dourado (Arquivo Nacional), no Atlas das Necessidades (Biblioteca Nacional), e no Atlas de Lázaro Luís (Biblioteca da Academia), em que são representados os conhecimentos geográficos do novo mundo no terceiro quartel do século XVI, em um ponto da Costa do Brasil, situado pelos 3º de lat. Sul, lê-se, em correspondência da desembocadura de um pequeno rio, a legenda: Rio de João de Lisboa*”. [Nota 48: Livro da Marinharia, p. XLVIII].

23 CASTELO BRANCO. Op. cit., p. 32.

Com referência ao litoral do Rio Grande, encontram-se, nos Reinel, as seguintes denominações: “as serras” ou “as serras Sam Miguel”, “R.: de Sam Myguel”; “baía das Tarrugas”, ou “baía das Tartarugas”, a “ponta P’rmra” ou “Ponta Primeira”; “Sam Roque”; “C. do Pracer”; “**Oratapipy**”, por Reinel, o pai, e “**Ora tapia**”, por Reinel, o filho, que lembra a Aratapia, de João de Lisboa, “Ora pinhon” e “baía de Piticiacua ou de Treycam” ou “baía da Treiçam”.

Após fazer uma correspondência com os topônimos já existentes, Castelo Branco concluiu que “**Oratapipy**” e “**Ora tapia**” surgem pela primeira vez, sendo tidas como a atual “**Ponta da Pipa**”, vindo em seguida “Ora pinhon” considerada a expressão como designativo da ponta de Bacopari.<sup>24</sup>

Em 1516<sup>25</sup>, inicia-se, através do Regimento de Évora, a descrição dos topônimos a partir da “Baía de Todos os Santos”, e entre “São Domingos” e a “Costa de San Roque” ou “São Roque”, colocou “**Aratapica**”, o mesmo topônimo usado, a partir de 1542, por Jean Rotz, Pierre Desceliers, Diogo Homem, Jacques de Vandeclaye.

Os portugueses, antes dos Reinel, pouco conheciam sobre as costas brasileiras; de início, apenas alguns nomes. Os primeiros topônimos indígenas surgiram, inicialmente, na Tabula de João de Lisboa, e nos mapas dos Reinel, lembrados cinco a sete décadas mais tarde, por Jean Rotz e Desceliers.

Na coleção de mapas conhecida como “Atlas de Miller”, existente na Biblioteca Nacional de Paris, encontra-se o mapa denominado “Terra Brasilis”, feito à mão, sobre pergaminho, atribuído a Lopo Homem, que o desenhou por volta de 1519. Constam 146 topônimos da costa brasileira, desde o Maranhão até a embocadura do Rio da Prata e com relação às terras da Praia da Pipa, o autor parece ter copiado Reinel, o pai, repetindo o topônimo “**Oratapipy**”.

Um outro documento de suma importância para a cartografia norte-rio-grandense é o “Diário da Navegação de Pero Lopes de Sousa

---

24 Idem. Op. cit., p. 34.

25 Ver: ALBUQUERQUE, Luís Mendonça de. *Os Guias Náuticos de Munique e Évora*, p. 11.



(1530-1532)”. Trata-se de um texto preparado, enriquecido de notas e editado por Varnhagen, sob o título “Diário da Navegação da armada que foi à terra do Brasil em 1530 ...”, publicado em Lisboa, em 1839, e proveniente de três cópias do documento original, em manuscrito, existente na Biblioteca da Ajuda. Muito embora não faça parte da cartografia, por ser a relação do itinerário relativo à viagem de Martim Afonso de Sousa ao Brasil, atribuído ao seu irmão Pero Lopes de Sousa, que foi o Capitão de um dos navios da armada de Martim Afonso, no dia 3 de dezembro de 1530, confirma pontos já referenciados em mapas que estavam sendo desenhados na mesma época.

No Capítulo Primeiro, denominado *A Arte de navegar e os tipos dos navios na expedição de 1530*, afirma o autor do Diário que

*[...]. A parte do litoral brasileiro entre Pernambuco e o então dito rio de Maranhão dos portugueses, [...] Prosseguindo na viagem pela costa, ainda aí poderíamos ver e identificar os seguintes pontos da cartografia quinhentista: rio das Virtudes (rio Goiana?); rio das Pedras, se não o mesmo Goiana pelos portulanos Reinel, Viegas, Turim, Maggiolo, pelo reconhecimento de Caboto em 1526 o futuro Paraíba do Norte pouco depois também chamado Sam Domingos; cabo Spichell, (cabo Branco); a baía (de pitaçua) de treçam (baía da Traição), ou talvez melhor explicando: onde o pitiguar cometeu traição. Em linguagem truncada também veríamos: Oratipipy (Reinel) ou Oratapica (Viegas), ou a ponta da Pipa; sam-roque, (cabo de São Roque), ao início dos descobrimentos posto em traçado de pouca semelhança com o desenhado nas cartas modernas; [...].*<sup>26</sup>

Em 1534, apareceu a bela Carta Hidrográfica de Gaspar Viegas, traçada um ano após o regresso de Martim Afonso de Sousa a Lis-

---

26 *Diário da Navegação de Pero Lopes de Sousa (1530-1532)*, 2ª edição, pp. 54/55.

boa (1530/33), assinada e datada do mês de outubro, apresentando os seguintes topônimos: “serras de s. migel”, “b. das tartarugas”, “pta prima”, “grã baía”, “pôta do parcell”, “c. de s. roque” e entre este e “b. da treicam” o topônimo “**Oratapica**”, enquanto Jean Rotz, em 1542, registrou “R. S. Miguel”, “Q. de S. Roque”, onde a costa muda de direção, pelo que deve estar no lugar do Calcanhar; “C. Parcel”, no lugar daquele; e “**Oratapic**”, recordando a “Oratapipy” de Reinel.

Provavelmente, a Carta de Viégas, pertencente à Biblioteca Nacional de Paris, seja resultado do Relatório acompanhado de croquis, da viagem de Diogo Leite, do litoral de Pernambuco ao extremo Norte, percorrido em fins do mês de fevereiro de 1531, mesclado com os topônimos do Mapa de Pedro Reinel, de 1516.

Em 1550, o mapa de Desceliers, assinalou “Serra de S. Miguel”, “P. das Tartarugas”, a “p. Prima”, “grande baya”, “Parcel”, “Rock”, “c. du Parcel”, “**Oratapica**”, que devem corresponder, respectivamente, à Serra do Apodi, enseada do Açú, ponta do Tubarão, enseada de Aguamaré, ponta do Calcanhar, costa anterior ao cabo de S. Roque, este cabo e **Ponta da Pipa** ou de Bacopari<sup>27</sup>.

Diogo Homem, em seu mapa, datado de 1558, repetiu o topônimo “**Oratapica**” de Jean Rotz e inverteu a ordem já estabelecida pelos cartógrafos anteriores grafando do Norte para o Sul, “R. de S. Domingos”, “R. S. Miguel”, “R. das Pedras”, [...] e “**Oratapica**” e no segundo mapa, datado de 1568, “b. das Tartarugas”, “P. Primeira”, “b. Aparcelada”, “eira de S. Roque”, “Orapi” e “**Oratapica**”.<sup>28</sup>

O topônimo “**Oratapica**”, reduzido em “**Ora**”, apareceu no mapa de Gerardus Mercator ou Cremer, em 1569, e reapareceu, quase que em imitação, por Abraham Ortelz ou Ortellio, no mapa desenhado entre 1570 e 1584, e no de Theodoro de Bry, em 1592.

Observamos, como o fez Castelo Branco, que já se estava iniciando a segunda metade do século e o contato com os gentios pouco transparecia nos mapas.

27 CASTELO BRANCO. Op. cit., p. 37.

28 Ibidem, p. 37.

*Para o norte do Potengi, o vocabulário mantinha-se europeu e ao sul apenas duas palavras tupis surgiram, esporadicamente, desde os Reinel: “Oratapipy”, “Ora tapia”, “Oratapic”, “Oratapica”, “Ora” e “Ora pinhon”, correspondendo, respectivamente, às pontas da Pipa e de Bacopari, segundo a interpretação de alguns estudiosos e a posição dessas línguas na terra.<sup>29</sup>*

Afirma Cortesão que em “cerca de 1574, como dissemos, um dos melhores cartógrafos portugueses, Luís Teixeira, percorria demoradamente por ordem régia o litoral brasileiro para reformar a carta respectiva. Data de então o primeiro Atlas de geografia, do qual resta apenas um resumo a que chamamos Roteiro-Atlas”.<sup>30</sup>

Luís Teixeira, filho do cartógrafo Pedro Fernandes, foi nomeado pelo grande cosmógrafo e matemático Pedro Nunes (1502/1578), em 1564, após ter sido por ele examinado e aprovado como mestre de cartas de marear. Quatro anos após, em 1569, foi nomeado para as armadas reais, tendo entre 1573 e 1574, procedido levantamentos hidrográficos, no Brasil. Confeccionou uma Carta Náutica, em pergaminho iluminado, incluindo o Oceano Atlântico e o Pacífico, com cerca de 820x980 mm, existente na Biblioteca Nacional, em Florença, em torno de 1600, falecendo entre 1613 e 1622.

A carta a que se refere Cortesão é um “Atlas” de Luís Teixeira, do qual se conhece uma outra carta, que foi publicada com o “Roteiro da Navegação”, de Gaspar Ferreira Reimão, em 1640.

No “Mapa do Brasil dividido em Capitanias” ou “Capitanias Hereditárias”, existente na Biblioteca da Ajuda, organizado, talvez, em 1574, por Luís Teixeira, pai do cartógrafo João Teixeira Albernaz, foram consignados os seguintes topônimos: “C. de S. Roque”, “r. Sua guazine”, “po. dos fumos”, “C. corce”, “R. de S. Miguele”, “P. Primera”, “B. das Tartarugas”, “Tabatinba”, “R. Camarative”, “Ita-

29 Ibidem, p. 49.

30 CORTESÃO, Jaime. *História do Brasil nos Velhos Mapas*, II, p. 6.

coatiasara” e “B. da Treicam”<sup>31</sup>.

Em relação à “**Itacoatisara**”, de Luís Teixeira, na interpretação de Guarino Alves,

*nota-se que ele traçou uma linha vermelha de Leste-Oeste, precisamente no **R: de camazatine**, o moderno Camaratuba, na Paraíba, em 6°38’S. Uma divisória, sem dúvida, dissimulada, e a prova disso é que se o cartógrafo conhecesse o verdadeiro limite não teria situado um **Itacoatisara** entre a Baía da Traição e o rio Camaratuba. De fato, a Ponta de **Itacoatiara** pertencia ao litoral potiguar e era, consoante o próprio Gabriel Soares de Sousa, a mesma **Ponta da Pipa**, no atual município de Goianinha. A divisória de Luís Teixeira estaria correta se fosse o caso de tratar-se da Capitania real da Paraíba, quando esta já se locupletara da Baía e estendera seus tentáculos colonizadores às várzeas do Camaratuba. Entretanto, o que se observa na Carta é conexão das capitanias do Norte sob o domínio único de João de Barros.*<sup>32</sup>

De acordo com Castelo Branco, o rio São Miguel acha-se a 4’ 30”, a ponta Primeira a 4’ 50”, a baía das Tartarugas próximo a 5’, Tabatinga a 5’ 35”, “**Itacoatisara**” a 6’ e baía da Traição a 6’ 20”, situações essas não mui longe das verdadeiras. Apenas o “Camaratube”, que deve ser o atual Camaratuba, foi transferido para o norte de **Itacoatisara** que corresponde, na disposição de Gabriel Soares, a **Ponta da Pipa**, quando deveria ficar ao sul.<sup>33</sup>

Aceitando a opinião de Castelo Branco, que se subtraindo o “I” inicial e as desinências “sara”, “gara” e “aca” sobeja a palavra “**Itacoyti**” ou “**Itacoati**”, muito aproximada de “**Tocoati**” grafada pelo flamengo Blaeuw (1571-1638), que, como os seus compatriotas, alterava constantemente a prosódia e a ortografia adotadas pelos lusitanos.

31 CASTELO BRANCO. Op. cit., p. 39.

32 ALVES, Guarino. *Capitanias Hereditárias ou Dissertações Sintéticas de um História-Geógrafo*, 1977.

33 CASTELO BRANCO. Op. cit., p. 39.

No Mapa do normando Jacques de Vaul, de Claye ou Vaudeclaye, feito em Dieppe, em 1579, em maior escala do que os precedentes, com a costa norte-rio-grandense melhor traçada, do Rio Real ao Maranhão, antes de chegar a 7' de latitude S., aparece o topônimo “**Arapita**” que lembra os antigos topônimos, desde João de Lisboa e os Reinel até a nova denominação registrada por Luís Teixeira.

No “*Roteiro Geral com largas informações de toda a Costa do Brasil*”, de 1587, embora não fazendo parte da cartografia, elemento do nosso estudo, achamos importante frisar que Gabriel Soares de Sousa, no Capítulo X, intitulado “*Em que se declara a terra e costa do porto dos Búzios até a baía da Traição, e como João de Barros mandou povoar a sua capitania*”, tanto usou o topônimo “**Itacoatigara**”, quanto o “**ponta da Pipa**”:

*Do porto dos Búzios a **Itacoatigara** são nove léguas, e este rio se chama deste nome por estar em uma ponta dele uma pedra de feição de pipa como ilha, a que o gentio por este respeito pôs este nome, que quer dizer **ponta da Pipa**; mas o próprio nome do rio é Garatuí, o qual está em altura de seis graus. Entre esta ponta e o porto dos Búzios está a enseada de Tabatinga, onde também há surgidouro e abrigada para navios em que detrás da ponta costumavam ancorar naus francesas e fazer sua carga de pau de tinta. De **Itacoatigara** ao rio de Guaramataí são duas léguas, ...*<sup>34</sup>

Em 1592, última década do século XVI, reapareceu, como já registrado em vários outros cartógrafos, o topônimo “**Ora**”, no Mapa do gravador e pintor flamengo Theodoro de Bry.

**FRANCISCO FERNANDES MARINHO** é escritor, professor e pesquisador. Autor de “O Rio Grande do Norte sob o Olhar dos Bispos de Olinda”, “Bibliografia do Rio Grande do Norte” e outros livros. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

---

34 SOUSA, Gabriel Soares de. *Notícia do Brasil*, 1974, p. 12.

# QUE FIZERAM DO NOSSO RÁDIO?

*Eider Furtado*

Descer ao bairro da Ribeira utilizando parte da av. Deodoro na qual esteve instalada tantos anos atrás a Rádio Educadora de Natal, depois Rádio Poti e, finalmente, Rádio Clube, desperta em mim uma saudade sem limites. Em mim, particularmente, que lá estive desde os meados do ano de 1941, por uns bons vinte anos. Na verdade, levado por Gumercindo Saraiva, um musicólogo por inteiro, ainda nos seus ensaios antes da inauguração daquela emissora, integrei aquela que seria a “Orquestra de Salão”, na época com os meus dezessete anos de idade. Seria eu um dos seus violinistas, ao lado do prof. José Monteiro Gaivão, João de Brito Namorado, o português mais brasileiro que eu conheci, Carlos Tavares, irmão do maestro Mário Tavares, falecido há poucos anos como um dos mais respeitados violoncelistas deste país, Raimundo Ferreira e o próprio Gumercindo Saraiva.

E, logo aqui, a pergunta que fica no ar: que fizeram do nosso rádio? Terá tido o mesmo destino, quanto ao seu formato, dado às emissoras nacionais, sem ser mais praticado ao vivo? Na realidade a nossa velha REN, aqui respirando como se estivesse à porta de uma UTI, já não existe mais na quase ladeira da av. Deodoro. Foi definhando à medida que os anos passavam, até que, transferidas suas instalações de maneira precária, viu as paredes de seu prédio, aquele que lhe serviu de sede por cerca de setenta anos, serem demolidas como coisa que perdeu a utilidade.

Nossa REN foi inspiração de empreendedores como, dentre tantos outros, Carlos Lamas, chileno de nascimento, consul de seu país, comerciante com uma das mais luxuosas lojas de seu tempo, na rua Dr. Barata; Carlos Farache, seu vizinho da Dr. Barata, com uma casa de jóias e relógios das mais completas do nordeste; Gentil Ferreira de Souza, engenheiro civil, tendo exercido por alguns anos o cargo de Prefeito Municipal de Natal; José Gurgel do Amaral Valente, acreditado dentista e professor no velho Atheneu Nortério-grandense. Antes o que existia espalhado por alguns pontos da cidade, era o Serviço de Alto-Falantes de Luiz Romão, dono da mais

completa loja de jornais e revistas da Av. Tavares de Lira. No pavimento superior de sua loja estavam os equipamentos de seu serviço de auto-falantes, ao lado de um estúdio no qual se apresentavam os nossos artistas. Bons tempos em que a garota Ademilde Fonseca, entronizada na radiofonia nacional como a “rainha do chorinho” apresentava seus números musicais acompanhada de um regional que tinha à sua frente o competente violonista Antonio Lucas.

Os alto-falantes, instalados no Grande Ponto, na Praça Pedro Velho, a conhecida Praça Cívica dos nossos dias, e na Tavares de Lira, espalhavam em horários limitados, um pouco de música e, o que lhe parecia mais importante nos anos da Segunda Guerra Mundial — 1939/1945 -, o famoso noticiário da BBC de Londres, das 21hrs. às 21.,15hrs., dos dias de semana. Chegado àquele horário um certo número de pessoas se agrupava «ao pé» de cada alto-falante para ouvir as últimas notícias da guerra.

Mas, que fizeram mesmo do nosso rádio? Pela REN desfilaram os mais consagrados cantores nacionais, como nela se apresentaram nomes do cenário artístico internacional. Aquela casa de arquitetura meio brejeira guardava um equipamento que levava a distância uma programação caprichosamente elaborada. Na sua trajetória, antes de ser adquirida pelos Diários e Emissoras Associados, houve um dia em que seu som foi silenciado pela ação da força, e suas instalações ocupadas por soldados do exército. Que de tão grave teria ocorrido para essa medida tão radical? Simplesmente em um de seus programas no qual se anuncia música internacional, foi tocado o hino da Alemanha. Estávamos em guerra e aquela música, o hino nacional de uma nação que afrontava o mundo, era uma “senha” que podia transmitir para as forças de Hitler o exato momento de seus aviões atravessarem o velho Atlântico e bombardear Natal. Era assim que pensava a fértil imaginação potiguar.

Santa ignorância? Ninguém atentava para o fato de, naquela época, avião nenhum ter autonomia de voo para vencer o espaço Dakar-Natal-Dakar. Mas ninguém invocou essa hipótese. Importante mesmo, para as autoridades que se diziam atentas às investidas do terrível ditador alemão na sua luta endiabrada contra a democracia, representada pelas forças norte-americanas, inglesas, russas e até brasileiras, era penalizar os admiradores do fascismo que teriam dado

um sinal de sua existência naquela música tocada porque, quem a programou não conhecia «bulhufas» do idioma alemão.

Mas a “pisada na bola” foi superada e os nossos bravos soldados destacados para aquela missão sem glória deixaram o prédio da REN entregue às suas finalidades.

Lembrar a esta altura de como foi bem sucedido o rádio potiguar não custa nada, tão real a sua presença na radiofonia nacional. É não se imagine que o nosso *cast* era pobre, por que ele contava com destacados valores como Glorinha Oliveira, Paulo Tito, Terezinha e Jacinto Maia, Ubaldo Lima, Carminha Silva, Maria Isabel Noronha, Zezé Gomes, Rubens Cristino, Hianto Almeida (cujas primeiras produções já cheiravam à chamada bossa nova) Agnaldo Rayol, Marli e Zilma Rayol. Foi nessa escola do rádio que se destacaram os garotos, hoje na advocacia, Carlos Roberto Miranda Gomes e Odúlio Botelho. Dali saiu, um dia, o jovem cantor Paulo Tito para retornar com o título de maestro, compondo, fazendo arranjos, dedilhando o seu violão. Dali saiu para o rádio paulista Rinaldo Calheiros, que aqui chegou militar da Aeronáutica, reformado muito jovem, ainda, em razão de um acidente que lhe deixou marcas mas não lhe tirou a qualidade de um bom cantor. Dali saiu Raimundo Olavo para se tornar um vitorioso compositor de nosso samba gravado por nomes dos mais consagrados do rádio nacional. Por ali passou, para ficar durante algum tempo, o clarinetista K-Ximbinho nascido em Taipu e consagrado como integrante da famosa Orquestra Tabajara, de Severino Araújo, um dos mais afinados conjuntos musicais. Ali ficou Waldemar Ernest — recentemente falecido - gaúcho meio alemão, vindo dos pampas para um dia se fixar em Natal, abrilhantada por suas soberbas apresentações no seu piano. Dali saiu o Trio Yrakitã, com Edinho, Gilvan Bizerril e João Costa, para fazer sucesso pelo mundo afora.

Pelo visto não adianta continuar perguntando sobre o que fizeram do nosso rádio. Na verdade, um dia foi sucesso com a prata de casa e cumpriu a sua missão até quando os que eram seus donos, o converteram numa coisa qualquer, como se bastassem as “bocas de alto-falantes” retransmitindo notícias, ou até mesmo reproduzindo música de baixa qualidade.

**EIDER FURTADO** é advogado, professor e escritor. Membro da Academia Norteario-grandense de Letras. Autor de “Audiência de um Tempo Vivido” e outros livros.



# A PAREDE DE FÓSSEIS DE VINGT-UN ROSADO

*Benedito Vasconcelos Mendes*

O Professor Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia, visando preservar os testemunhos fósseis de invertebrados marinhos de 90 milhões de anos (do Período Cretáceo, da Era Mesozóica ) da Chapada do Apodi, juntou cerca de 5 mil quilos de fósseis, a maior parte de moluscos, mas também de equinodermos, animais da megafauna pleistocênica e de vegetais fossilizados, encontrados na referida chapada, que hoje fazem parte do acervo do Museu de Paleontologia “Vingt-Un Rosado”, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Por ocasião da construção da antiga ESAM - Escola Superior de Agricultura de Mossoró, hoje UFERSA, no ano de 1967, o Dr. Vingt-Un mandou revestir as colunas do pórtico da entrada principal com fósseis (conchas de moluscos, equinodermos, ossos de animais e pedaços de plantas fossilizadas) e peças líticas dos índios nativos da Chapada do Apodi (machadinhas e almofarizes dos antigos Tapuias). Em 1980, quando ele construiu sua residência na Rua Jorge Coelho de Andrade, no Bairro Ulrik Graf, Vingt-Un, revestiu uma parede da área externa de sua casa com fósseis da Chapada do Apodi (moluscos, equinodermos, ossos de vertebrados da megafauna pleistocênica e folhas e outros órgãos fossilizados de vegetais). Esta parede foi preservada, quando sua casa foi reformada para abrigar o Restaurante Dona Têca. Vale salientar que na casa de morada do Dr. Vingt-Un na década de 1960, localizada na Rua Almino Afonso, 381, no Centro de Mossoró (que foi demolida), havia também uma parede recoberta com fósseis da Chapada do Apodi. Esta atitude do Professor Vingt-Un Rosado, de fixar na parede os fósseis com massa de cimento, revela a sua preocupação de preservar estes materiais para futuros estudos sobre a Paleontologia regional. As figuras que seguem foram obtidas do Restaurante Dona Têca e do pórtico da UFERSA em janeiro de 2016. Foi louvável a atitude de preservação desta parede com fósseis pelos atuais proprietários deste imóvel, pois acredita-se que nem todos estes fósseis colecionados por Vingt-Un tenham sido descritos cientificamente, podendo futuramente, quando forem estudados por paleontólogos, serem descobertas espécies novas, principalmente de moluscos e equinodermos.



Moluscos fossilizados do Período Cretáceo da Era Mesozóica, com cerca de 90 milhões de anos, coletados na Chapada do Apodi e que revestem uma parede da área externa da antiga residência do Dr. Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia, na Rua Jorge Coelho de Andrade, no Bairro Ulrik Graf, em Mossoró-RN.



Parte da parede da casa residencial de Vingt-Un Rosado, na cidade de Mossoró-RN, mostrando equinodermos do Período Cretáceo, da Era Mesozóica (cerca de 90 milhões de anos), coletados na Chapada do Apodi, no Estado do Rio Grande do Norte.



Pórtico da entrada principal da Antiga ESAM - Escola Superior de Agricultura de Mossoró, hoje UFERSA - Universidade Federal Rural do Semi-Árido, mostrando as colunas centrais revestidas de fósseis.



Parte do pórtico da UFERSA, revestido de fósseis e de peça lítica dos Tapuias, que viveram na Chapada do Apodi, no Rio Grande do Norte. Nesta figura, observa-se ossos de animais da megafauna pleistocênica (cerca de 10 mil anos), equinodermos do Cretáceo (cerca de 90 milhões de anos) e uma machadinha dos índios Tapuias.



Pórtico da UFERSA mostrando o revestimento de fósseis. Observa-se moluscos bivalves fossilizados do Período Cretáceo, da Era Mesozóica (cerca de 90 milhões de anos ), coletados na Chapada do Apodi.

**BENEDITO VASCONCELOS MENDES** é professor e escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e da Academia Mossoroense de Letras, e Sócio correspondente da Academia Cearense de Letras, dentre outras instituições culturais. Presidente do Instituto Cultural do Oeste Potiguar e Diretor do Museu do Sertão.

# O TENENTISMO E OS ATAQUES DA COLUNA PRESTES NO RIO GRANDE DO NORTE (2)

*Tomislav R. Femenick*

...

## **A expectativa do ataque**

As notícias que antecederam os ataques da Coluna Prestes inquietaram a população de vários outros municípios do Rio Grande do Norte. Os escritores Raimundo Nonato (1966) e Itamar de Souza (1989) retrataram esse cenário de medo e as lutas propriamente ditas.

Em 1926 o nosso Estado tinha uma população que se aproximava de 600 mil habitantes e Natal um pouco mais de 30 mil. Era uma cidade bucólica e relativamente tranquila, mas que vivia um momento de transformação. Segundo Gabriela Fernandes de Siqueira (2013), “*na década de 1920 a aviação teve maior desenvolvimento em Natal. O número de automóveis aumentou e ocorreram melhorias na área de educação*”. O Estado era governado por José Augusto Bezerra de Medeiros, que estava no terceiro ano do seu mandato.

Embora não se sentisse ameaçada de ataque direto pelos revoltosos, a capital do Estado vivia um clima de expectativa pelo que poderia acontecer. O histórico divulgado sobre as investidas dos integrantes da Coluna em outros Estados nordestinos dava conta de um rastro de perdas humanas e danos materiais nas cidades em seu itinerário. O historiador Raimundo Nonato da Silva (1966) assim sintetizou a situação, às vésperas da chegada dos rebeldes: “*Na Capital irradiava-se essa onda de agitação pelos pontos de concentração popular – O café Cova da Onça, na Ribeira, o Grande Ponto, na Cidade Alta e Alecrim*”. Daí saíam as notícias e os boateiros levando as novidades reais ou inventadas.

De verídico mesmo somente as informações transmitidas pelo governo federal ao governo do Estado, dando conta que elementos da Coluna Prestes já tinham saído da cidade de Iguatu, no Ceará, e estavam se deslocando para o Rio Grande do Norte; tudo indicando que o ataque seria na cidade de São Miguel. O contingente de ataque seria integrado por cerca de 70 homens bem armados e a maioria deles com treinamento militar.

Os preparativos para a defesa legalista começaram a ser arquitetados, inclusive com a formação de batalhões compostos por elementos da Polícia Militar do Estado, preponderantemente lotados em Natal (sob o comando do tenente João Machado), e possivelmente do Exército nacional, esses vindos de Fortaleza. O grande problema era o deslocamento dessa tropa para o local presumível do teatro da batalha. Optou-se, então, por se usar o porto de Areia Branca, a Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte e vias rodoviárias; estas últimas poucas, de trânsito difícil e de acesso complicado.

O governo do Estado delegou o comando da defesa de São Miguel ao líder político local João Pessoa de Albuquerque (também conhecido por João Leite e Coronel do Baixio de Nazaré), coronel da Guarda Nacional, que presidia a Intendência Municipal de São Miguel.

Como não poderia deixar de ser, antes do ataque várias cidades do Estado se viram ameaçadas de invasão pelos tenentes rebeldes.

### **Temor em Mossoró**

No dia 31 de janeiro, quando o jovem Padre Luiz Ferreira da Mota (o célebre Padre Mota que depois viria a ser vigário geral, prefeito e deputado estadual) tomava posse como o novo vigário de Mossoró, correu a notícia de que os revoltosos da Coluna Prestes estavam na iminência de atacar a cidade. Em ata paroquial, o Padre Mota registrou o impacto que a notícia de um provável ataque da Coluna a “capital do oeste” teve entre a população da cidade (FEMENICK, 2007). Dizia ele:

*“Neste mesmo dia, espalhou-se pela cidade o terror da notícia de que os revoltosos se encaminhavam para nossas fronteiras, notícia que foi divulgada pela manhã, e logo começou o êxodo da população. Quando*



*me dirigia para a Matriz, às 8 e meia, para a posse, fui, com surpresa, avisado do que se passava e sobretudo de que certas pessoas de autoridade e responsabilidade já haviam abandonado, precipitadamente, a cidade. Diante desta situação, resolvi fazer um apelo de tranquilidade ao público, para melhor se resolver a situação e convocar uma sessão de todas as autoridades e pessoas de responsabilidade, o que fiz de púlpito, com palavras repassadas de fé no patrocínio de nossa Virgem Padroeira, Santa Luzia, e também de confiança no patriotismo do nosso povo. A sessão realizou-se no mesmo dia, a 1 hora da tarde, no edifício do Colégio Diocesano, com grande comparecimento de povo e nela tomaram-se medidas que são do domínio público. Dai por diante, nos dias de aflição e apreensão para o nosso povo, sempre tomei a dianteira de todas as manifestações civico-patrióticas pela defesa da nossa cidade, procurando, sobretudo despertar o ânimo do povo, aconselhando a calma, prudência e permanência na cidade, para guarda dos acontecimentos. Aprouve a Deus que tudo se passasse sem desgraças e atropelos para nosso povo; os rebeldes tomaram outro rumo e nossa população voltou à paz do costume, que a caracteriza. Todos [nós] reconhecemos, nesta salvação de tamanho flagelo, [que foi] o dedo de Deus que nos protegeu, por intercessão da nossa querida Padroeira Santa Luzia. Em reconhecimento de tão grande graça, cantou-se um 'Te Deum' solene, em ação de graças, no domingo, 21, pelas 5 horas da tarde” – Texto transcrito do livro do tombo da igreja de Santa Luzia, em Mossoró-RN.*

Mossoró, pela sua importância econômica e estratégica, foi um palco de agitação quando os revoltosos que estavam nas imediações da cidade de Jaguaribe, no Ceará, se preparavam para adentrar em nosso Estado. Diz Raimundo Nonato (1966): Mossoró era “*um porto aberto ao intercambio de vasta área do comercio nordestino, no negócio de algodão, sal, sementes de oiticica, cera de carnaúba, gesso [e com] agência do Banco do Brasil, não sendo despropositada a precisão*

*de assalto, depois de longas travessias e combates, a um porto que oferecia vantagens múltiplas, inclusive o reaprovisionamento de tropa”.*

Essa ameaça de ataque iminente espalhou o medo na população que procurou fugir da cidade. Um grande contingente de pessoas foi se refugiar em Areia Branca. A companhia Estrada de Ferro Mossoró-Porto Franco colocou diversos trens extras, porém não conseguiu atender a demanda e mais de 150 pessoas não tiveram como embarcar. Quem não conseguiu lugar nos trens, fugiu para qualquer lugar da vizinhança.

Na cidade se preparava a resistência. O deputado Juvenal Larmartine, o chefe da polícia (Dr. Silvino Bezerra), o comandante da polícia militar (Cel. Joaquim Anselmo), o intendente municipal (Cel. Rodolfo Fernandes, que um ano depois comandou a defesa da cidade contra o ataque de Lampião), o presidente da Associação Comercial (Cel. Cunha da Mota), o vice-presidente da intendência (Dr. Hemetério Fernandes) e muitos outros organizaram o esquema de defesa. Algumas das decisões tomadas foram: a distribuição de armas e munições fornecidas pelo Exército Nacional, a formação de trincheiras em torno da cidade e na zona urbana e a vigilância da fronteira com o Ceará.

O Padre Mota, o novo vigário da Igreja de Santa Luzia, atuava em várias frentes. Ao mesmo tempo em que cedia o prédio do Ginásio Santa Luzia (onde hoje é a agência central do Banco do Brasil) para servir de sede do “quartel general” da defesa da cidade, promovia reuniões entre os representantes do governo com as lideranças civis e procurava acalmar as famílias e evitar as fugas precipitadas, com seus sermões nas missas e, inclusive, com a publicação de um Boletim.

Os revoltosos não chegaram a Mossoró, como não chegaram a Areia Branca e Natal, cidade onde as notícias e boatos de ataques da Coluna Prestes também chegaram, com maior ou menos alarme que causaram na “capital do oeste”.

## **Medo em Areia Branca**

No início de 1926, quando da passagem de integrantes da Coluna Prestes no Rio Grande do Norte, a cidade e o porto de Areia Branca tinham importância vital para a economia do Estado. Muito

mais do que é hoje. Eram ligados a Mossoró pela Estrada de Ferro Mossoró-Porto Franco, cujos trilhos serviam de rota para as exportações e importações do oeste potiguar, da região jaguaribana cearense e, ainda, do alto sertão paraibano.

Segundo Paulo Pereira dos Santos (2002), por um longo período que vai das décadas de 70/80 do século XIX até as três primeiras do século XX, toda a atividade empresarial da região oeste do Estado, em especial dos estabelecimentos industriais e comerciais localizados em Mossoró, se refletia na intensa movimentação do porto de Areia Branca. De 1893 a 1895, cento e cinquenta e seis embarcações atracaram naquele porto, enchendo seus porões com mercadorias exportadas por firmas mossoroenses. Em 1911, cento e treze navios nacionais e outros 153 estrangeiros levaram produtos negociados por empresários de Mossoró, sendo 33 noruegueses, 30 ingleses, 50 alemães, 17 dinamarqueses, 10 suecos, seis holandeses, quatro portugueses, um americano, um francês e um russo. O porto de Areia Branca movimentava anualmente entre 200 e 250 mil toneladas de cargas, enquanto o porto de Natal movimentava cerca de 40 mil e os de Fortaleza e Cabedelo, 90 mil cada um deles. Era o sétimo maior porto do Brasil, em movimentação de tonelage de cargas e contribuía com 58% das receitas portuárias do Estado, enquanto que Natal contribuía com 40%, e Macau apenas com 2%. Além de porto cargueiro, Areia Branca era também ponto de escala de navios de passageiros (os chamados paquetes) e navios mistos – carga e passageiros – da Companhia Nacional de Navegação Costeira, da Companhia de Navegação Lloyd **Brasileiro** e de outras empresas marítimas.

Naquele começo de ano, a notícia que circulava na cidade era de que um batalhão de Exército estava vindo de Fortaleza pelo navio Paconé (embarcação de origem alemã, confiscada pelo governo brasileiro durante a Primeira Grande Guerra e então agregado à frota do Lloyd) e de lá deveria seguir para Mossoró e para o alto oeste, com a missão de defender as localidades ameaçadas de ataques pelos integrantes de um pelotão avançado da Coluna Prestes, o mesmo que já havia atacado cidades do interior do Ceará.

Envolta nesse clima, a cidade recebia uma multidão que era despejada das embarcações que faziam a ligação entre Porto Franco e Areia Branca. Eram as pessoas vindas de Mossoró – principalmente,

mulheres, crianças e velhos –, fugidas de um possível ataque da Coluna Prestes. Como as hospedarias já estavam cheias pelos passageiros que esperavam a chegada do Paconé e que iriam embarcar para Recife, Maceió, Salvador, Rio de Janeiro e Santos, os mossoroenses foram abrigados em casas de parentes, amigos e até de desconhecidos.

Em uma localidade relativamente calma, essa situação inusitada de agitação gerou uma série de hipóteses e especulações, envolvendo a cidade e o porto. Umas eram simples boatos. O mais difundido dizia que entre os defensores das cidades atacadas haveria um herói areia-branquense, José de Samuel, isso quando nem ataques ainda tinham havido no Rio Grande do Norte e o impávido Zé de Samuel estava placidamente trabalhando em uma máquina de beneficiar arroz, em uma fazenda localizada em Apodi. Outro propagava que o popular “Geleia, muito conhecido nos círculos de jogatina”, servia de indicador de caminho para os revoltosos.

Todavia as autoridades estudavam seriamente um sistema de defesa para o porto, tendo em vista a possibilidade de que os militares rebeldes, com a habilidade de estrategistas que possuíam, optassem por um caminho alternativo e, evitando atacar Mossoró, atacassem Areia Branca, o seu porto de abastecimento. Seria uma maneira de garantir o reaprovisionamento das suas tropas e, ao mesmo tempo, um grande tento que, certamente, teria repercussão nacional como uma derrota das forças legalistas. Afora a invasão da multidão de mossoroenses que foram se abrigar na cidade, nada mais aconteceu em Areia Branca. No Rio Grande do Norte as lutas da Coluna Preste se limitaram a São Miguel e Luiz Gomes.

## **O ataque a São Miguel**

A cidade de São Miguel, situada na região do Alto Oeste potiguar, quase fronteira com o Ceará e relativamente perto da Paraíba, foi, sem sombra de dúvida, a localidade que mais sofreu com os ataques da Coluna Prestes no Rio Grande do Norte, ocorridos em fevereiro de 1926.

Nos dias logo anteriores ao ataque propriamente dito, as notícias davam conta que a Coluna já deixara a região do Jaguaribe e se dirigia ao Rio Grande do Norte pelo caminho conhecido como La-

deira do Engenho. Estimava-se que seu contingente era apenas “70 combatentes”. Para combatê-los, esperava-se um batalhão de Exército que estaria vindo de Fortaleza; que nunca chegou. O reforço da Polícia Militar do Estado foi direcionado para o Seridó, Mossoró e (em menor número) para Pau dos Ferros.

Pelas péssimas condições de tráfego das estradas de rodagem e mesmo da precariedade das vias de transporte em geral, a população de São Miguel (que na época contava com cerca de mil e trezentos habitantes) teve que se organizar para a defesa quase que somente por conta própria. O historiador Rostand Medeiros (2010) diz que a ata da sessão ordinária da Intendência Municipal de São Miguel, com data de 03.05.1926, lista nominalmente vinte “patriotas”, mas informa haver “alguns outros”. Raimundo Nonato (1966) afirma que naquela cidade o “Núcleo de Patriotas” foi composto por 20 cidadãos, quatro praças da Polícia Militar, além do prefeito de Pereiro-Ce, este acompanhado de mais três homens, o que daria um total de 28 defensores – embora que *“a tradição oral dava notícia de que a defesa da vila fora feita por 25 homens”*. Itamar de Souza (1989) confirma que a defesa teria contado com 28 homens armados. Como já dito, por delegação do governo do Estado, à frente da resistência estava o presidente da Intendência Municipal (cargo equivalente ao de prefeito atualmente), João Pessoa de Albuquerque.

Antes de a cidade cair em poder da Coluna Prestes, houve dois embates entre os revoltosos e os defensores de São Miguel. O primeiro deles deu-se no dia três de fevereiro, no já citado lugar conhecido como “Ladeira do Engenho”, em terras da cidade de Pereiro-CE. De onde estavam entrincheirados, os legalistas avistaram não os esperados “70 combatente”, mas “um verdadeiro exército em marcha”, de uniformes cáqui e lenços vermelhos em volta do pescoço. Mesmo assim, atiraram e conseguiram matar um dos integrantes da Coluna. Os rebeldes fizeram um recuo tático e, logo em seguida, revidaram o ataque utilizando todo o seu treinamento militar. Então os defensores se entrincheiram em uma casa, quando acontecendo um tiroteio que teria durado cerca de duas horas, até que os defensores fugiram para outro local. Segundo Neill Macaulay (1977), dois dos legalistas foram feridos, sendo que um deles *“um jagunço cearense, [que] caiu nas mãos dos rebeldes e foi degolado”*.

O outro confronto entre defensores (um grupo comandados por Manoel Vicente Tenório) e rebeldes aconteceu no dia seguinte, quatro de fevereiro, no “Sítio Crioulas”, localizado perto da cidade de São Miguel. Houve uma rápida troca de tiros, que resultou na prisão de um revoltoso, Policarpo Gomes do Nascimento, e no ferimento a bala do comandante da resistência, que foi atingido na coxa esquerda por dois tiros de fuzil.

No entanto não havia como menos de trinta homens, embora voluntariosos e destemidos, vencer um verdadeiro exército. Segundo Rostand Medeiros, o “*documento elaborado pela municipalidade de São Miguel aponta que a Coluna de Revoltosos era composta de 2.000 homens. Os que se debruçaram sobre o assunto apontam um número mais modesto, entre 450 a 1.000*”. Qualquer que tenha sido o contingente dos invasores, a diferença era considerável e apontava para a vitória dos revoltosos.

Com a perspectiva de uma invasão iminente, pronta a acontecer, e temendo o que poderia ocorrer, inclusive o risco de morte, grande parte da população da cidade se refugiou em sítios, em cidades vizinhas ou simplesmente procurou se esconder na zona rural.

No dia 3 de fevereiro de 1926, tropas rebeldes da Coluna Prestes realizaram a sua primeira ofensiva contra a cidade de São Miguel, que no dia seguinte caiu em poder dos atacantes. A cidade foi saqueada pelos integrantes da Coluna Prestes, que invadiram residências e lojas “*arrebentando móveis e destruindo objetos que não podiam usar ou transportar. [...] Partiram no mesmo dia em que chegaram*” (SILVA, 1966; MACAULAY, 1977). Dezoito estabelecimentos comerciais foram saqueados. Repartições públicas, o grupo escolar, a agência dos correios e o cartório foram incendiados. Além disso, houve “*apreensão de animais, armas, roupa e objetos diversos em diversos sítios*”. Calcula-se que o saque aos estabelecimentos comerciais tenha provocado um prejuízo de mais de trezentos e sete contos de reis (SOUZA, 1989), uma fortuna na época.

Na cidade de São Miguel uma parcela da população – certamente a maior – tomou posição contrária aos revoltosos e outra se dispôs a acolher e dar guarida aos membros da Coluna. No primeiro caso estavam os liderados pelo presidente da Intendência Municipal (prefeito), cel.

João Pessoa de Albuquerque; no outro, estavam os simpatizantes dos revolucionários, os que acompanhavam o comerciante Manoel Vieira de Carvalho que, segundo o historiador Rostand Medeiros (2010), hospedou os líderes dos revoltosos em sua casa e “*buscou receber o grupo da melhor forma possível*”, com o que garantiu a segurança de sua família e a integridade de seu patrimônio, enquanto que o cel. João Pessoa e seus familiares tiveram que se refugiar na zona rural.

Luís Carlos Prestes esteve ligeiramente na zona urbana de São Miguel, deixando o comando das operações a cargo dos tenentes João Alberto, Siqueira Campos e Djalma Dutra. O líder da Coluna passou a maior parte do tempo em seu Estado Maior, localizado a pequena distância da cidade. Porém em determinado momento o comando dos revoltosos, a convite do próprio Manoel Vieira, se instalou na sua residência “*como se fosse seu escritório e começaram a ouvir todas as pessoas que conseguiram prender fora da cidade*”. Isso está dito em um depoimento de José Guedes do Rêgo, escrito em cinco páginas datilografadas, no qual escreve o que teria presenciado. No entanto, a descrição que José Guedes do Rêgo faz dos fatos é ambígua. Ao mesmo tempo em que indiretamente louva a atitude de seu empregador (em 1926, José Guedes era empregado de Manoel Vieira de Carvalho), retrata o cel. João Pessoa – um cidadão com 72 anos de idade – como *fujão* e *chefete* e apresenta seu filho, José Augusto Pessoa, como um *covarde que nunca se envolveu em luta*.

João Pessoa de Albuquerque foi Presidente da Intendência de São Miguel de 1911 a 1913, deputado estadual em 1915 a 1926 e, em 1963 quando o antigo distrito Baixio de Nazaré foi desmembrado de São Miguel e se tornou Município, recebeu o nome de Coronel João Pessoa, em sua homenagem. Depois da Revolução de Trinta, Manoel Vieira de Carvalho foi prefeito nomeado de São Miguel de 1930 a 1932. José Guedes do Rêgo foi eleito vice-prefeito de Pau dos Ferros em 1957.

A passagem da Coluna Prestes pela cidade de São Miguel deixou um verdadeiro rastro de brutalidade, medo, destruição, descalabro e miséria; tudo igual às passagens das hordas de cangaceiros que aconteciam nas primeiras décadas do século passado nos sertões nordestinos. Nenhum idealismo justifica atos de execuções sumárias, saques indiscriminados (inclusive contra sitiados pobres e carentes

de tudo) e a guerra de terror. Somente a inconseqüência e a levianidade explicam tais atitudes. Explicam, mas não justificam.

## O ataque a Luiz Gomes

Rostand Medeiros (2010) nos diz que, após sair de São Miguel, a Coluna Prestes:

*“seguiu em direção aos atuais territórios dos municípios potiguares de Venha Ver e Luís Gomes, onde o trajeto utilizado aparentemente foi através dos sítios Bananeira, Formoso, Bartolomeu e depois Venha Ver, na época uma fazendola com algumas casas na beira de um açude. Nesta cidade, [...] enquanto o grosso da tropa seguia adiante, alguns membros da Coluna acamparam próximos ao açude, aonde chegaram a permanecer alguns poucos dias na região, inclusive com suas mulheres. Estas utilizavam lenços e panos na cabeça de cor vermelha, mostrando orgulhosamente que faziam parte do grupo rebelado. [...] Após saírem deste lugarejo, a Coluna de Revoltosos seguiu em direção à propriedade Cacos (ou Cactos), e após passarem pela Ladeira dos Miuns, estiveram na região dos sítios Tigre, Imbé, São Bernardo, Feira do Pau e na pequena área urbana da cidade de Luís Gomes”.*

No dia cinco de fevereiro daquele ano, quando a Coluna Prestes invadiu a vila de Luís Gomes, esta estava praticamente abandonada pelos seus moradores. Segundo narra o escritor Itamar de Souza (1989):

*“O povoado preparara-se para resistir. Mas, quando os habitantes da vila receberam o aviso de que os rebeldes estavam no Imbé, a debandada foi geral. Repetiram-se as mesmas cenas consignadas na invasão da vila de São Miguel. Primeiro, dominaram a estação telegráfica, em cujas instalações almoçaram alguns Oficiais do Estado Maior. Depois que tentaram notícias sobre a situação das*



*forças legalistas em Pau dos Ferros, eles quebraram o aparelho de transmissão. Enquanto isto, os rebeldes saqueavam e arrombavam casas comerciais como verdadeiros vândalos. De Luís Gomes, eles se dirigiram para o território da Paraíba”.*

A análise que Rostand Medeiros faz desse evento é taxativa: “*Em Luís Gomes se repetiram as ‘ações revolucionárias’, com uma sequência de saques de casas residenciais e comerciais. Foram provocados incêndios no cartório e na agência dos correios. Já no dia 6 de fevereiro, os revoltosos deixaram Luis Gomes e o Rio Grande do Norte, adentrando na Paraíba”.*

De Luiz Gomes, a Coluna Prestes partir para o Estado da Paraíba até chegar no logarejo de Várzea Comprida, no Município de Pombal. A cidade de Piancó, que não fazia parte do reteiro da Coluna, foi incluída de última hora, como meio de evitar confronto com a polícia paraibana, que havia fechado quase todas as fronteiras do Estado, para barrar a entrada dos revoltosos.

Comentando a passagem da Coluna Prestes por nosso Estado, o historiador Geraldo Maia (em artigo de 01 abr. 2009) sintetizou: “*o fato histórico ocorrido aqui na região, mostrando que longe de atingir os seus objetivos, a Coluna dos Revoltosos, como ficou aqui conhecida, deixou um rastro de medo e destruição”.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROSO, Gustavo. **Historia militar do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1935. Coleção Brasiliana, v. 49.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Dos governos militares a Prudente-Campos Sales*, in **História geral da civilização brasileira**. 2ª ed. Boris Fausto (Dir.). São Paulo: Difel, 1977. Tomo III: O Brasil republicano; 1º volume: Estrutura de poder e economia: 1889-1930.

CARVALHO, José Murilo. *As Forças armadas na Primeira República: o poder desestabilizador*, in **História geral da civilização brasileira**. Boris Fausto (Dir.). São Paulo: Difel, 1977. Tomo III: O Brasil republicano; 2º volume: Sociedade e instituições; 1889-1930.

MACAULAY, Neill. *A coluna Prestes*. Tradução de Flora Machman. Rio de Janeiro: Difel, 1977.

FEMENICK, Tomislav R. **Padre Mota**. Natal: Fundação José Augusto, 2007.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raymundo. **Deodoro, a espada contra o Império**: o aprendiz de feiticeiro; da Revolta Praieira ao gabinete Ouro Preto. **São Paulo: Nacional, 1957. Coleção Brasileira, 12 e 12a.**

MAIA, Geraldo. **Mossoró e a coluna Prestes**. Disponível em <http://www.blogdogemaia.com/index.php?s=Artigos>. Acesso em 14 jun. 2015, às 7h31.

MARTINS, Hélio Leôncio. **A revolta dos marinheiros**: 1910. São Paulo: Nacional; Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1988. Coleção Brasileira, v. 384.

MEDEIROS, Rostand. **A história da coluna de revoltosos em São Miguel**. Disponível em: <http://tokdehistoria.com.br/2012/01/page/2/>. Acesso em 14 jun. 2015, às 10h12.

NONATO, Raimundo. **Os Revoltosos de São Miguel**: 1926. Rio de Janeiro: Pongetti, 1966

SANTOS, Paulo Pereira dos. **Evolução econômica do Rio Grande do Norte**: século XVI ao XXI. 2ª ed. Natal: Departamento de Imprensa do Estado, 2002.

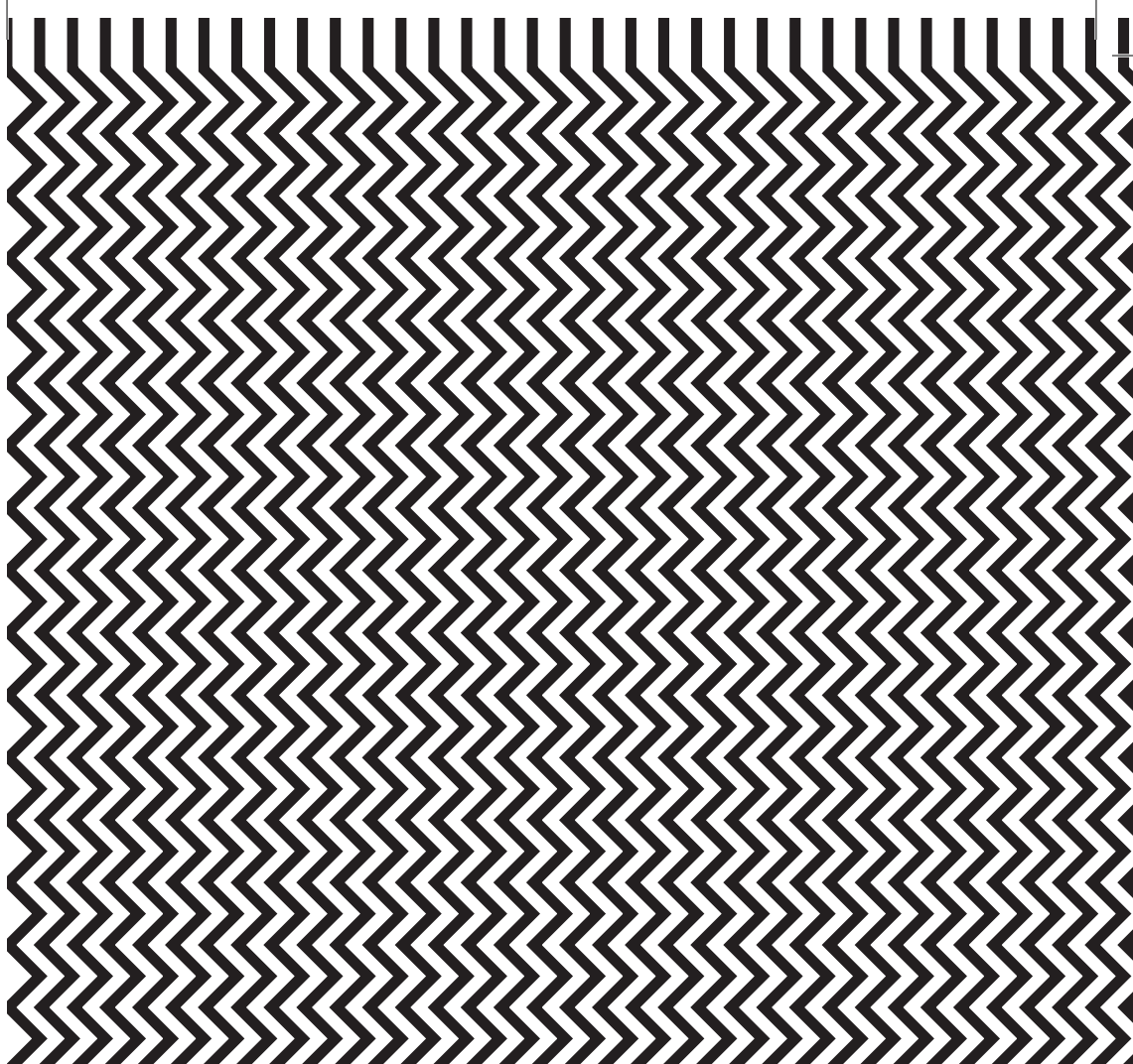
SILVA, Hélio. **1926: a grande marcha**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

SIQUEIRA, Gabriela Fernandes de. **O espaço entre lei e prática: construção e ocupação do bairro Cidade Nova**: 1901-1929. Natal: XXVII Simpósio Nacional de História, 2013.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação histórica do Brasil**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

SOUZA, Itamar de. **A República Velha no Rio Grande do Norte**: 1889-1930. Brasília: Senado Federal, 1989.

**TOMISLAV R. FEMENICK** é escritor e professor, autor de “Os Escravos” e outros livros.



CRÔNICAS

# Chico Doido

*Sônia Faustino*

Enfim, teria sido apenas mais uma notícia rotineira de morte, muito embora esta nunca seja percebida como um fato de rotina. É até certo ponto compreensível que Chico Doido tenha morrido em consequência de uma pancada na cabeça em plena rua. Sempre que ele vinha vindo em nossa direção, vislumbrávamos logo aqueles amplos movimentos simultâneos dos seus braços e suas mãos a estalarem os seus dedos moles. Os movimentos se tornaram sempre mais intensos à medida que reforçávamos, de uma maneira ou de outra, o seu comportamento.

O seu riso largo e a velocidade crescente imprimiram aos seus gestos a dimensão exata daquilo que, para muitos, poderia parecer um traço de manifestação oligoide, mas que significava a expressão de alegria mais pura.

Outra originalidade do seu comportamento manifesto ( até a loucura tem que ser original) era a interpretação perfeita do papel de caubói. O som ds balas era o ponto alto da encenação. E assim, a sequência fílmica era produzida: ele atirava, caía, morria.

- Muito bem, Chico, perfeito! E a cena repetia-se.

Porém, dessa vez, não houve simulação. Ele caiu, morreu. Foi o destino que nele atirou com uma arma chamada “epilepsia”.

No seu ultimo Natal, mandei-lhe uma rede da qual ele não fez uso. Passou adiante com a justificativa de que nunca tinha dormido numa rede, por isso mesmo, preferia continuar dormindo no chão. Na verdade, sua cama era a porta do cinema da minha cidade.

O meu amigo Chico, o grandão com cara de menino bobo, o artista banguê banguê, talvez esteja sendo embalado e ninado por mãos divinas, em substituição ao gesto que lhe foi negado por todos nós, “lúcidos” seres humanos

**SÔNIA MARIA FERNANDES FAUSTINO** é advogada, professora e escritora, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autora de “Rosa la France” e outros livros.

# Quem danado é Ticiano?

*Armando Nogueiras*

O livro *Anotações do meu caderno*, de Ticiano Duarte, é uma coedição muito bem acabada, da Z Comunicação e Sebo Vermelho, 289 páginas. O lançamento foi numa quinta-feira, 25 de maio de 2000, ocasião em que vendeu cerca de 300 exemplares.

Impedido de comparecer fui lembrado pelo amigo Kleber Moraes que entrou numa fila por mais de duas horas, mas acabou me presentando o livro na mesma noite, com direito a autógrafo do autor.

É uma leitura obrigatória para todo norte-rio-grandense que se preze. Ticiano é um memorialista privilegiado que narra os fatos, presenciados ou não, com idoneidade e verve. E, fosse pouco, escreve bem. Quer mais?

Não só descreve personagens já consagrados pela historiografia local, alguns até demais, como resgata grandes nomes, inexplicavelmente esquecidos.

O prefácio é de Walter Fontoura, que não partilha algumas admirações de Ticiano e cunha uma frase: “Prestes, por exemplo, santo do seu altar, na minha igreja não passa nem na porta.”

Lembrei-me da ocasião em que um interlocutor, exaltado, queria que todos concordássemos com o seu ódio a determinada pessoa, ao que Expedito Gurgel, após tentar defender o acusado, dizendo que ele não passava de um ingênuo, acabou elaborando mais uma de suas máximas: “Vamos ficar cada qual com as suas próprias malquerenças, porque se formos absorver a dos amigos, acabaremos todos intrigados entre si.” Só assim, a discussão encerrou-se.

Conceitos polêmicos como o que Creso Bezerra ouviu de um político paraibano de que “política só presta para rico pedante e pobre sabido”; a origem de termos como Pelabuchos, Maristas e Perrepistas; o fato do nome da cidade de Pendências advir de uma pendência jurídica, segundo Albimar Marinho; a irritação de Euti-

quiano Reis ao ser chamado de Jurisconsulto; neologismos criados por Ivanildo Correia de Paiva, o Deus, como suné, significando qualira, boiola ou baitola, o qual também passava sabão nos trilhos dos bondes; a rivalidade entre Xarias (do Grande Ponto) e Canguleiros (da Ribeira), são passagens interessantes que Ticiano aborda com propriedade e humor.

Tem o lado amargo que são os anos negros após a decretação do Ato Institucional número 5, onde o oportunismo, a perseguição política por motivos pessoais, o dedurismo, o mau-caratismo são abordados e os nomes citados.

Episódios interessantes, como a origem das brejeiras (neologismo que significa falsear a contagem dos votos de uma eleição, ao sabor do líder político local) do Majó Teodorico. Em uma dessas brejeiras, capricharam tanto, que Zé Lins acabou sem sequer um único voto, ao que teria comentado:

- Tá certo que minha mãe e meu pai tenham me traído; que meus irmãos também, minha noiva também, meus amigos também, mas eu ter me traído a mim próprio?!

No livro, à página 213, diz que Serra Caiada hoje é Elói de Souza. Ligo para Ivan Lins, irmão de José, e ele me diz que Serra Caiada já foi Presidente Juscelino e hoje é Serra Caiada novamente e que Elói de Souza ficava no município de Serra Caiada.

Na sua curta biografia, ao final do livro, bem que Ticiano poderia ter contado alguns episódios ocorridos com ele próprio. Já que não o fez, faço eu com a ajuda do colega Ivis Bezerra, uma verdadeira enciclopédia política, que já está no tempo de escrever um pouco do muito que sabe.

Abelardo Jurema, advogado e político paraibano, veio a Natal, e Aluizio Alves recomendou a Ticiano para ser o seu cicerone. Após alguns dias, ao levá-lo ao aeroporto, Abelardo se desculpa por não usar cartão de apresentação, mas diz que, indo ao Rio de Janeiro é fácil encontrar-lo: é só ir ao bar do Hotel Itajubá, que fica na Álvaro Alvim, centro da cidade.

Em viagem ao Rio, Ticiano resolve rever o amigo que, realmente, lá se encontrava numa grande roda de políticos, principal-

mente nordestinos. As pessoas foram saindo e, ao final, ficaram apenas os dois, um de frente para o outro. Abelardo indaga:

- E você, é de onde?

- Sou de Natal

- Ah, de Natal? Eu tenho um grande amigo lá: Ticiano Duarte.

Mozart Romano foi o autor de uma frase que Dalton Melo adora repetir: “eu queria saber quem inventou trabalho para eu mandar matar de pau!” Pois bem, entram no restaurante Xique-xique, Mozart Romano, Aécio Emerenciano e Ticiano Duarte. O garçom, de imediato, grita para a cozinha:

- Serviço para três!

Incontinenti, os três levantaram-se e foram embora.

Djalma Maranhão resolveu candidatar Ticiano, seu amigo, a deputado estadual pelo PSP, para fortalecer a legenda, já que ele mesmo era candidato. Foi a São Bento do Norte pregar o socialismo junto a uma colônia de pescadores. Mandou armar um palanque em frente ao qual escreveu o nome TICIANO, para quem pediria votos. O líder local, José Olímpio do Nascimento, sentindo-se invadido no seu território, mandou escrever embaixo: QUEM DANADO É TICIANO?

Numa terra de pouca memória, onde monumentos seculares são derrubados, inclusive o velho Atheneu (um dos focos do livro Anotações do meu Caderno), por onde passaram professores e alunos brilhantes; numa terra onde grandes nomes permanecem esquecidos, Ticiano é um exemplo de memorialística, com as suas citações e lembranças que geram nostalgia até para quem não viveu o momento.

**ARMANDO NEGREIROS** é médico e escritor, autor de “Na Companhia dos Imortais”, “A Folga da Dobra” e outros livros. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras, e da Academia de Medicina do Rio Grande do Norte.

# Lembrando uma cirurgia não realizada

*Jahyr Navarro*

Rebuscando na memória cenas de um passado já um tanto distante, deparei-me com momentos fragmentados de alegria e aprendizagem vivenciados ao lado de amigos e colegas de profissão. Foram lampejos de felicidade que inundaram o meu coração deixando-o pleno de contentamento. Alguns colegas e amigos já partiram, mas deixaram em seus lugares, suas digitais em todos os caminhos que percorremos, cujos rastros se encontram já bem sulcados pelo peso da saudade.

Dentre os falecidos e que de certa forma gosto de recordar é de Selomith de Oliveira, que dentista - como eu - fizemos o curso médico na mesma faculdade, aqui em Natal, especializando-se ele em anesthesiologia. Participou de muitas anestésias no Hospital Universitário Onofre Lopes, para as aulas cirúrgicas realizadas por todos nós, quando fazíamos parte do corpo docente da disciplina de otorrinolaringologia. Daí, tornou-se quase o anestesista “privado” dos otorrinos nas cirurgias realizadas nos outros hospitais e na Casa de Saúde São Lucas.

Ele não era uma pessoa tímida, como muitos pensavam. Mas, uma pessoa reservada que possuía muitos conhecidos, muitos colegas e pouquíssimos amigos. Se bem me lembro, na sua fisionomia destacava-se o formato de seu queixo, que traduzia ser de uma pessoa determinada e que estava encimado de um rosto que servia de complemento. Interessante, era que quando ele estava estressado, esses traços de sua fisionomia desapareciam, surgindo uma face lisa, indiferente e sem expressão. Um rosto que podia assumir qualquer identidade alheia, por não possuir individualidade. Ficava enfim, pobre de fisionomia.

A última vez que com ele estive, foi numa dessas caminhadas que faço diariamente ao lado de vários amigos na av. Afonso Pena, quando, contou-me de seu trabalho profissional em Lisboa, onde estava residindo. Lá, ele podia exercer as duas profissões, pois na Europa - por essa época - a odontologia era uma especialidade médica, só exercendo-a quem tivesse o diploma de medicina. Não sei se essa situação ainda persiste. Não sei.

Esse encontro me fez muito bem porque recordamos o nosso tempo de estudante e da nossa vida profissional, na área mais estressante



da medicina que é a cirúrgica. Ele - como sempre -, protagonista de casos inusitados que muito contribuíram para que seu nome figurasse nos anais do folclore da nossa faculdade. Disso, ele achava graça.

Lembra de uma anestesia que ele ia fazer para uma cliente do dr. Antônio Dutra, otorrino, na Casa de Saúde São Lucas. (Dr. Antônio Dutra está vivo para confirmar este relato). A paciente já estava pronta para ser cirurgiada, quando ele teve que sair da sala para apanhar um material e o dr. Dutra também saiu para paramentar-se para a cirurgia. Quando retornaram à sala, a paciente estava sentada e dizendo de forma categórica que não mais se operaria.

Perguntas mil foram feitas de todas as maneiras para que ela - pelo menos - dissesse o motivo de tão repentina mudança. Nada adiantou. Continuava impassível e com a mesma determinação. Lembraram o tempo da doença, as medicações ingeridas, seu padecimento, os exames realizados e nada disso adiantou. Foi então, que Lourdes - chefe do centro cirúrgico - ganhou sua confiança com "aquele jeitinho feminino todo adocicado", quando ela então, contou que uma enfermeira tinha estado junto dela e aconselhado a não se operar, caso o contrário, morreria na sala.

Foi rebuliço total. A coisa partia para um desespero divertido quando resolveram chamar todas as enfermeiras e auxiliares, e uma por uma foi sendo confrontada com a paciente e a nenhuma ela incriminou. Lourdes, num lance de sagacidade, imaginou que uma outra enfermeira pudesse ter entrado na sala e praticado tal façanha. Foi à secretaria e de lá trouxe um livro com as fotos e o histórico do cada uma do corpo de enfermagem desde a inauguração da Casa de Saúde São Lucas. O livro foi aberto e página por página foi sendo mostrada, até que ela com muita segurança apontou para uma foto e disse: "foi essa".

Era Necy, que aposentada foi residir em Brasília e há oito anos - precisamente naquela mesma data - tinha sido brutalmente assassinada pelo marido. Ainda tentaram convencer a paciente a ser operada, mas quando viram o dr. Dutra saindo de mansinho e já tirando as luvas e o jaleco cirúrgico, ouviram quando ele disse claramente:

- "Agora, quem não opera mais, sou eu".

**JAHYR NAVARRO** é médico e escritor, membro da Academia de Medicina do Rio Grande do Norte e do Conselho Regional de Medicina.

# Meu pai na memória

*Lívio Oliveira*

*“E se quiser saber pra onde eu vou, pra onde tenha sol, é pra lá que eu vou”*  
(Jota Quest – trecho da canção “O Sol”, eternizada na voz de Milton Nascimento).

\*

Nunca pensei muito num momento como este. Talvez por receio. Talvez por não ter lido melhor Norberto Bobbio e o seu “O Tempo da Memória”, que agora tenho em mãos numa edição da Campus. E assim, sem que eu fizesse previsões, estabelecesse prioridades, refletisse acerca de iniciativas e providências pessoais, o tempo chegou. O tempo da despedida e das lembranças de um tempo. Não da despedida de um ídolo pop, de um intelectual de relevo, de uma autoridade, de um amigo. Mais. Muito mais do que tudo isso, o tempo que me invadiu janelas e portas, a partir de uma gélida lufada de vento, foi o tempo da despedida do meu pai, o último encontro. O silêncio me vestiu com sua manta e embargou minha voz, suprimiu minhas palavras. Um leve e translúcido pano caiu na escuridão do abismo, nos arrecifes das lembranças. Foi carregado por ondas espumosas. E agora, somente agora, tento jogar alguns bosquejos nessa folha em branco que me parece posta no horizonte, lá longe, como se fugindo do meu olhar cansado e sofrido desses dias de luto.

É o olhar do meu pai que alivia esse meu olhar de fadiga. Mesmo que ele me mire, já não mais a partir deste plano terreno, mas de uma dimensão cheia de luz, caminhos novos, certamente por veredas em que o frescor dos arbustos e árvores, o canto matinal dos pássaros, o sol intenso e protetivo (Ah! Como ele gostava do sol!), tudo mantendo a serenidade de que muitas vezes se precisa em vida, mas não há em demasia, há em falta nesta nossa época tensa e lotada de atribulações. É em meio à paz que vejo o meu pai. O meu pai, que era o meu país. O meu pai-continente, pleno de ensinamentos voluntários e involuntários. O seu olhar ainda me aponta os caminhos. E hoje, certamente, ele está no melhor deles.

À memória chegam aos poucos, pouquinhos lentos, imagens que vêm desde os meus primeiros momentos de infância, sempre sob o seu olhar intenso, diante de sua voz grave e perto de suas mãos macias e generosas, que também se fizeram rudes e duras quando acreditou que a lição grave permitiria formar filhos de forma adequada e reta. Formou, sim, os cinco filhos – quatro homens e uma mulher. Todos se encaminharam a partir dos primados da educação e do trabalho. Eram esses os seus balizamentos filosófico-pragmáticos. Jamais arredou desses parâmetros edificadores.

Lembro de milhares de vezes em que me estendeu a mão e me mostrou como alcançar as minhas metas de forma ética e digna. Lembro das palavras que me ensinou, quando eu tinha preguiça de consultar um dicionário. Lembro das mensagens lenitivas que dava no meu peito asmático, em meio às crises sufocantes que eu vivia. Lembro dos sons do seu violão 7 Bocas/Del Vecchio muito antigo (ainda preservado na casa da minha mãe), que era afinado quase que tão grave quanto a sua voz. Recordo-me da conta sempre aberta na vetusta Livraria Universitária, permitindo-me comprar diretamente, sem a sua presença, os livros que eu necessitasse ou tão-somente quisesse, sem prévia consulta ao seu apertado orçamento. Recordo-me e vejo as suas assinaturas nos meus boletins de escolas primária e secundária, acompanhando *pari passu*, todos os meus instantes de vida estudantil.

O meu pai sempre esteve presente na minha vida. Nunca me faltou e nem aos meus irmãos e à minha linda mãe, sob qualquer aspecto. Era um cumpridor de tarefas, de compromissos, de palavra. Somente agora fico sem a sua palavra. Há, no entanto, a memória. E a memória fala muito, pelos cotovelos. Não me esquecerei do que vivemos juntos desde os meus primeiros momentos na rua Segundo Wanderley – incrustada nos quadriláteros do Barro Vermelho – até os veraneios animados e as comemorações do seu aniversário (31 de janeiro) na praia do “Barro Branco” (segundo o Tupi-Guarani e, conforme me ensinou o amigo Edgar Dantas, este é o significado de Tabatinga), onde o meu pai era conhecido como o “Barão de Tabatinga”, apelido carinhoso que o bom e velho Jaime Alves de Oliveira ganhou, por seu carisma e altivez atenciosa no tratamento com todos.

Soube de sua passagem quando eu estava longe, na Bahia, acreditando que, mais uma vez, ele estava ultrapassando a barreira da doença. Consegui retornar a tempo de me despedir, mesmo que o voo de volta a Natal tenha parecido eterno. Sobre as nuvens brancas e cinzas, lembrei que no réveillon deste ano, após o espocar dos fogos que vimos juntos lá do meu lugarzinho de morada, o meu pai balbuciou, com as dificuldades que já evoluíam: “– Vencemos mais uma batalha!”. Verdade, meu pai. Mais uma, dentre tantas. Vencemos juntos. Estávamos de mãos dadas, o que simbolizava um abraço de toda a família. Todos juntos ali, de uma forma ou de outra, aprendendo a vencer batalhas a partir de sua lição forte e de sua firme e sempre estendida mão. É ela, sua mão, que beijo agora. E os seus cabelos brancos, lisinhos, lisinhos, perfumados sempre pelas mãos da minha mãe que continua e continuará aqui conosco, bela e cheia de energia, sempre nos lembrando quem o senhor foi e é, além do que representa para todos nós, família que muito lhe deve. Um dia nos encontraremos, todos de novo. Todos. A bênção, meu pai!

**LÍVIO OLIVEIRA** é Procurador Federal, poeta e escritor, membro do IHGRN e da UBE/RN. Autor de “O Colecionador de Horas”, “Teorema da Feira” e outros livros.

# Sobre um pé de jasmim-laranja

*Paulo Bezerra*

Mando-lhe esta carta em tempo de Natal e virada de Ano, desejando-lhe as melhores coisas.

E quero lhe mostrar uma ponta do meu desencanto do modo como se segue. Antes que o finado Zé Sancho desse por terminada a casa das Pinturas, o terraço estufou por causa do peso do aterro pois o muro de contenção fora levantado a prumo. Aí corrigiram o erro, fazendo-o de arrasto, segundo a engenharia do mestre Estevam, um espanhol. O dito terraço recebeu um piso de pedra calcária, ocre, composto de lajes irregulares e de espessura variada deixando, no entanto, canteiros redondos, onde plantam laranjeiras. Em 1935, quando lá chegamos de morada, havia apenas um pé de jasmim-laranja, planta ornamental nativa do sudeste da Ásia à Austrália, espremido na brecha de umas pedras. A respeito da sua presença corriam duas conversas: uma de que fora plantado em 1917 e a outra, que naquele ano teria nascido ali por acaso.

Durante o seu crescimento os galhos foram sendo podados restando uma haste de dois metros com o diâmetro de palmo a chave e fez uma copa – sombra de uma braça ao pingo do meio dia, com suas folhas miúdas, brilhantes e aromáticas. As flores pequenas e brancas, de cinco pétalas, soltavam um perfume fora do comum, embriagador; frutos e sementes ovoides multiplicavam outros jasmims-laranja e, em seus ramos, indiferentes ao passa-passa das pessoas, as rolinhas unidas e solidárias faziam os seus ninhos no instinto comum da criação. Um dia meteram um prego caibral, quase na trempe do seu tronco retorcido em redor de que se abriu uma clareira matando a casca e ferindo o miolo, mal que, migrando de cabeça abaixo, chegou às raízes. A sua copa secou aos poucos, restando por fim pouquíssimos ramos com folhas, flores e frutos quando ao seu pé, para enfrentar a seca impiedosa, botou-se um pote porejando água a lhe umedecer o chão.

Testemunha de tantas coisas morreu não só de sede, mas pelo endurecimento e ruptura dos vasos, e por certo, face à pobreza do

barro que cobria as suas raízes. No correr de 86 anos, afeito às secas e aos invernos, viu o calor das tardes e o gelo das madrugadas; o menino que se fez homem e a jovem se que se fez mulher; o touro pé-duro gaitando na fralda da serra; a mesa larga e farta e os tempos de pindaíba, mas também viu o escangalho da redução gradativa das caças, das aves e das abelhas devastadas todas pelo homem; o algodão mocó descaracterizado, os açudes secos, as casas vazias e os caminhos sem rasto. Viu também a rede de Zé Sancho em 1920, a de Antônia Nunes em 25 e a de Ricardo em 31, sendo levadas para o cemitério.

Agora, que morreu, resta o seu perfil cinza, sem empeno, brocado e anfractuoso agarrado no mesmo chão até que as raízes apodreçam enquanto os seus ramos nus feitos braços ásperos e retorcidos, encerram um pedido de clemência aos Céus e de discernimento aos homens.

Choro, assim, a sua morte num choro recolhido.

Do nosso convívio de 68 anos nasceu afeto imenso que o tempo construiu e agora vai se desmanchando na solidão de cada um de nós. Para ele lá inerte e para mim que, bulindo, nada melhor para matar as saudades das nossas recordações, coisas já sem cor na nossa memória, bambas feito chama de candeeiro em noite de ventania, do que lembrar os versos que Augusto do Anjos fez em 1907 ao tamarindo da sua desventura, falando da perpetuidade deles pela multiplicação das suas sementes, já “que o mundo são brevíssimos instantes” no dizer de Alvarenga Peixoto (1744-1793):

“Pelo muito que em vida nos amamos

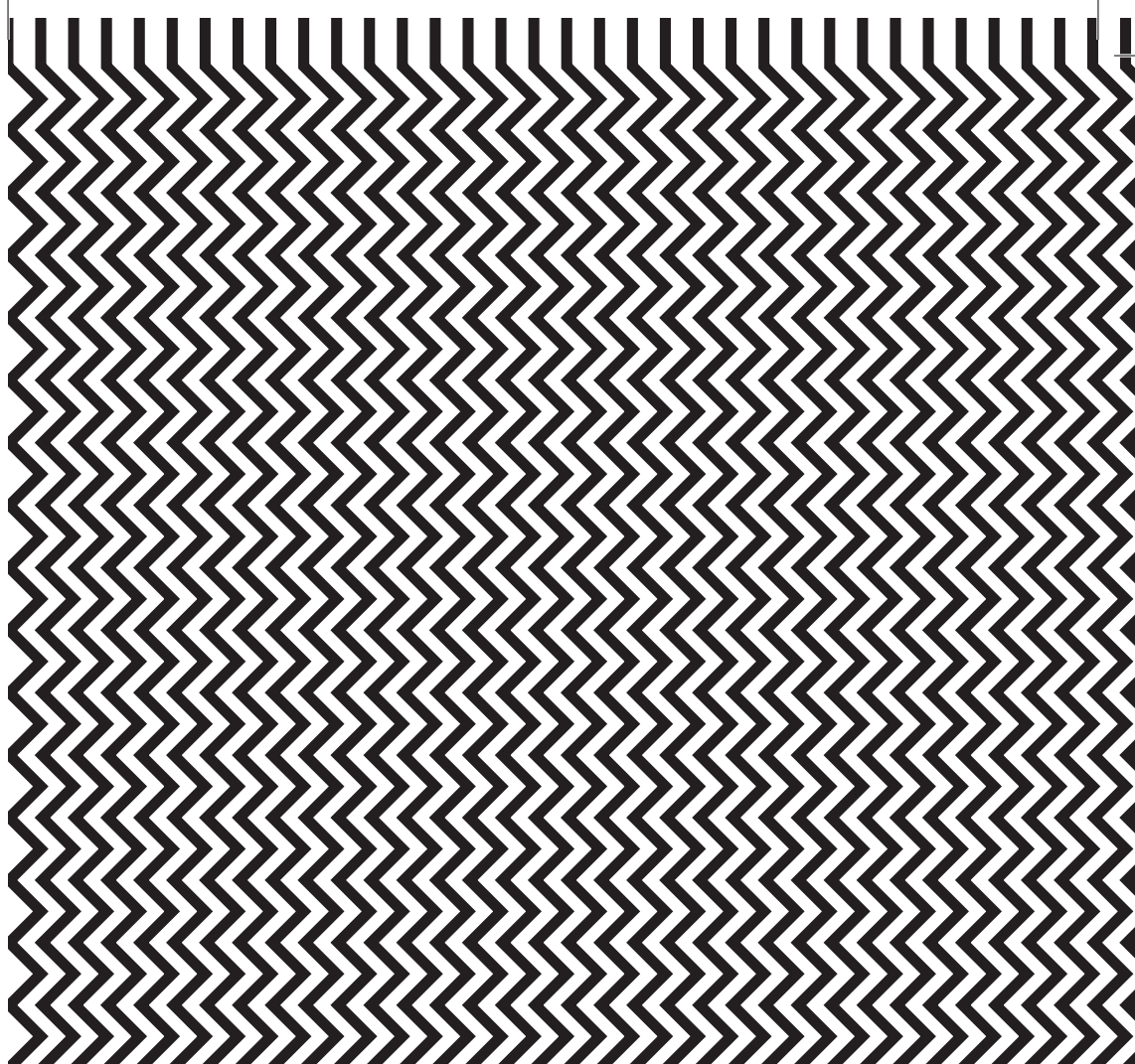
Depois da morte, inda teremos filhos!”

Por sua vez, a poetisa Auta de Souza (12 de setembro de 1876 – 7 de fevereiro de 1901) plantou um jasmineiro no jardim da sua casa e dele cuidou com tal desvelo, botando água ao seu pé e estrume ao seu redor, e tanto foi o bem-querer que lhe invadiu o peito que, depois de ir morar distante, voltava a Macaíba para estar com ele.

Adeus.

Natal, 23 de dezembro de 2003

**PAULO BEZERRA** é médico e escritor, autor de “Cartas do Sertão” e outros livros. Ocupante da cadeira Nº 12 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



# POEMAS

## NO NASCIMENTO DO MEU NETO

# NANO, NENÊ

*Jarbas Martins*

Por alguns infindáveis e milhares de segundos, tive nos braços meu neto WILSON TERCEIRO. Um piscar de eternidades. Há algo de salvífico em acolher um recém-nascido, uma senil – palavra bela- redescoberta da Vida. Seus olhos indagam-me e inventam-me a condição de um pai multiplicado por dois. Soletro para eles palavras inaugurais, compartilhadas com os tons róseos do crepúsculo, que é a alvorada da tarde. Penso que seria possível (tarefa para mães, avós, poetas distraídos e aposentados) criar uma *nanografia*. Palavras multifracionadas, cem mil sentidos em sua dança atômica e atônita. Basta de devaneios, acordo do meu imprevisto acalanto e beijo sua testa olímpica de campeão da tarde.



# CONFITEOR

*Jarbas Martins*

À aluna e fotógrafa Anne Guimarães Vinter, em sua primavera na Dinamarca

Pássaros, não. Quisera a Primavera.  
Não Aves Potiguares – plumas quentes,  
em teus caprichos jovens e insurgentes.  
Ao Anjo que criou Deus se rendera.

Pois que o teu ninho é outro e esta marca  
que o Divino havia assinalado.  
Com Seu sopro, à florida Dinamarca,  
uniu esposo e filho – em ninho alado!

Quisera o teu sorriso – aprendiz  
do Belo ( que tomaste por castelo) !  
Quisera, Anne! E Deus, por fim, predis-

se: bem junto a Irani eu fosse teu  
amigo e amor etéreo, sem primeiro.  
O teu casto poeta verdadeiro.

**JARBAS MARTINS** é poeta, escritor e professor, autor de “Contracanto”, “14 versus 14” e outras obras.

# AQUILO QUE NÃO FOI

*Elder Heronildes*

Aquilo foi aquilo sem pensar.  
Se pensando aquilo não seria,  
Pois não sendo, sem ser,  
Nada seria.  
Sendo aquilo como foi, não foi  
Sentido.  
Transformou-se naquilo sem ter sido.  
Na iconologia dos estados doloridos,  
Presentindo, sem presentir, a novação.  
Como se ignipotente fora.  
Recebendo e rejeitando a combustão  
incandescente,  
Vomitando e engolindo  
Em cascata  
Tudo aquilo que se voltando sobre si,  
Deu origem à verdade que se viu,  
Mesmo não sendo aquilo que é ser,  
E assim não sendo, se foi,  
Sem existir.

**ELDER HERONILDES** é escritor, autor de “A Rua de Jaime” e outros livros. Presidente da Academia Mossoroense de Letras e membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# POEMA PRA ANDREA DORE

*José Delfino*

Belo  
O ar que te invento  
belo como o teu cabelo belo  
Ao vento

Náutico  
o mar que te exponho  
quando respingos d'água  
descolam gotas de suor  
do teu cenho

Poético  
o oceano que te quero  
mar singrado em escuna  
em rasgadas ondas  
de feridas feitas  
calafetadas de sal e espuma

Único  
Pois tudo em ti já dito  
é inaudito e mágico  
o respingo suave  
o mar navegado  
a ferida aberta  
a atravessada onda  
a barca e a espuma  
os tenros flocos de sal  
o rastro de suor  
do teu rosto oval

Álgico  
porque tudo dói  
até o prazer emulado  
ao ar que invento  
e toca teu pelo e paira  
sobre teu cabelo ao vento

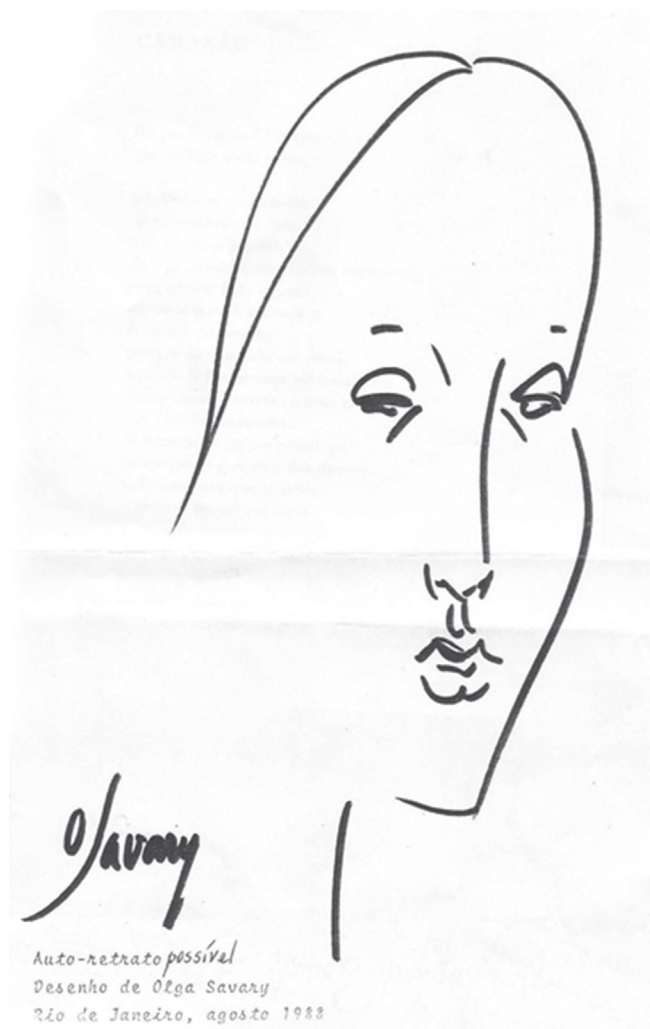
Fraturas  
ah as palavras  
num vai e vem  
em minha mente  
se abrem e fecham  
em copas como lábios  
como portas  
como dedos de mãos  
que vagas imitam  
em arco envergam-se  
sobem e descem  
às folhas de papel  
se curvam se rendem  
e escrevem  
e não dizem  
[...]  
é que elas se escondem  
nos vãos da casa  
na janela no telhado  
debaixo da escada  
nas frestas do chão  
em utensílios de pouco  
ou nenhum valor  
esquecidas em armários  
em quartos de despejo  
em malas e cartas  
em velhas compoteiras  
no oco de elefantes  
de falsa porcelana  
em cima das geladeiras  
[...]  
como e lembradas são  
à paisagem inglesa partida  
das xícaras de chá trincadas  
amanhã de cacos esquecida  
no fundo das cristaleiras  
[...]  
no varal do guarda-roupa  
onde pendurados cabides  
enrolados em trapos  
imitam as curvas

dos teus pequenos seios  
tuas ancas estreitas  
[...]  
brancas em quadros  
negros expostas estão  
soltas nas ruas  
sem eira nem beira  
em castelos de cartas  
se encobrem  
em torres de babel  
se confundem  
como a água na sede  
como o fruto na fome  
como a dor esquecida  
na cicatriz de um antigo corte  
[...]  
difícil achá-las  
questão de segui-las  
vazar a vista enxergar sonhos  
achar nos olhos a cegueira  
em quadros objetos pessoas  
procurar bem  
[...]  
lugares onde nenhuma esteve  
ir e acaso encontrando-as  
ouvi-las  
e fazê-las tangíveis  
corpóreas palpáveis  
[...]  
mas amiúde nem tudo  
é tangível e pior  
numa foto ou num quadro  
detalhes de coisas  
discretas invisíveis quase  
indizíveis são  
[...]  
tangível é o meu peito  
onde elas se acoitam  
e dentro dele um relógio  
a consoante e vogal afeito  
que bate bate e bate  
a três por quatro pulsando

dodecafonicamente às vezes  
em semitons de violão  
o descompasso  
[...]  
tictac tic tac tictic tac  
que eu só percebo  
e não se escutam  
a não ser quando repousam  
cabeças entre mamilos ou  
ouvidos sobre o meu coração  
[...]  
mas lá estão escondidas  
na força do vento  
na inclinação da árvore  
na dança do grão de areia  
na forma da nuvem  
no vazio do bolso  
no sabor da conserva  
no fermento da raiz  
no tempero da panela  
na mistura dos legumes  
no iogurte no mel  
no correr da água  
na lágrima recente  
no mercado persa  
na harmonia em desordem  
na tela do cinema  
na catacumba caiada  
embaixo da folha em branco  
[...]  
no desejo invisível  
ao ver teu ventre exposto  
nas partes visíveis  
de púbis encobertos  
no dormido despertar  
dos teus olhos se abrindo  
[...]  
e se vão e se perdem  
em gritos gogos  
no céu da tua boca  
em cheiros e cores  
na flor do desejo

no fogo-fátuo  
do fálico carinho  
no azul dos anos  
no vermelho das vulvas  
na selva dos teus pelos  
meu negro crespo pente  
[...]  
e se acham e se queimam  
no sol da pauta musical  
na tua língua calada  
no moinho de vento  
no grito dos pássaros  
no Beethoven surdo  
na cabeça do alfinete  
no falso desvelo  
passado a limpo  
no final do pesadelo  
[...]  
no meu ódio mudo  
a inimigos vivos  
nas minhas córneas  
embaçadas de saudade  
no desgosto de ver  
um amigo morto  
[...]  
até no barulho do ido tempo estão  
num largo de catedral  
mas essas pararam no tempo  
e se encantaram para sempre  
ao meu lado sorrindo  
ao som de um sino a tocar  
degraus molhados eu subindo  
vendo no céu passar um avião

**JOSE DELFINO** é médico, poeta e professor da UFRN. Autor de “Almas Nuas” e outros livros.





# CAMANÁU

*Olga Savary*

No princípio era o abismo  
que sou eu e não sabia.

Diurno, não vês a noite  
que me ronda e cobre  
e só tu vês a manhã,  
se é possível : apaixonado e impessoal,  
com o rosto belo e gasto  
de tanta paixão e desdém.

E eu não te possuo  
porque das manhãs me evado  
quando nelas deveria ter meu porto  
divino, como convém a uma rainha,  
tua amazônida rainha.

Nenhuma droga me embriaga  
não sendo a que vem dos deuses  
pela natureza que te imita  
e por tua língua em fúria  
porque pertencemos à raça  
daqueles que mergulham no mar  
como escapando a um labirinto.

( Do livro Berço Esplêndido)

**OLGA SAVARY** é escritora, tradutora e jornalista. Autora de mais de 20 livros, figura em inúmeras antologias, no Brasil e no exterior. Recebeu mais de 60 prêmios de poesia, conto, romance, crítica, ensaios, tradução e jornalismo. É potiguar através do avô materno, Francisco Nobre de Almeida, nascido no Rio Grande do Norte, de raiz pernambucana. Olga Savary teve a gentileza de nos enviar o poema acima publicado.

## Cinco haicais de Sânzio de Azevedo

### **Cleópatra**

Vale como indulto  
sutil, na cesta de figos,  
o veneno oculto.

### **Futuro**

Um resto de relva  
onde antes os elefantes  
varavam a selva.

### **Futuro 2**

Restos de avenida  
onde antes as elegantes  
gozavam a vida.

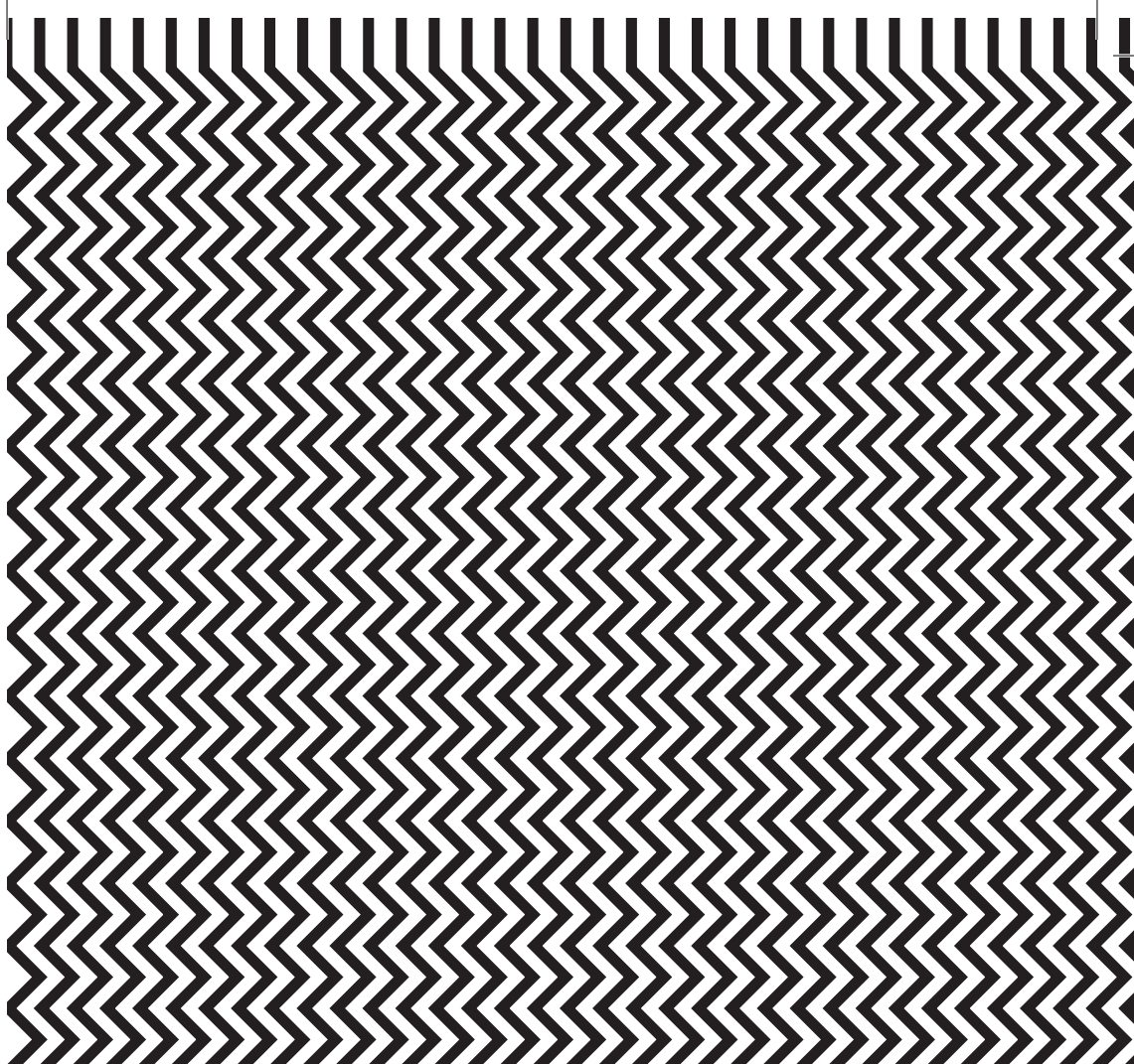
### **Noturno**

A lua está baixa.  
Na fonte perto do monte  
um sapo coaxa.

### **Haicai plagiado de um soneto de Guilherme de Almeida**

No salão feudal  
os guizos mudam em risos  
a dor do jogral.

**SÂNZIO DE AZEVEDO** é escritor e poeta, membro da Academia Cearense de Letras. Autor de “Rodolfo Teófilo e a Saga dos Brilhantes”, “Literatura Cearense” e outros livros.



**NOVOS ACADÊMICOS**

# Saudação ao Acadêmico Marcelo Navarro Ribeiro Dantas pelo Acadêmico Jurandyr Navarro

**Excelentíssimo Senhor Presidente desta Academia de Letras,  
Acadêmico Diógenes da Cunha Lima,**

**Autoridades que compõem a Mesa, Desembargador Cláudio Santos, Presidente do Tribunal de Justiça; Francisco Wilkie Rebouças, Consultor Geral do Estado e Procurador Geral do Estado, representando o Governador do Estado; Acadêmico Murilo Melo Filho; Acadêmica Margarida Cantarelli, Presidente da Academia de Letras de Pernambuco; Adalberto Targino, Presidente da Academia Jurídica do Rio Grande do Norte; Valério Mesquita, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico; Deputado José Dias, representante do Poder Legislativo Estadual; Ormuz Simonetti, Presidente Eleito do Instituto Histórico e Geográfico e a Acadêmica Leide Câmara.**

**Senhoras e Senhores Acadêmicos,**

**Senhoras, meus Senhores:**

Santuário de Musas, esta Casa, este ano, em idade octogenária, tem recepcionado, ao longo da sua jornada histórica, amantes do belo artístico e literário. Tal existência denuncia uma certa maturidade, na sua elevação espiritual. Completa ela, em novembro próximo, oitenta anos de existência. O seu Presidente, Diógenes da Cunha Lima já idealizou, com outros confrades, a programação a ser cumprida para a celebração da importante data.

A semente do academicismo germinou, em florescência, na já distante Antiguidade Clássica, produzindo frutos, até o dia presente, cuja inspiração propagou-se por múltiplas sociedades.

No entender de Joaquim Nabuco, as Academias precisam de antiguidade, adiantando que elas, quando jovens, se apresentam tal uma Religião, destituída de ministérios, faltando-lhes solenidade.

O seu vocábulo remonta ao esplendor cultural de Atenas, onde, nos floridos jardins do deus Academus, desabrocharia a flor da filosofia platônica nos distanciados anos de trezentos e oitenta, antes de Cristo.

No domínio da Roma Antiga, um infeliz edito do imperador Justiniano, eclipsou, por largo período, essa brilhante luz, no ano quinhentos e vinte e nove, depois de Cristo.

Teve, por tanto, a Academia inspirada por Platão, a existência de quase um milênio de história. Precisamente novecentos e dezesseis anos!

Esta nossa Academia de Letras, como todos sabem, idealizada por Luís da Câmara Cascudo, foi organizada nos moldes da Brasileira, inspirada por Machado de Assis, seguidora que foi, da Parisiense, criada pelo Cardeal Richelieu, em mil seiscentos e trinta e cinco, tendo sido extinta pelos ideais da Revolução Francesa, sob a alegação de constituir uma corporação de estilo aristocrático e reaberta, posteriormente, por Napoleão Bonaparte.

Em modelo decorrente, apresentaram-se a Arcádia Lusitana, em Lisboa e a Arcádia Ultramarina, no Rio de Janeiro, ambas do século dezoito de nossa Era, apenas para citar algumas delas.

### **Senhoras, meus Senhores:**

Vultos eminentes da nossa cidadania transpuseram os umbrais deste templo de Minerva. Qualificados coestaduanos sobraçaram a sua veste talar, colorida pelo celeste matiz. Há quase um século esta tribuna encantou plateias, através a magia verbal, traduzida em metáforas dos gêneros literários da Prosa e da Poesia, incluindo a beleza da Arte, da Filosofia, da Ciência experimental e do Direito.

De resto, grande parte do arco-íris ilustrado da nossa província prestigiou este auditório.

Nesta noite festiva aqui estamos para homenagear um novo Acadêmico, sufragado, à unanimidade, pelos seus ilustres pares:

Marcelo Navarro Ribeiro Dantas, personalidade por demais conhecida da esfera cultural potiguar e brasileira.

Coroa-lhe a frente a privilegiada inteligência, desbravadora de um tesouro de sabedoria, dominada pela febril inquietação de uma consciência, toda ela, voltada para a estudiosidade.

A sua posse, nesta noite celebrada, vem enriquecer o patrimônio cultural do nosso colegiado acadêmico.

### **Senhoras, meus Senhores:**

Outro Acadêmico mais credenciado, faria melhor a saudação a Marcelo Navarro, outro mais erudito exaltaria, com mais propriedade, os seus elevados galardões, adquiridos pelo saber e inteligência.

A propósito, o conquistador Alexandre Magno, ciente que era da grandeza de sua personalidade, tecida por escribas do seu tempo, ao se deter, certo dia, diante do túmulo de Aquiles, o bravo herói da Guerra de Tróia, ele, Alexandre, não conteve a exclamação, bradando: “Afortunado jovem que achaste um Homero para apregoar o teu valor”.

Todavia, aqui estou, mais pela união de laços consanguíneos, a fim de parabenizar o amigo fraterno, do que mesmo honrar-lhes as merecidas palmas acadêmicas, por todos conhecidas e aplaudidas, no domínio da intelectualidade.

Louve-se, outrossim, a toga inconsútil de magistrado íntegro, competente e honrado!

### **Senhoras, meus Senhores:**

De livre escolha o sonho da vida. O Acadêmico, hoje aqui aplaudido, fez a opção consciente de subir o alto cume da “Cidade dos Livros”, acepção recordativa da Biblioteca de Anatole France. Desde cedo, foi seduzido pelas páginas dos compêndios, fossem eles volumosos ou não, de fácil ou difícil compreensão, do seu conteúdo.

E na travessia da existência, a su'alma ouvia a melodia, a suave melodia dos mistérios, a lição dos doutos, que tanto o encantava, e daí, conquistar, por merecimento, o legado cultural deixado por antepassados, cheios de ansiedade pelas coisas sublimes do pensamento.

Para estudiosos pedagogos, o Saber é o resultado da preocupação de mentes privilegiadas em descobrir o esplendor do segredo da esfinge cultural.

Diz-se ser o tempo, precioso por excelência, a vida breve e o espírito humano grandioso, na lição do pensador Sêneca.

O estudo da Moral, realizado por autores credenciados, direciona o quarteto valorativo: o Bem, o Amor, a Beleza e a Verdade. Tais gemas preciosas devem constituir a ambição de toda pessoa humana. Entretanto, cada um desses símbolos positivos, assim enumerados, se forem escolhidos, separadamente, torna-se-ão negativos. Ou seja, o Bem não pode ser divorciado da Verdade, nem o Amor da Beleza.

Todos eles, juntos definirão a lógica conclusão: o atingimento da Sabedoria!

E sentencia René de Senne, um dos seguidores dessa corrente ética: “Isoladamente, Deus, somente Ele, o valor absoluto e eterno!”.

Marcelo Navarro Ribeiro Dantas triunfou com galhardia, nas mais difíceis etapas, através o estudo continuado, cuja linha de ação do seu desempenho, foi sempre norteado pela refulgência da ética.

O seu espírito moldou a concepção filosófica dos valores, a axiologia.

O Talento, é um dom, chega cedo, é matinal, logo descobrindo a saída do labirinto da caverna de Sócrates. A Cultura, floresce ao entardecer, nutrindo-se aos poucos da claridade da aurora da vida, formando-se ao longo do tempo, elevando-se pelo estudo direcionado, sempre se elevando, assemelhando-se ao vôo do pássaro que se alteia, da planície aos cimos da montanha sagrada, onde o atrai o perfume do altar da celebrada deusa – a Sabedoria!

Igualmente aos mestres do alto magistério, Marcelo Navarro irá dedicar o seu testamento humanístico-cultural à “mocidade das escolas!”

A sapiência é um Bem raro e precioso, ao infinito. A sua fixação, na história dos povos é procedida esporadicamente.

O cultivo literário difere de civilização a civilização, ditado pelo evolutivo passar dos dias e das noites. A cultura ocidental é devedora, aos gregos, dos grandiosos gêneros literários: o épico, o lírico e o dramático.

Nas Academias, sejam elas científicas, jurídicas ou literárias, há a celebração do casamento indissolúvel do Humanismo com a Literatura. Esta, exaltando a magia das artes e, aquele, o ideal humano, em feição alegórica, na personificação de idéias, cenário do abstrato, na visão hermenêutica da alma, da ciência e da religião.

O quadro desta Academia de Letras, desde sua fundação, teve sempre Bacharéis em Direito, devotados à Literatura, como maioria absoluta da sua composição, até os dias atuais.

O seu fundador foi um Bacharel em Direito. O Presidente atual é Advogado!

A criação dos cursos Jurídicos, através a Carta de Lei, de 11 de agosto de 1827, no Mosteiro de Olinda, ensejou a formação da nobre classe no Nordeste brasileiro. A partir de então o bacharelismo jurídico despertou a alma da Pátria: a brasilidade, os sentimentos do civismo, a formação da consciência nacional.

Assim, o seu espírito idealista esteve presente em todas as contingências da nacionalidade em que a inteligência fosse solicitada. Presente esteve nas audiências forenses, usando a dialética da oratória nos duelos do Tribunal do Júri, no magistério, atuando na imprensa, na política, marcando, finalmente, sua presença nas Arcádias literárias!

Tais conceitos coincidem com o pensamento de Clóvis Beviláqua, expressado no seu livro histórico sobre a Faculdade de Direito do Recife. Disse ele: “O Bacharelismo formou espíritos que se elevaram nas Letras, na Magistratura, na Advocacia, no Parlamento e na Administração”.

Houve o século do chamado “Patronato Judiciário”, final da República Romana, período em que, no dizer de Grellet-Dumazeau, “os Advogados governaram o mundo!”



### **Senhoras, meus Senhores:**

Exprimindo a finalidade de atuar o comportamento social, concordante com a reta razão, o cidadão teria de ser dotado da faculdade da virtude esclarecida da consciência, - a virtude da Prudência!

Oriundos do Direito Romano postavam-se os juristas elevados como os Conselheiros do Direito. Seriam eles o jurisconsultos do reinado do imperador Adriano, que deixaram precioso legado. Pela sua conduta exercitada, na esfera jurídica, Marcelo Navarro se qualifica, sem favor, um dos sucessores desses ilustrados doutores da Lei.

O ilustre Ministro do egrégio Superior Tribunal de Justiça, ora empossado nesta Casa, na sua trilha intelectual, jurídico-literária, foi detentor de títulos gloriosos, ainda no verdor dos anos. Tal feito lembra o pensador lusitano Fernão Lopes, que evocava a chamada “guerra cavalheiresca”, a festiva aventura em que os bravos ganhavam “títulos de glória”.

Os gloriosos títulos do Acadêmico Marcelo Navarro Ribeiro Dantas, considero eu, aqueles alcançados na sua Mocidade. Foram eles os concursos realizados para o Vestibular, Promotor de Justiça, Procurador Autárquico, Procurador da República, Magistério Universitário, incluindo Mestrado e Doutorado, todos eles, sem exceção, aprovado em primeiro lugar!

Estes, seus títulos gloriosos, prêmio mais alto, alcançado em plena juventude! Depois, a cultura jurídico-literária, coroou-lhe a frente iluminada.

Títulos estes invejáveis adicionados ao desempenho exemplar, na vida adulta, em anos seguidos, noutros ramos do múltiplo saber do pensamento humano.

Além de conferencista notável, proferindo palestras nacionais e internacionais, aulas magnas em universidades e auditórios selecionados.

Acrescentem-se a esse inventário de bens perduráveis, a sua conduta exemplar na Procuradoria da República, no Magistério Superior, na Judicatura como Desembargador Federal e, no presente, exercendo elevadas funções na Magistratura Superior.

Sem aludir a sua trajetória no espaços literários, em instituições culturais em que é associado.

O novo Acadêmico, ora festejado, é autor, de há muito, de obras publicadas no campo do Direito e da Literatura.

Todavia, o maior dos seus títulos, o seu mais elevado galardão, é a Simplicidade, no semblante sempre estampada, indicativa da grandeza da sua alma, dotada de marcante personalidade.

Seja bem-vindo a esta Casa, Ministro Ribeiro Dantas!

# Discurso de posse do Acadêmico

## Marcelo Navarro Ribeiro Dantas

**Excelentíssimo Senhor Presidente, Acadêmico Diógenes da Cunha Lima;  
Ilustradas autoridades já nominadas pelo cerimonial;  
Prezadíssimos Confrades;  
Minhas Senhoras e meus senhores:**

O mais batido chiste sobre academias de letras – creio que todos o conhecem – é aquele que diz o acadêmico recém-eleito, quando o chamam pela primeira vez de imortal: *eu preferia ser “imorrível”*. A graça da piada talvez já se tenha perdido, mas sua verdade permanece. Nossa imortalidade é vã e sabemos disso. Então por que a perseguimos, ou, quando menos, docemente constrangidos, a aceitamos, e a celebramos, e envergamos fardões e pelerines, medalhas e espadins? A explicação mais fácil – a *vanitas vanitatum et omnia vanitas* do Eclesiastes – não me parece capaz de abarcar todo o fenômeno. Há algo mais que escapa à simples, tão humana e quase sempre inconfessada vaidade e que mantém o fascínio acadêmico: a vontade de deixar uma marca, uma contribuição, que possa se perenizar ou no mínimo perdurar para além do efêmero trânsito da vida de cada escritor.

Porque escrever vem do latim *scribo, scribis, scripsi, scriptum, scribere*, que significa precisamente marcar com o estilo (ponteiro ou haste de metal). E a marca é uma impressão que permanece, que dura, que tem pretensões à perenidade. Na tradição das academias, a imortalidade consiste em fazer cada novo integrante, por ocasião de sua posse, lembrar o nome e a obra do Patrono e de todos os ocupantes da cadeira em que passa a tomar assento, aviventando, dessa forma, as marcas que eles deixaram, e assim lhes garantindo essa imortalidade, que, não podendo ser eterna como a dos deuses, é construída sobre a humilde, ainda que vaidosa, mortalidade humana, passando a memória dos maiores para os pósteros, como numa infundável corrida de revezamento.

Cabe-me pois, fazer mais uma passagem de bastão, e, portanto, como novo ocupante da cadeira 39, velar para manter vivas as chamas votivas de seu Patrono, Antônio Damasceno Bezerra, poeta e jornalista, e de seu Fundador e até agora único ocupante, Raimundo Nonato Fernandes, jurista, professor e também jornalista, até o dia – o qual, mesmo sem nenhum preconceito contra meu futuro sucessor, espero distante – em que outro venha cuidar delas e também da minha, para que nossa memória não se apague como nossas vidas todas inexoravelmente têm de se apagar.

Damasceno, nascido em Natal, em 22 de setembro de 1902 – ano em que veio à luz meu inesquecível avô Álvaro Torres Navarro –, foi menino pobre que ganhou a vida primeiro como auxiliar de tipógrafo, passando a tipógrafo, e depois como jornalista e redator de jornais locais como *A Razão* e *A República*. Os contemporâneos reconheceram nele um sonetista brilhante, inteligente, imaginoso e de verso fácil e elegante. Otoniel Meneses o comparou a ninguém menos que Edgar Allan Poe e Gérard de Nerval, e lamentou que tenha tido o destino incompreendido e tormentoso dos poetas malditos. Cultivou a poesia satírica, fescenina mesmo, e a lírica, mas infelizmente não conseguiu publicar dois livros que tinha prontos, *Dias de Sol* e *Terra Encantada*, cujos originais, parece, se perderam. As dificuldades da vida o deixaram amargo e solitário. Faleceu, pobre e doente, morando numa casinha de pescador de chão batido em Areia Preta, em 14 de setembro de 1947.

Quero aqui assumir o compromisso de tentar pôr em prática a sugestão de Veríssimo de Melo de procurar reunir algo dos poemas que Damasceno publicou em jornais para que as novas gerações possam conhecer sua poesia. Consegui dela obter uma solitária e pequena amostra, que recito aqui para reviver-lhe os versos, na ilusão de cumprir o que disse Shakespeare ao final de seu famoso Soneto XVIII.

Eis, Senhoras e Senhores, *Insaciável*, de Damasceno Bezerra:

*Cento e um sonhos, contigo! E nunca é tarde  
para um sonho em nossa alma achar guarida!  
Na chama eterna dos desejos arde  
o coração que sempre amou na vida.*

*O crepúsculo ainda não encarde  
o esplendor do meu dia! fronte erguida,  
seguirei, sem que nunca me acovarde,  
pela estrada cem vezes percorrida.*

*Vamos amar, agora, que me queres!  
esquece tudo e todos nos meus braços,  
quase cansados de enlaçar mulheres...*

*Que eu sinta em ti o aroma dessas flores  
que colhi e o calor desses regaços  
onde dez vezes dez morri de amores.*

Se a simples enunciação do nome do Patrono e a declamação em voz alta de seus versos já servem para manter viva sua memória, em relação ao Fundador e até há pouco escoteiro sucessor da cadeira, Raimundo Nonato Fernandes, é muito mais fácil. Porque este foi contemporâneo da maioria dos presentes, que o conheceram como jornalista, professor e, principalmente advogado. Dele me disse meu pai, Múcio Vilar Ribeiro Dantas, que, em sua geração, só lhe via igual em Hélio Mamede de Freitas Galvão, outro jurista notável que iluminou esta Casa.

Resumindo-lhe a biografia, escreveu o meu agora confrade e eterno professor Carlos Roberto de Miranda Gomes:

*Natural de Pau dos Ferros, nascido em 26 de janeiro de 1918.*

*Iniciou seus estudos na sua terra natal e, enviado para Natal foi matriculado no Colégio Pedro Segundo. Contudo, as dificuldades financeiras da família obrigaram a tirá-lo para ingressar no tradicional Atheneu (...).*

*Mudando-se para a cidade do Recife no ano de 1938, ali se preparou para o curso superior, conquistado na tradicional Faculdade de Direito do Recife, Turma 1944 (...).*

...

*Seu vasto conhecimento do Direito e da Filosofia Jurídica permitiu que também lecionasse as cadeiras de Introdução à Ciência do Direito, Ciência das Finanças, Direito Constitucional e Teoria Geral do Estado, cátedra que exerceu até 1981.*

*Registram os historiadores a sua colaboração, ainda estudante, na defesa de presos políticos em decorrência da Insurreição de 1935, ajudando os advogados Djalma Aranha Marinho e ao lado de Hélio Galvão e Antônio Soares Filho, redigindo pedidos de 'habeas corpus' para os insurretos.*

*Na vida funcional foi Oficial de Gabinete da Interventoria do Estado no período de 1942 a 1943 – Rafael Fernandes, Assistente-Chefe do Serviço estadual de Reeducação e Assistência Social, Adjunto de Promotor em Ceará-Mirim, Procurador da LBA, eleito Procurador Judicial do Aéro Clube em 1948, Procurador contratado da Prefeitura Municipal de Natal, Secretário de Negócios Internos e Jurídicos da mesma Prefeitura, Procurador da Associação Norte-rio-grandense de Imprensa, Membro e Presidente do Conselho Penitenciário do Estado, Procurador do Estado, Consultor Geral do Estado em vários governos, como os de Dinarte Mariz, Aluizio Alves, Monsenhor Walfredo Gurgel, Tarcísio Maia e José Agripino, o que comprova a sua isenção política, sempre com um comportamento irreprochável.*

*Uma breve incursão na carreira política o fez lograr eleição*

*como Vereador à Câmara Municipal de Natal. No entanto, dois meses após a posse renunciou e nunca mais concorreu a qualquer cargo eletivo, por não ser do seu ideário e conflitar com sua carreira de advogado.*

*Atuou no jornalismo nos jornais A República, Diário de Natal e Rádio Poti, ao lado de intelectuais consagrados como Eloy de Souza, Edgar Barbosa e Eider Furtado.*

...

*Como advogado ocupou a vaga de jurista no Tribunal Regional Eleitoral do nosso Estado no período 1972 a 1974.*

*Na Ordem dos Advogados do Rio Grande do Norte foi várias vezes Conselheiro e seu Vice-Presidente. Foi o Primeiro Presidente do Tribunal de Ética, colaborador incansável na elaboração das mais importantes leis do Estado, notadamente em suas Constituições.*

Partiu ele para a verdadeira imortalidade – a celeste – em 3 de julho de 2015. Conheci Raimundo Nonato e tive o privilégio de gozar de seu apreço. Iniciando na advocacia, recebi alguns clientes que ele me indicou. Tive ainda a honra de ser seu confrade na coirmã Academia de Letras Jurídicas do Rio Grande do Norte, onde ele ocupava a cadeira 16, cujo Patrono é o grande Miguel Seabra Fagundes, e na qual foi sucedido pelo meu querido e fraternal amigo, o Desembargador Federal e hoje professor da Faculdade de Direito do Recife Edilson Pereira Nobre Júnior.

Raimundo escreveu excelentes trabalhos. Professor de Direito Administrativo que infelizmente não alcancei no Curso de Direito da UFRN. Sua opinião era respeitadíssima não apenas aqui mas em todo o Brasil. Artigos publicados em revistas jurídicas do Rio de Janeiro e São Paulo e citações dos maiores doutrinadores da área o demonstram. Destaco alguns: *Os alcoólatras em face do Direito Penal; As transformações do Direito no último século; O problema da simplificação do processo legislativo; Cláusula Penal; As novas técnicas do Direito Público; Da concessão de uso de bens públicos; Da formação, execução e extinção do contrato administrativo; Apuração de dano direto em in-*

*quérito administrativo; Do procedimento disciplinar na função pública; Revelia e outros problemas de processo civil* – primeiro trabalho de sua lavra que li; e *Estabilidade na disposição transitória da Constituição*. A Revista da Procuradoria-Geral do Estado do Rio Grande do Norte publicou uma edição especial sob o título *Raimundo Nonato Fernandes: mestre do direito e paradigma de dignidade*.

Mas produziu muito também fora da seara estritamente jurídica, especialmente quando militava mais ativamente na imprensa potiguar: *Amaro Cavalcanti e os problemas do Direito e da Política; Euclides da Cunha, Os Sertões e a questão social; Aspectos da educação da mulher na sociedade contemporânea; O homem Euclides da Cunha; A função militar e a vida civil; e Justiça e ideologia*.

Não me será fácil, portanto, ser-lhe um sucessor à altura. Mas eu não me iludo: Senhoras e Senhores, sei que não estou aqui por mérito literário, mas pela bondade quase delirante – no sentido daquela loucura santa, a loucura filosófica de Erasmo de Roterdã, de que fala Francisco de Assis Câmara em mais um livro brilhantíssimo que sairá assim que eu terminar o prefácio que ele me encomendou e do qual ainda não me desincumbi, porque o ano passado foi de muitas novidades e encargos, Presidência do Tribunal Federal da 5ª Região e depois assunção de um lugar na bancada do Superior Tribunal de Justiça – dizia eu: bondade quase delirante do nosso Presidente Diógenes da Cunha Lima e de uma plêiade de outros acadêmicos como o primo Jurandyr Navarro, os professores José Augusto Delgado, Ivan Maciel de Andrade, Carlos Roberto de Miranda Gomes e Eider Furtado de Mendonça e Menezes, amigos como Vicente Se-rejo, Cláudio Emerenciano, Manoel Onofre Júnior, Sonia Fernandes Faustino, João Batista Pinheiro, Valério Mesquita, Carlos Ernani Rosado Soares, os nunca suficientemente pranteados Ticiano Duarte e Agnelo Alves. Paulo de Tarso Correia de Melo, Francisco Fausto, Murilo Melo Filho, Côn. José Mário de Medeiros, João Wilson Mendes Melo, Itamar de Souza, Iaperi Araújo, Paulo Balá Bezerra, Paulo Macêdo, Armando Negreiros, José de Anchieta Ferreira, Nestor dos Santos Lima, Dorian Gray Caldas, Pe. João Medeiros Filho, Diva Cunha, Leide Câmara, João Batista Machado, Lenine Pinto, Elder Heronides, Benedito Vasconcelos Mendes, além de um grupo de outros amigos, que desejo homenagear nas pessoas da prima La-



linha Barros e de Nelson Patriota, que fizeram um complô do bem para trazer-me para cá, sem que eu precisasse sequer fazer campanha, porque atravessava um momento particularmente difícil, em 2013, que essa rede benfazeja ajudou a suportar e transpor.

Agradeço a esses, a outros de meu círculo de amizades que me apoiaram, e a todos os presentes neste dia de São Sebastião. Em meu nome e em nome da minha família, especialmente minha mulher, Maria Ariadna, meus filhos, Marcelo e Helena, meus sogros, Vivi e José, irmãs e irmão, cunhadas e cunhados. Vocês reforçam minha fé no bem. Apesar de tudo o que vemos neste mundo tão difícil e nestes tempos tão tenebrosos, temos de marchar, como manda o nosso lema, *em direção à luz*.

O escritor e educador americano Keith M. Kent escreveu *The Paradoxical Commandments*, texto que, segundo consta, impressionou Madre Teresa de Calcutá a ponto de ela haver pendurado um quadro deles na parede de seu orfanato. Fiz uma tradução de *Os Mandamentos Paradoxais*, para proclamar, aqui, de público, essa minha convicção, essa minha crença no bem:

*As pessoas são ilógicas, irracionais e egocêntricas. Ame-as assim mesmo.*

*Se você fizer o bem, as pessoas vão acusá-lo de ter uma motivação egoísta por trás de seus atos. Faça o bem assim mesmo. Se você tiver êxito, vai ganhar falsos amigos e inimigos verdadeiros. Tenha êxito assim mesmo.*

*O bem que você fizer hoje vai ser esquecido amanhã. Faça o bem assim mesmo.*

*Honestidade e a franqueza fazem você vulnerável. Seja honesto e franco assim mesmo.*

*Os maiores homens e mulheres com as maiores ideias podem ser derrubados pelos menores homens e mulheres com as mentes mais estreitas. Pense grande assim mesmo.*

*As pessoas têm pena dos coitadinhos mas só seguem os cavaleiros. Lute por alguns coitadinhos assim mesmo.*

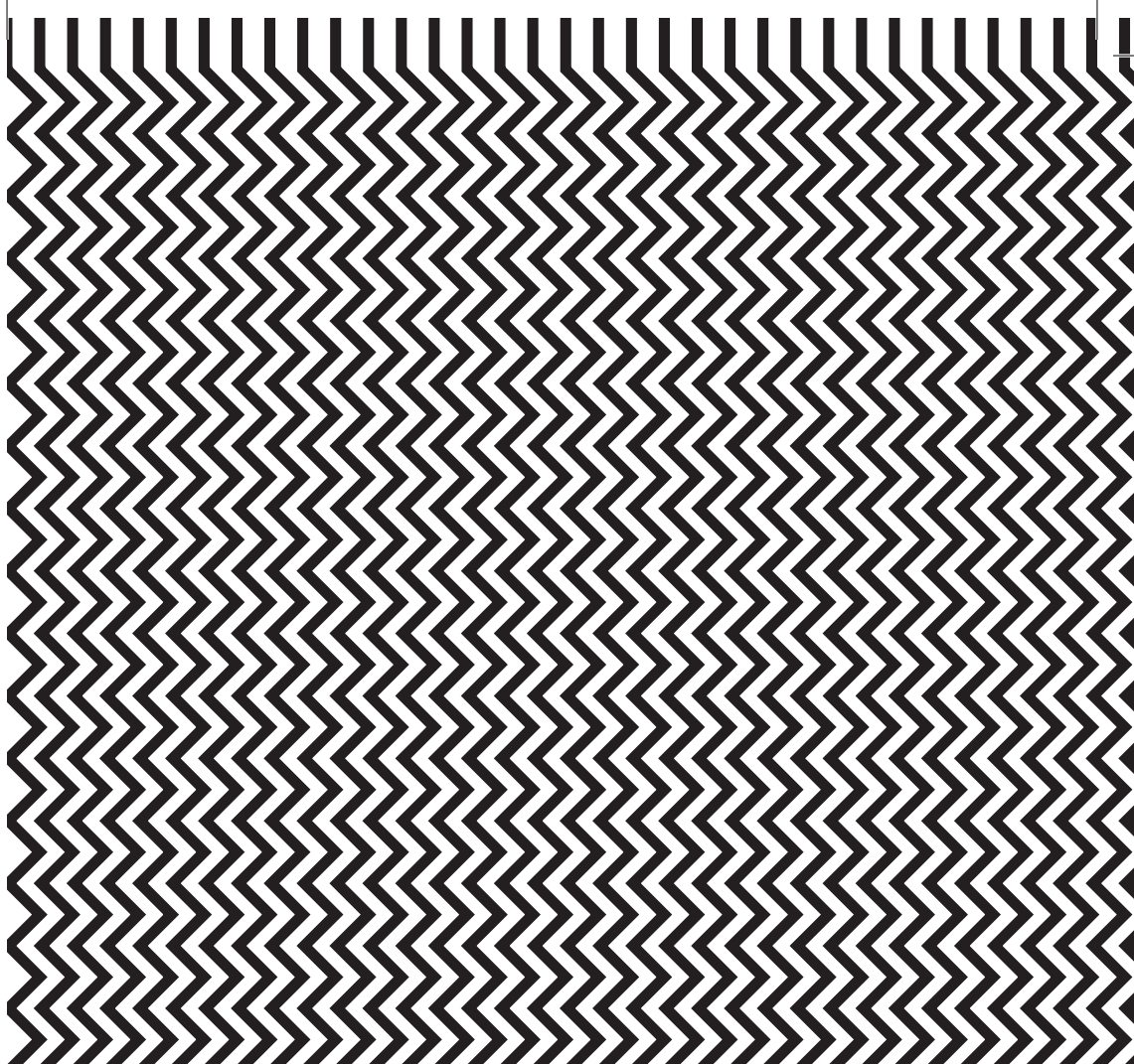
*O que você passa anos construindo pode ser destruído da noite para o dia. Construa assim mesmo.*

*As pessoas realmente precisam de ajuda, mas podem agredi-lo se você as ajudar. Ajude as pessoas assim mesmo. Dê ao mundo o seu melhor e você vai levar um chute nos dentes. Dê ao mundo o seu melhor assim mesmo.*

O maior dos norte-rio-grandenses, Luís da Câmara Cascudo, nume tutelar desta academia, escreveu, e eu repito com ele:

*Creio na bondade sem a garantia prévia da gratidão. Sem que se assegure da memória devedora. Sem que se estabeleça, pelo ato generoso, uma servidão vitalícia no beneficiado. Bondade paga-se no puro e simples ato de sua realização. Como um fruto justifica a existência útil da árvore. Bondade antevendo a recompensa é apólice de sociedade mutualista rendendo do capital intocável do favor inicial. Os pássaros não são devedores dos frutos e da água da fonte. Eles testificam, perante a natureza, a continuidade da missão cultural.*

Por isso encerro dizendo: muito obrigado. Muito obrigado. Muito obrigado. Deus nos abençoe.



# NECROLÓGIOS

# PROFESSOR HERMÓGENES

*Manoel Onofre Jr.*

Se tivéssemos, em nosso Estado, um panteão ou memorial destinado ao culto cívico dos seus ilustres filhos, nele não poderia faltar o nome de José Hermógenes.

Precursor da Ioga no Brasil, Prof. Hermógenes, como era mais conhecido, notabilizou-se pelo trabalho, que realizou com afinco, em prol da divulgação desse sistema, granjeando reconhecimento não só em todo o País, mas também no exterior. Escreveu dezenas de livros, fundou e dirigiu, no Rio de Janeiro, a Academia Hermógenes de Ioga, entre outras atividades, que o consagraram como verdadeiro mestre. Para honra de todos nós, membros da Academia Norte-riograndense de Letras, ocupou a cadeira nº20 desta instituição.

Eis uma trajetória existencial a servir de exemplo para as novas gerações:

José Hermógenes de Andrade Filho nasceu em Natal, no dia 09 de março de 1921. Tendo concluído, em sua terra-berço os estudos fundamentais, matriculou-se na Escola Militar do Rio de Janeiro, cidade onde terminou por fincar raízes. Ainda jovem, já seguindo a carreira militar, mas ainda não reconhecido como professor, foi diagnosticado com tuberculose avançada e submetido a cirurgia. Teve a vida por um fio. Nesse transe veio a descobrir os benefícios da ioga para a saúde física e mental.

Numa entrevista concedida ao escritor Sanderson Negreiros, publicada originalmente no jornal “O Poti”, de Natal, em 5 de março de 1971, e depois incluída no livro “Na Direção do Relâmpago” (Natal, 2001), ele próprio conta os fatos que mudaram o curso da sua vida. Vale a pena transcrever *ipsis litteris* as suas palavras:

“Como encontrei o Ioga a partir da doença que me prendeu ao leito por três anos ? Por excesso de trabalho e traumatismos morais, contraí uma tuberculose que, quando descoberta, já estava adianta-

díssima. Atacara gravemente os dois pulmões e a laringe. Tratei-me com a terapêutica da época : pneumotórax, pequena intervenção, antibióticos, repouso e alimentação abundante. Vencida a infecção, ficou-me outra doença, talvez igualmente séria : desânimo, ameaças de recaída, uma vida excessivamente limitada, envelhecimento precoce adiantado e obesidade (95 cm de cintura não é brincadeira...). Senti-me condenado a uma semivida infausta, sem os encantos da juventude, sem liberdade, sem viço, sem alegria. Foi, então, que li um livro sobre Ioga. Era bom para motivar, mas não para abrir caminho. Fiquei sedento pela fascinante aventura, mas não pude contar com um guia á altura do autodidatismo, segundo livros que estudei – de Selvajaram Yesidiam – serviu-me por seu método prático. Por ele atirei-me a uma aventura que poderia terminar em desastre ou liberação. Graças a Deus, libertei-me. Sarei. Revivi. Enriquecido de energia, ânimo, alegria, serenidade, vi minhas roupas ficando folgadas. Dali em diante passei a viver. Não mais a vida que conhecera antes da doença, mas a verdadeira vida, que somente os que venceram a forma e o nível de existência vulgar conquistaram. Hoje, sou muito agradecido àquela abençoada tuberculose, que me enriqueceu a existência, reaproximando-me de Deus”.

Em 1960, Prof. Hermógenes publicou o primeiro livro sobre a temática de sua especialidade – “Auto perfeição com Hatha Yoga” - , obra que obteve larga repercussão. Três anos depois, abriu, no centro do Rio, a Academia Hermógenes de Yoga. Como ele próprio disse, na entrevista já referida, a Academia foi criada como consequência do êxito do seu livro. Era preciso demonstrar na prática o que o livro apontava como solução. Fiel ao lema latino – *Mens sana in corpore sano* - , a Academia representou para ele “um laboratório e um santuário”. Por ela passaram dezenas de milhares de seres humanos “em busca de saúde, tranquilidade e transformações definitivas em suas existências.”

“O capítulo da medicina, onde maiores e mais espetaculares resultados têm sido obtidos na Academia, é o das doenças psicógenas, as de origem psico-emocional” – adiantou o mestre.

Realizando-se, plenamente, na carreira militar, José Hermógenes chegou ao posto de Major do Exército brasileiro, e reformou-se

como Tenente-Coronel. Tornou-se, então, o Prof. Hermógenes, e pôde dedicar-se por inteiro à Ioga. Foi um dos pioneiros do estudo e divulgação da mensagem de Sathya Sai Baba no Brasil. Traduziu obras relevantes do famoso guru para o português : “O Fluir da Canção do Senhor” ( Gita Vahini) e “ Sadhana, o Caminho Interior”.

Prof. Hermógenes – vale ressaltar – era um mestre que se julgava eterno aprendiz. Na entrevista já referida, ele disse, textualmente:

“A rigor, o mundo que me rodeia, as pessoas que encontro, cada fração de segundo que vivo, tudo, enfim, me ensina. Portanto, o Mestre está sempre presente. Até os que me traíram são mestres, pois contribuíram para que minha experiência aumentasse. Há , no entanto, sábios mais avançados, na direção de Deus, que, por já terem percorridos a estrada, podem nos guiar com amor e lucidez. O guru é um Mestre inteiramente realizado e com poderes de conduzir o discípulo à meta final. Os mestres são raros, pois os que merecem ser discípulos, são também raros”.

José Hermógenes de Andrade Filho faleceu no Rio de Janeiro, em 13 de março de 2015, e seu corpo foi cremado na capital fluminense. Deixou duas filhas, seis netos e nove bisnetos.

Era doutorado em Yogaterapia pelo World Development Parliament da Índia e Doutor Honoris Causa pela Open University for Complementary Medicine. Entre as honrarias que lhe foram concedidas constam a Medalha de Integração Nacional de Ciências da Saúde, o Diploma di Ónore no IX Congresso Internacional de Parapsicologia, Psicotrônica e Psiquiatria ( Milão, 1977) e a Medalha Tiradentes, da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, pelo bem-estar e benefícios á saúde que as suas obras propiciaram aos brasileiros. Em 1988, foi escolhido Cidadão da Paz do Rio de Janeiro.

Dentre os livros de sua autoria, enumeram-se, além do citado, os seguintes: “Canção Universal”, “Yoga: Caminho para Deus”, “Superação”, “Yoga” : “Paz com a vida”, “Silêncio, Tranquilidade, Luz”, “Cintilações” – I e II, “Saúde Plena: Yogaterapia”. Destaca-se, igualmente, a coleção intitulada “ Sabedoria de Hermógenes”, em 3 volumes, com organização e seleção de textos pelo escritor Fredímio B. Trotta.

A esse homem de boa vontade, cuja memória reverenciamos, ajusta-se perfeitamente o epíteto “ varão de Plutarco”. Quando o entrevistou, em 1971, o escritor Sanderson Negreiros teve para com ele estas palavras que bem o definem: “ Sobretudo, é um homem que se encontrou a si mesmo – e é feliz”.

Como fecho deste necrológio, transcrevo a seguir o poema, “ Se” do livro “ Canção Universal”, de autoria de Hermógenes, no qual encontra-se muito de sua filosofia de vida, e é, sem dúvidas, uma de suas mensagens mais expressivas.

Se, ao final desta existência,  
Alguma ansiedade me restar  
E conseguir me perturbar;  
Se eu me debater aflito  
No conflito, na discórdia...

Se ainda ocultar verdades  
Para ocultar-me,  
Para ofuscar-me com fantasias por mim criadas...

Se restar abatimento e revolta  
Pelo que não consegui  
Possuir, fazer, dizer e mesmo ser...

Se eu retiver um pouco mais  
Do pouco que é necessário  
E persistir indiferente ao grande pranto do mundo...

Se algum ressentimento,  
Algum ferimento  
Impedir-me do imenso alívio  
Que é o irrestritamente perdoar,

E, mais ainda,  
Se ainda não souber sinceramente orar  
Por quem me agrediu e injustiçou...

Se continuar a mediocrementemente  
Denunciar o cisco no olho do outro  
Sem conseguir vencer a treva e a trave  
Em meu próprio...

Se seguir protestando  
Reclamando, contestando,  
Exigindo que o mundo mude  
Sem qualquer esforço para mudar eu...

Se, indigente da incondicional alegria interior,  
Em queixas, ais e lamúrias,  
Persistir e buscar consolo, conforto, simpatia  
Para a minha ainda imperiosa angústia...

Se, ainda incapaz  
para a beatitude das almas santas,  
precisar dos prazeres medíocres que o mundo vende...

Se insistir ainda que o mundo silencie  
Para que possa embeber-me de silêncio,  
Sem saber realizá-lo em mim...

Se minha fortaleza e segurança  
São ainda construídas com os materiais  
Grosseiros e frágeis  
Que o mundo empresta,  
E eu neles ainda acredito...

Se, imprudente e cegamente,  
Continuar desejando  
Adquirir,  
Multiplicar,  
E reter  
Valores, coisas, pessoas, posições, ideologias,  
Na ânsia de ser feliz...



Se, ainda presa do grande embuste,  
Insistir e persistir iludido  
Com a importância que me dou...

Se, ao fim de meus dias,  
Continuar  
Sem escutar, sem entender, sem atender,  
Sem realizar o Cristo, que,  
Dentro de mim,  
Eu sou,  
Terei me perdido na multidão abortada  
Dos perdulários dos divinos talentos,  
Os talentos que a Vida  
A todos confia,  
E serei um fraco a mais,  
Um traidor da própria vida,  
Da Vida que investe em mim,  
Que de mim espera  
E que se vê frustrada  
Diante de meu fim.

Se tudo isto acontecer  
Terei parasitado a Vida  
E inutilmente ocupado  
O tempo  
E o espaço  
De Deus.  
Terei meramente sido vencido  
Pelo fim,  
Sem ter atingido a Meta.

# AGNELO ALVES

*Pe. João Medeiros Filho*

Apesar de regimentar e protocolar, o elogio fúnebre é uma oração que o acadêmico não gosta de proferir. É uma peça literária com um misto de dor, saudade e recordação de um colega, com quem convivemos e aprendemos, durante anos. O sentimento é mais forte ainda, quando se trata não somente de um confrade mas também de um amigo, do qual privamos da amizade, antes e depois do ingresso nesta Casa de Câmara Cascudo. Amizade sim entre um cristão e um sacerdote, a quem ele expunha suas dúvidas místicas e transcendentais. Vêm à nossa mente, neste instante, os versos do poeta latino: “*Infandum , regina, iubes renovare dolorem*”? (Eneida II,3). “*Por que, rainha, pretendes renovar essa dor*”? Sabemos bem que ela faz parte da grandeza da alma e a eleva.

Deveria pronunciar esta oração, em 27 de agosto, o nosso querido e admirado Ticiano Duarte, que o Grande Arquiteto do Universo chamou para perto de si, marcado de tristeza e saudades esta casa, deixando-nos como confrades três primos seus: Ivan Maciel de Andrade, Valério Alfredo Mesquita e recentemente Maria Eulalia Duarte Barros.

Entendemos que o elogio fúnebre não se trata apenas de uma análise ou crítica literária da obra do acadêmico que nos precede na glória eterna. É o cântico da beleza desta pessoa e a exaltação de suas virtudes e qualidades, como legado aos que ficam e aos que virão. A literatura é tão somente parte integrante, não o todo de uma vida. A teoria literária clássica fala de literatura oral, escrita e icônica. Agnelo sem pensar explicitamente e de forma espontânea, dominou os três gêneros da expressão literária.

*Per transennam*, gostaríamos de lembrar que o jornalista e político, em centenas de crônicas no rádio, revelou, durante décadas, um estilo próprio, direto, conciso, irreverente, por vezes crítico e satírico, à lá Gregório de Mattos, o Boca do Inferno. Por tal razão e assim considerado, esta Augusta Casa de Câmara Cascudo, em sua sessão de 15 do corrente mês, instituiu a medalha de Mérito Jornalístico com o nome do nosso homenageado, a ser concedida a todos aqueles que se destacarem pela militância jornalística neste Estado. Agnelo construiu assim, por meio de

tantas falas e intervenções no rádio e na televisão, toda uma literatura oral, que marcou o Rio Grande do Norte, especialmente a Cidade do Natal. Nos jornais, do Rio de Janeiro e do Natal, deixou sua marca de mestre da palavra. Agnelo fora um escritor, desde sua juventude. E escritor não é apenas o que publica livros (isto é parte do seu pensamento). Escritor é também aquele que expõe ideias, canta a humanidade e o mundo no livro da vida. Por isso, Agnelo já ocupava a academia da vida para depois ser consagrado ao ingressar na academia formal, esta à qual pertencemos, e que procura guardar o registro de parte do nosso pensamento e de nossos sentimentos. Foi a sua literatura, *stricto sensu*, na concepção universitária. À imitação dos monges medievos – que antes da invenção da imprensa assinalaram em vitrais, imagens e obras de arte suas ideias, ensinamentos e catequese – os maiores escritos de nosso homenageado estão presentes a céu aberto nas ruas de Parnamirim. As catedrais e os mosteiros tradicionais da Europa possuem a marca desse estilo de literatura. Agnelo deixou gravada, registrada e construída em obras importantes de Parnamirim sua vida social e política em obras que permanecerão na memória e na cultura dos seus habitantes de hoje e de amanhã.

Mais poderia ser dito a respeito do escritor e literato Agnelo Alves cujas ideias sociais, políticas e econômicas estão gravadas em seus livros, que retratam a sua vida de homem público, mas sobretudo de um humanista com sua grandeza e sensibilidade diante do sofrimento e da dor.

Primeiramente, cabe-nos sublinhar o seu profundo espírito cristão e devocional. À tardinha, já alquebrado, deixando Dona Celina inquieta e preocupada, antes das dezoito horas, saía nosso confrade, contemplando o mar, para ouvir o canto da Ave-Maria pelo rádio do seu automóvel, mostrando sua ligação com Aquela, que, de acordo com a língua católica, é a *Stella Maris*, a mesma Nossa Senhora do Carmo, em cujo dia veio a este mundo, nos idos de trinta e dois.

Ressaltam-se primeiramente sua humildade e modéstia. Certa feita, mesmo após a sua eleição para esta Academia – que selou o reconhecimento de sua obra de jornalista – perguntou-nos se era digno desta Casa e se objetiva e realmente era um escritor. Respondemos lembrando que não fizera concurso para uma cátedra de docente de teoria literária, tampouco veio para defender tese universitária de doutorado ou livre docência. A sua literatura era antes de tudo a riqueza de sua alma, o seu pensar e a sua visão da vida e do mundo. É assim que se faz o verdadeiro literato.

Gostaríamos de evocar alguns fatos e fazer alguns paralelos para melhor traçar o perfil de nosso confrade, conhecido muito mais dos palanques, dos microfones de rádio e televisão, das crônicas dos jornais, mas pouco analisado em sua obra e personalidade. Ousaríamos compará-lo a uma figura icônica e importante da vida pública italiana do século passado: Giorgio La Pira.

Há mais de setenta anos, La Pira, perseguido o oficialmente silenciado pelo regime totalitário fascista, refugiou-se na Pontifícia Universidade Lateranense de Roma. Ali, questionado por Ennio Antonelli, futuro Cardeal Arcebispo de Florença, por que continuava como militante e ativista político, respondeu:

*“Monsenhor, os verdadeiros políticos e os padres não se aposentam, por que são servidores. Busco inspiração em Cristo, quando dissera: Eu vim, não para ser servido, mas para servir e dar a minha vida para o bem-estar de muitos (Mt 20,28)”.*

Palavras semelhantes poderiam ter saído dos lábios de Agnelo, se idêntica indagação lhe tivesse sido feita pelo seu discreto amigo Dom Nivaldo Monte, bálsamo divino nas suas horas de tristeza e angústia, quando o fora visitar na prisão e revelou seu desejo de não abandonar a política. A perseverança e a tenacidade foram companheiras inseparáveis do nosso homenageado até à sua morte.

Sabemos que, após exercer relevantes cargos na Itália, o jornalista La Pira renunciou a tudo para ser simples prefeito de Florença. Giorgio tivera uma extraordinária experiência de homem político e cristão, capaz de unir sua fé à atividade social, com uma dedicação aos simples e a quantos sofrem. Foi também este o exemplo de Agnelo Alves, como prefeito de Parnamirim! Abandonou uma das importantes casas legislativas do país para se dedicar à prefeitura da sua querida Cidade, outrora considerada dormitório de Natal. Assim escrevemos no prefácio do seu livro **Parnamirim e Eu**:

*“Desceu da tribuna do Senado para limpar os pés dos enlameados de Parnamirim, sem calçamento e sem esgoto. Suas inúmeras e importantes obras : escolas, creches, ruas pavimentadas, saneamento, iluminação, postos de saúde, hospitais, passarelas, orçamento participativo, valorização do servidor público e sobretudo do cidadão fazem parte do desenvolvimento e da história de sua querida Parnamirim”.*

Voltemos a La Pira. Numa carta a seu amigo Amintore Fanfani, escreveu palavras de uma surpreendente atualidade, análogas àquelas proferidas por Agnelo em um dos seus pronunciamentos: Dissera o prefeito de Florença:

*“Se há alguém que sofre, tenho um dever preciso: intervir de todos os modos, com toda a capacidade que o amor sugere e que a lei permite, para que o sofrimento seja diminuído ou suavizado. O dinheiro do povo é sagrado. A prefeitura não nos pertence. Não se toca impunemente num ou noutra! Isto não é comunismo, socialismo, marxismo. É Evangelho”!*

Assim escreveu Agnelo, em 15 de fevereiro de 2006:

*“Houve um momento, ainda convalescente, quando proibido de subir as escadas, em que não titubeei um instante, mesmo contra a proibição médica e desentendendo às zelosas advertências de amigos e auxiliares, fui onde achei do meu dever ir. Subi escadas e a todos declarei que me sentiria o pior dos homens, sem merecimento para o restabelecimento de minha saúde, se a saúde dos parnamirinos, entregue aos meus cuidados, não tivesse um ato de intervenção que se fazia necessário”.*

Agnelo Alves carregava em seu coração a inquietude dos jovens e a rebeldia dos inovadores. Não aspirou ao poder pelo poder, pois este não pertence aos homens, mas a Deus. *Omnis potestas a Deo* (todo poder vem de Deus), afirmou São Paulo aos cristãos de Roma (Rm 13,1). E também Santo Ambrósio, que fora prefeito e bispo de Milão, inspirado na parábola dos talentos, pregava que *o poder é um empréstimo dado por Deus a ser pago com maior rendimento*. Nesta direção nosso homenageado escrevera: *“Feliz é aquele que serve. Não amo o poder. Tanto que dois terços de minha vida pública foram na oposição. Amo, sim, o trabalho que posso fazer”.*

Tivemos a honra de prefaciá-lo seu livro **Parnamirim e Eu**. Esta obra assevera-se num verdadeiro registro de um momento de sua caminhada, onde se encontram a criatividade e o saber ouvir, o ter pouco e saber repartir, a generosidade e a doação diante do sofrimento e das necessidades dos seus irmãos. Ali podemos verificar o que diz o profeta: *Eu ouvi o clamor do meu povo* (Ex 3,7).

É do conhecimento público que Agnelo era um incansável. Teria direito ao ócio com dignidade (*otium cum dignitate*). Mas, seguiu as palavras de Francisco de Assis, santo e poeta, quando afirmou: *Não posso cruzar os braços se meus irmãos tem fome. Não consigo dormir se*

*o meu próximo geme de dor.* E depois de dedicar sua vida aos pobres, acrescentou: *Fiz pouco ainda pelos meus irmãos. É hora de começar a amá-los.* É essa forma de amor pelo outro que levava Agnelo Alves, jornalista e político, a pensar diariamente o que fazer e como fazer pelo bem do próximo. Quem um dia ouviu Deus no sofrimento e na doença, sabe que há sempre algo a fazer pelo próximo, seja em Parnamirim, como prefeito, ou no Rio Grande do Norte, como deputado estadual.

Agnelo viveu a dimensão da fraternidade, ao edificar e fazer deslanchar Parnamirim. Poderíamos dizer que agiu, como se tivera ouvido as palavras de Guy de Larrigaudie, inspirado na teologia do amor ao próximo, quando assim se expressou: *“É tão importante descascar batatas por amor a Deus e aos irmãos, quanto edificar catedrais”* Agnelo construiu a catedral viva do bem-estar dos habitantes de Parnamirim e escreveu no livro do tempo a história da vida nova de um povo!

Certa feita, Agnelo dissera na varanda de nossa casa, em Emaús, que era um aprendiz da vida. Na verdade, para um homem até mesmo sábio, aprender sempre mais, nada tem de vergonhoso. Tampouco o tem, não deixar de ser obstinado.

Agnelo continuou com essa sua obstinação e santa teimosia. Os profetas, os jornalistas, os poetas e os santos são obstinados e criativos. A política verdadeira é um carisma ; por conseguinte, um dom de Deus a serviço dos homens. Nosso confrade, hoje homenageado, seguiu os caminhos de sua consciência. Cabe dizer que para os fortes e nobres de espírito não é a idade que nos faz parar de agir nem a doença que nos impede de amar. Agnelo agira assim. Não se deixara abater com a sua grave enfermidade e o palanque lhe dava ânimo e forças, bem como inspiração para servir e escrever o poema da vida.

Nestes últimos oito anos, tivemos a alegria de conviver mais de perto com um Agnelo, sem mágoas e ressentimentos, de mãos dadas com a paz, sereno e confiante, amando viver, dedicando-se ao trabalho, agradecendo a Deus o dom da existência e fazendo brotar os doces frutos da vida.

Não podemos esquecê-lo, em seus artigos, crônicas e comentários na mídia. Como um artesão das letras, dominava a palavra, ironizava por vezes o poder e mostrava-nos a necessidade da coerência e a importância da autenticidade. Nosso homenageado revelou-se, ao longo dos anos, um jornalista audaz e bem informado. Ele mesmo

confessou: “*Não consigo fazer adormecer em mim o repórter que sou por vocação e destino. Não tenho escolha*”.

Convém frisar que ele sempre acreditou numa tribuna sem ira e numa imprensa sem restrições. Por isso, repudiara as ditaduras de todo gênero, militares ou civis, coroadas ou populares. Ao longo de sua existência, soube conjugar o exercício da vida pública com a vocação de jornalista, como já o dissemos no discurso de recepção, quando de sua posse nesta Casa, em 11 de agosto de 2012. Fez-nos lembrar Ruy Barbosa, quando, ao ser empossado no Instituto dos Advogados, exclamou: *“Duas vocações tenho amado sobre todas: a imprensa e a política*. E Acrescentou, justificando as razões desse compromisso: *“Numa e noutra me votei sempre à liberdade e à verdade*.

Como jornalista político, Agnelo sempre defendeu o dever de informar sem omissões, empenhando-se em fixar critérios para tornar a imprensa o escudo em que a sociedade se resguarde da mentira oficial e permita preparar melhor o Estado, colocando-o em condições de servir à comunidade e não aos governantes. Endossava, deste modo, as palavras de Dom Helder Câmara, quando pregava: “*Nunca se deve encobrir ao público circunstância alguma da verdade, quaisquer que sejam os inconvenientes de sua divulgação. Eis a moral dos povos livres*”!

Em **Crônicas de outros tempos e circunstâncias, Parnamirim e Eu, Cartas ao Humano**, entre seus escritos, nosso confrade e amigo Agnelo Alves revelou a sua personalidade de escritor, político, mas, sobretudo, de um homem, marcado pela doença, pelas lutas e pelo sofrimento, ao longo dos anos.

Uma frase iluminava seu modo de ser e viver, quando escreveu em **Cartas ao Humano**, repetida em **Parnamirim e Eu**: “*Não quero ter um coração movido a ódio, mágoa ou rancor. Convencido que sou de que um homem ressentido é uma criatura infeliz*”. Na verdade, ousaríamos acrescentar, o ódio resseca e a raiva empobrece o coração do homem.

Seu amor pela vida lhe deu forças para vencer todas as vicissitudes, desde a deplorável repressão político-militar – que o levou ao confinamento e ostracismo, mas não lhe tolheu a liberdade de espírito – até as limitações de saúde. Por isso tudo, Agnelo é imortal. Permanece vivo na sua descendência, na memória desta Casa e no coração do seu povo!

## Situação em março de 2016

<b>Cadeira</b>	<b>Patrono(a)</b>	<b>Primeiro(a) Ocupante</b>	<b>Sucessores(as)</b>
1	Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Cláudio Emerenciano.
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado.
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira.
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves, Cassiano Arruda (eleito).
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr.
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral.
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota (eleito)
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas.
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra.
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto, Eulália Duarte Barros (eleita).
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Negreiros.
15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto.
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes.
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluizio Alves, Ivan Maciel de Andrade.



18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho.
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho.
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho, Jarbas Martins (eleito).
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita.
22	Côn. Leão Fernandes	Côn, Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Meneses, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Faustino.
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo.
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandyr Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluísio Azevedo, Diva Cunha.
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara.
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado.
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine, Carlos de Miranda Gomes.
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto.
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte (vaga).
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado.
37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes.
38	Luís Antônio	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes.
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas.
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	

**Offset**  
Gráfica e Editora

Este livro foi impresso em cartão Duo Design 250g. (capa) e  
Pólen Bold 90g. (miolo) pela Offset Editora, Natal/RN, em março/2016.

[www.offsetgrafica.com.br](http://www.offsetgrafica.com.br)